

Prefácio

Por quase três anos, Mari Perron ouviu uma voz interior, como se fosse um ditado. Ela transcreveu o que ouviu. O resultado, não editado, é *Um Curso de Amor*. Ele afirma explicitamente que é uma “continuação” de *Um Curso em Milagres*, embora não exista uma conexão formal entre os dois cursos. Ambos os cursos foram recebidos de maneira idêntica. Em ambos, Jesus não deixa dúvidas acerca de sua identidade, como sendo a Fonte.

Os dois cursos foram recebidos com aproximadamente 30 anos de intervalo entre eles. Helen Schucman recebeu *Um Curso em Milagres* ao longo de um período de sete anos, do final dos anos sessenta até o início dos anos setenta; Mari recebeu *Um Curso de Amor* de Dezembro de 1998 a Outubro de 2001. Ambos os cursos se apresentam com um raro grau de autoridade e inteligência. A natureza espiritualmente pioneira de ambos está muito além do que qualquer uma das duas mulheres poderia ter escrito sozinha. Os familiarizados com *Um Curso em Milagres* reconhecerão o estilo distinto e brilhante, embora a maioria das pessoas provavelmente achará a linguagem de *Um Curso de Amor* consideravelmente menos complicada e mais acessível do que seu antecessor.

O ditado que Mari escreveu referiu-se especificamente a este Curso como uma “continuação do curso didático provido em *Um Curso em Milagres*”. (A.4) Também afirmou:

Enquanto o Curso em Milagres original era um curso de reversão do pensamento e de treinamento da mente, um curso para apontar a insanidade da crise de identidade e desalojar o domínio do ego, o propósito deste curso é estabelecer tua identidade e pôr fim ao domínio do ego. (C:P.8)

Mari Perron cresceu em uma família de classe trabalhadora em Saint Paul, Minnesota (EUA). Na Universidade de Minnesota, se licenciou em letras – inglês; como adulta com três filhos que retornou aos estudos, ganhou o notável Prêmio Jean Keller-Bouvier por sua realização literária. Católica praticante, sentia profundamente sua fé e não tinha interesse particular em outras abordagens à espiritualidade. “Eu queria escrever romances misteriosos e fumar cigarros e ser uma intelectual.” Ela descreve a

si mesma como uma mulher “comum”.

Foi um relacionamento de conexão profundamente pessoal com duas outras mulheres que abriu o caminho para a transmissão de *Um Curso de Amor*. (De maneira similar, aqueles familiarizados com a história de *Um Curso em Milagres* lembrarão que foi a “fala” do colega de Helen, Bill Thetford, de que “tem que haver um outro jeito” de sair do conflito e a concordância com plenitude de coração de Helen, que sinalizaram os eventos que levaram à transmissão através de Helen.) Em 1993, Mari era uma das três administradoras que conduziam um programa externo de estudo para adultos no departamento de serviços de saúde da universidade. A natureza de seus empregos exigia que as três mulheres – Mari, Mary e Julieanne – trabalhassem em estreita cooperação. Aproximadamente na mesma época, Julieanne e Mary descobriram que ambas estavam grávidas e que a data prevista de nascimento de seus bebês era quase a mesma. Julieanne deu à luz um bebê saudável. O bebê de Mary, Grace, tinha uma séria malformação cardíaca. Cinco semanas após seu nascimento e após várias cirurgias, Grace morreu. Embora o forte contraste nas situações das duas mulheres pudesse ter facilmente dividido o grupo, ao invés disso, apenas intensificou sua proximidade. Através da vida e da morte de Grace, as três mulheres se uniram em uma busca por significado profundamente pessoal. Elas leram muitos livros espirituais. Todas elas tiveram experiências e compreensões significativas. Acima de tudo, elas compartilhavam ativamente seus sentimentos e suas descobertas com suas “irmãs espirituais”.

Uma das leituras que as mulheres compartilhavam sugeria que era possível entrar em contato com o “anjo pessoal”. Mari estava cética. No entanto, em 1º de Maio de 1995, ela decidiu tentar ao datilografar uma pequena carta. Sua maneira favorita de se expressar é através da escrita. Ela estava “pronta para perguntar”, embora não esperasse uma resposta. A seguir, é como ela relata o que aconteceu:

“Querido Anjo,

Acho que te senti comigo desde a minha primeira infância, certamente nos momentos de maior tormento em que me dizias que eu era especial, e uma parte de mim acreditava em ti. Agradeço-te. Aquela voz que dizia que eu era especial me manteve vivendo tanto quanto eu podia viver. Sentindo tanto quanto eu podia sentir... É essa parte de mim que está disposta a acreditar que posso falar contigo. É essa parte de mim que diz que isso faz sentido. Falarás comigo?”

A resposta veio imediatamente, meus dedos respondendo e digitando as palavras quase antes que os pensamentos entrassem em minha mente... Não ouvi uma voz distinta da minha. Mas eu sabia que as palavras não eram minhas.

Sente o cheiro da doçura. Tu és doce. Não tentes forçar, nem querer, apenas deixa que venha. Está lá, no meio, entre o pensamento e o sentimento. Respira. Sente teu coração.

Assim, começou o recebimento de mensagens de uma voz que se identificava como um anjo, cujo nome era “Paz”. Mari escreveu mais tarde: “Olho para trás agora e penso em como era simples essa comunicação. Tão infantil. Tão inocente... Foi dada através do ato de pedir.” Em 1995, Mari, Mary e Julieanne decidiram compartilhar sua história com o mundo através da publicação de *The Grace Trilogy* (Hazelden, 1997; disponível como livro eletrônico na Take Heart Publications). Suas experiências com o recebimento de mensagens do anjo Paz acabaram sendo um prelúdio, ou talvez um exercício, para o que estava por vir.

Mari descobriu *Um Curso em Milagres* em 1996.

Li sobre o UCEM em um artigo de jornal que não o nomeou como um livro que veio através da voz de Jesus. Quando comecei a ler, ainda não o tinha reconhecido como tal e, quando me tornei consciente disso, não acreditei. Mas, naquela época, eu não largava o livro porque sentia que tudo nele era a Verdade com V maiúsculo... Depois de um tempo, comecei a pensar que talvez fosse mesmo Jesus.

Ela ficou encantada. Embora Mari usualmente fosse uma leitora voraz de muitos livros, por dois anos leu repetidas vezes *Um Curso em Milagres* – especialmente o Texto – e poucos outros livros além dele. Bem mais de um ano antes de ter realmente ouvido a voz, a preparação havia começado. Mari diz:

Um Curso de Amor começou com um sonho. O sonho veio a mim em julho de 1997. No sonho, ouvi: Você não pode continuar vendendo sua mente por dinheiro. Sua mente agora pertence a Deus.

Meses de busca da alma se seguiram. Por fim, Mari deixou seu emprego e se preparou – para o quê, não fazia ideia. Depois de nove meses e muita incerteza financeira, ela pensou em voltar ao trabalho, mas um saber interno continuava lhe dizendo que ela “tinha trabalho a fazer por Deus”. Foi então que sua amiga Mary compartilhou um sonho em que viu “um novo curso em milagres”. Mari sentiu que, de alguma maneira, o sonho de Mary era um anúncio do trabalho que estava por vir: um trabalho tão

monumental que Mari fora incapaz de aceitar os sinais que agora, ao olhar para trás, apontavam o tempo todo para esse trabalho como escriba. Uma semana depois, em 1º de dezembro de 1998, Mari começou a “ouvir” a voz.

Assim que ouvi a voz familiar de Jesus – não como me lembrava dela da minha juventude ou da Bíblia, mas como me recordava dela das muitas leituras de *Um Curso em Milagres* – fiquei impressionada com a tarefa que me foi apresentada. Durante os três anos seguintes, dediquei-me a receber os três livros que se combinam para transmitir essa nova mensagem. Referindo-se a Mari, Jesus disse que “a primeira receptora dessas palavras pode ‘ouvi-las’ como pensamentos. Mantém em mente que, dessa maneira, ela tem pensamentos que não está pensando.” (D:12.7)

Em 2001, Mari, juntamente com o amigo e ex-agente literário Dan Odegard, trabalhou para lançar a primeira edição de *Um Curso de Amor*, publicada pela New World Library. Várias decisões tomadas na época foram revertidas posteriormente. Devido ao litígio em andamento sobre os direitos autorais de *Um Curso em Milagres*, foi removida a menção que se referia diretamente a *Um Curso de Amor* como uma continuação de *Um Curso em Milagres*. Essa menção foi posteriormente restaurada. De maneira similar, o subtítulo incorreto “O Curso Completo” foi posteriormente excluído – pois a edição continha apenas o primeiro volume.

Depois de publicado o livro, Mari sentiu que “não estava realmente me chamando para fazer qualquer coisa com ele. Em vez disso, senti-me chamada à solidude e passei a maior parte dos próximos dois anos adotando esse modo de vida.” Então, externamente, talvez pareça improvável que Mari seja uma pessoa através da qual Jesus se estenderia monumentalmente ao mundo. No entanto, quando a New World Library decidiu não publicar os outros volumes, ela prontamente tratou de os disponibilizar por conta própria.

Mari lançou Os Tratados e Os Diálogos. Em 2003, enquanto trabalhava nesses volumes, Mari recebeu uma mensagem adicional: “Aprendizado no tempo de Cristo”, da mesma maneira que o restante do material. Esse texto prevê a formação de grupos e incentiva os leitores a compartilhar este Curso de uma nova maneira. Agora é apresentado no final de cada Livro.

Finalmente, quando a New World Library deixou esgotar o chamado “Curso Completo”, Mari se preparou para publicar por conta própria todos os três volumes como uma série coerente. Ao fazê-lo, no final de 2005, ela recebeu a Introdução de Jesus.

Mesmo publicando de maneira autônoma, Mari não estava naturalmente inclinada a fazer campanha em nome de *Um Curso de Amor*, mas ela levou a sério a mensagem de que “apenas podeis ser quem sois, compartilhando quem sois.” (C: 31.17) Ela decidiu que não apenas estava disposta a pedir, a ouvir e a transcrever, mas também a compartilhar – e não apenas as belas palavras consoladoras de Jesus. Mari compartilha sua própria humanidade, seus desafios e suas lutas como mãe, sua falta de recursos, os problemas de vício em sua própria família e uma perspectiva de cura que não é uma visão sentimental do amor ou da vida. Em seu blog, seus livros e sua abundante correspondência privada, Mari fala da aceitação que o amor pode atrair àqueles com passados “imperfeitos” e como “conhecer e ser conhecido” pode convidar justiça, igualdade e dignidade, assim como paz.

Em sua primeira publicação dos três livros deste Curso, Mari escreveu o seguinte como Prefácio:

Em *Um Curso de Amor*, bem como em *Um Curso em Milagres*, Jesus diz que o amor não pode ser ensinado. O que não se pode ensinar é um mistério. Essas mensagens de Jesus são, ao mesmo tempo, mistério e revelação de mistério.

Em 1998, eu estava lendo *Um Curso em Milagres* e buscando o chamado do meu próprio coração, quando ouvi uma Voz me dizer que eu receberia um novo curso em milagres. Como podeis imaginar, minha parte nesse mistério – ter este Curso de Amor vindo a mim e através de mim – fez surgir uma série de perguntas.

Como isso aconteceu? Como essa orientação foi possível? Qual era a sensação? O que eu realmente experimentava?

Receber Jesus e sua orientação era fácil. Eu amava o relacionamento e o processo pelo qual eu escrevia. As palavras surgiam de dentro, mais ou menos como pensamentos que eu não pensava. Essa prática de escrita durou três anos. O trabalho era sem esforço, descomplicado e maravilhosamente inspirador.

Ainda assim, havia uma maneira em que eu dificultava as coisas. É sobre isso que quero te contar para que eu possa salvar-te do mesmo sofrimento desnecessário.

Era quando a escrita de cada dia terminava que a dificuldade surgia. Era nesse momento que eu começava a pensar sobre isso. Ao pensar sobre isso, me sentia sobrecarregada. Minha mente lutava e ficava cada vez mais dolorosamente frustrada por sua incapacidade de compreender o que estava acontecendo e até o que estava sendo dito. Minha mente não conseguia aceitar a nova experiência. Eu não conseguia

entendê-la, explicá-la ou compará-la a qualquer outra coisa.

Meus sentimentos não se saíram nem um pouco melhor. Assim que me afastava do trabalho que estava fazendo, me sentia como uma peça de jogo em um iceberg envolto pela imensidão. Eu me sentia envolvida pela força mais poderosa no universo, como se estivesse no olho do furacão.

No entanto, eu estava apenas sentada à minha mesa. Um mero instante antes do jantar. Eu achava difícil acreditar que ainda conseguiria comer. Ao ouvir o som da televisão ou do telefone tocando, eu era arrancada de volta do meu iceberg em um nanosegundo. A sensação era que a mudança na atmosfera estava prestes a me matar.

O contraste entre a união e a separação era muito extremo. Eu sabia que não poderia continuar a sentir união apenas quando estava ativamente envolvida no trabalho. Eu não podia continuar a me sentir infeliz no momento em que parava. Eu sabia que Jesus não me abandonava quando eu deixava minha mesa, mas me sentia incapaz de estender minha consciência da união para muito além da mesa.

Isso não me impediu de tentar. Senti que, se tentasse com suficiente esforço, poderia aprender como fazer isso. Se eu apenas pudesse chegar a uma compreensão clara, um entendimento definitivo do que estava acontecendo, então eu a “teria”. Eu poderia “alcançar” a união. Continuei tentando fazer com que se parecesse com outras experiências com as quais havia aprendido e que havia aprendido a reproduzir – experiências das quais sempre me afastava – de uma mente, ou um eu, observando.

Não foi pelo esforço da minha mente, mas pela quietude da mente, que eu finalmente reconheci que não era algo milagroso sobre “o trabalho” que tornava a união possível e a separação intolerável. A união era o que surgia naturalmente quando os obstáculos à minha consciência da presença do amor eram removidos. Era isso que acontecia quando eu recebia o Curso. A barreira dos meus pensamentos separados desaparecia e Jesus estava comigo sem ser “diferente de mim”. Nós estávamos em relacionamento sem estarmos separados.

Na união, não há um “eu” afastado, observando a experiência. Sem uma consciência separada, não há pensamento algum. Sem pensamento, há a unicidade do ser.

Quando compreendi isso, soube que podia experimentar a unicidade na vida, que já tinha tido essas experiências no passado e continuo a tê-las. Elas simplesmente não eram experiências da minha mente pensante.

Somente após essa experiência viria a consciência desperta de que “algo havia acontecido”. Então eu pensava: “Oh meu Deus, essa foi a

melhor coisa de todas. Quero voltar a tê-la.” Mais uma vez, começaria o trabalho no sentido de reconhecer que a unidade não era algo que eu poderia “ter”, e que era quem eu sou quando não estou sendo “diferente” de mim mesma; quando não estou sendo separada.

Quando estou pensando, estou presente a esse “outro”, que é o eu que penso que sou. “Ela” está ali em meus pensamentos, como qualquer outra pessoa, coisa ou situação, ocupando espaço em minha mente. Não estou sozinha com Deus nem estou em unidade.

Ter um “eu” e tudo o que não é “eu” é o caminho do pensamento. Esse não é o caminho do coração a que Jesus nos chama. Ele termina este Curso (Livro Um) dizendo: “Não penses”. (C: 32.4)

Sair da experiência da separação para entrar na experiência da união é experimentar o poder de Deus e a força do amor. É uma experiência impenável.

Jesus diz: “Começa com essa ideia: tu permitirás a possibilidade de uma nova verdade ser revelada ao teu coração que espera. Guarda em teu coração a ideia de que, enquanto lês essas palavras – e quando acabares de lê-las –, sua verdade será revelada a ti. Permite que teu coração se abra para um novo tipo de evidência daquilo que constitui a verdade.” (C: 7.23)

Revelação é o que é este Curso, bem como a nova maneira de saber a que ele convida. Quando recebia o Curso, recebia revelação. Quando pensava nisso, bloqueava minha capacidade de reconhecer o que recebia.

Tu estás prestes a receber este Curso. Ao abrir teu coração para ele, não confies em tua mente para reconhecer o que recebes. Quando fechares o livro e continuar o teu dia, não faças como eu fiz, não o tragas à tua mente. Sustenta-o em teu coração. Permanece na presença do amor. Não voltes para a separação. Faz tudo o que puderes para deixar de distanciar-te da vida. Começa do início, com quem tu realmente és. Não penses demais. Deixa que teu coração guie o caminho.

Assim verás que no início, e antes do início, e antes do antes, havia apenas amor.

Ser a primeira receptora pode ser desafiador. Para Helen Schucman – cuja história de receber *Um Curso em Milagres* é bem conhecida – e Mari Perron, sua nova condição indesejada trouxe uma estranha mistura de isolamento, incerteza e até notoriedade. O que elas deveriam fazer com o material e com suas vidas? No entanto, apesar de surtos de conflito interno, tanto Helen como Mari protegeram vigorosamente a integridade do texto, e sabiam que haviam recebido um presente raro e precioso.

Um Curso de Amor dá enorme importância ao seu antecessor. Ele diz: “O mundo, como um estado de ser, como um todo, entrou em um tempo, trazido em grande parte por *Um Curso em Milagres*, sobre o qual paira a prontidão para a mentalidade milagrosa.” Isso foi feito “ao ameaçar o ego”. (C:P.5)

Um Curso de Amor decididamente não é uma ameaça, ao menos em seu estilo. Jesus progride cuidadosa e metodicamente do Curso para os Tratados, e deles para os Diálogos – usando a lógica, desenvolvendo ideias às vezes radicais, mas falando gentilmente e sempre ao coração. Diferente de *Um Curso em Milagres*, este Curso apresenta poucos exercícios, mas oferece uma experiência de estar no “topo da montanha” nos Quarenta Dias e Quarenta Noites. Fala tanto a “ela” quanto a “ele”, a irmãs e irmãos, e valida fortemente os caminhos femininos do saber. Ele revela um “Caminho de Maria” que existe em um relacionamento simbiótico com o “Caminho de Jesus”, que está terminando agora. Ele enfatiza “ser quem tu és” de uma maneira que não negue o ser pessoal nem o corpo. Revela como a forma humana pode se transformar no “Ser elevado da forma” e como um mundo ilusório será tornado “novo” – divino – através de relacionamento e unidade.

Compreensivelmente, aqueles familiarizados com *Um Curso em Milagres* podem inicialmente ser céticos em relação à autenticidade de *Um Curso de Amor*, mas reconhecerão sua continuidade. E embora a familiaridade com *Um Curso em Milagres* ofereça preparação e perspectiva valiosas, *Um Curso de Amor* sustenta-se por si só. Independentemente da base religiosa ou espiritual, aqueles que são chamados a ele encontrarão tesouros.

Com esta Edição Completa, *Um Curso de Amor* põe um fim à sua relativa obscuridade. Desde que foi originalmente transcrito, nenhum esforço conjunto foi feito para promovê-lo. No entanto, um “movimento silencioso” de grande interesse se desenvolveu, incluindo traduções para línguas estrangeiras. Seu momento chegou porque muitos anseiam pela conectividade do coração e estão transbordando de paixão por serem quem realmente são.

Este não é um livro espiritual comum. “Algo diferente está acontecendo aqui.” (D:12.5) Deixa que te envolva. Como Jesus diz:

Este Curso não requer pensamento nem esforço. Não existe ne-

nhum estudo prolongado e os poucos exercícios específicos não são obrigatórios. Este Curso triunfou de maneiras que ainda não compreendes e não necessitas compreender. Essas palavras entraram em teu coração e selaram a fenda entre tua mente e teu coração. (C:32.4)

Este curso fala como se tivesse sido escrito somente para ti. Assim foi.
(D:Dia40.32)

Glenn Hovemann, editor

Maio de 2014

UM CURSO DE AMOR

LIVRO UM

Introdução

- 1.1 Este curso foi escrito para a mente, mas apenas para mover a mente a recorrer ao coração. Para movê-la a escutar. Para movê-la a aceitar confusão. Para movê-la a cessar sua resistência ao mistério, sua busca por respostas, e para deslocar seu foco para a verdade e afastá-la daquilo que só pode ser aprendido pela mente.
- 1.2 Aquilo que é aprendido pela mente apenas rearranja a realidade. A mente, então, se prende à nova realidade como a um novo conjunto de regras sem nenhuma mudança. Vê a realidade através dessas novas construções mentais e chama de novo esse modo de ver. Para auxiliar em sua nova realidade, deve insistir que outros sigam essas novas regras. A verdade, diz, foi encontrada e está “aqui” nessas novas regras, e não naquelas antigas. A mente te dirá, então, como deves te sentir de acordo com suas regras e resistirá a todos os modos de sentir, a todos os modos de ser, que pareçam ir contra essas regras, como se soubesse, por causa de tais regras, como as coisas são.
- 1.3 A mente falará de amor e, no entanto, manterá o coração prisioneiro de suas novas regras, de suas novas leis, e ainda dirá: “isso é certo” e “isso é errado”. Falará de amor e não verá sua intolerância ou julgamento. Falará de amor para ser útil e com toda sinceridade, mas a mesma lógica que usa, apesar de nova, fere o coração dos mais sensíveis, daqueles mais chamados ao amor e à sua doçura. “Estou errado por me sentir assim”, diz a si mesma a pessoa de coração terno e, convencida de que outro sabe o que ela não sabe, encobre sua ternura com proteção.
- 1.4 Pensas que, para compartilhar, deves ser capaz de falar a mesma linguagem e, por isso, retornas à linguagem da mente com sua precisão. A mente odeia estar confusa, aberta, permanecer aberta e não saber. Deseja âncoras que a manterão firme em um ponto e, presa ali, sofre as pancadas do mar de mudanças, resiste à correnteza, se fortalece contra a tempestade. A mente sempre voltará para onde se sente segura e certa de si mesma e, assim, não vai a lugar nenhum e não vê nenhuma transformação, nem criação, nem o novo horizonte, que de-

safiar sua realidade.

- 1.5 A mente não pode manter abertas as portas do coração e, no entanto, nós nos voltamos para dentro, para a mente, e lhe mostramos onde reside sua abertura, onde mora a doçura, onde se encontra o saber do amor. Tudo que a mente pode fazer é rearranjar a realidade e mantê-la quieta, cativa e presa a regras. As leis do amor não são leis como essas. As leis do amor não são regras, fatos ou respostas corretas. As leis do amor trazem liberdade espiritual, a liberdade que repousa além da crença, além do pensamento, além da obediência a qualquer autoridade que não seja o próprio coração.
- 1.6 O coração é necessário para guiar a mente por um caminho em que ela não deseja ser guiada, um caminho de união, um caminho que não permite a posição separada da mente, suas regras, nem suas respostas certas. O coração é necessário porque ele é quem tu és, está onde tu estás e responde em amor àquilo que é um com ele. Somos um só coração.
- 1.7 Somos uma só mente. A rota para a unicidade e união, para a vida na forma que aceita unicidade e união, para uma humanidade restaurada à totalidade, é através do coração da mente.
- 1.8 Este Curso parecerá corretivo para alguns, fácil para outros e complexo para outros. A mente pode dizer: “Sim, sim, eu já sei! Diz-me algo que eu não saiba!” A mente pode envolver-se em contradições, agarrar-se a verdades conhecidas, comparar esta sabedoria a outra sabedoria. A mente tentará entender com sua lógica própria e lutar contra a lógica do coração. A mente buscará novas regras e talvez esteja disposta a reorganizar sua realidade novamente.
- 1.9 A mente é sua própria realidade. Tu não podes escapar da realidade da mente com a mente. Não podes aprender como escapar da realidade da mente com o padrão mental do aprendizado ou da lógica. Não podes viver em um mundo novo e fresco e conservar a realidade da mente.
- 1.10 Não existe um “todo mundo” a quem eu fale, a quem dou estas palavras. Não existe uma mente sozinha, solitária, separada a quem essas palavras são ditas. Elas são faladas de coração para coração, de Um Coração para Um Coração.
- 1.11 “Todo mundo” é apenas um conceito. Estas palavras são dadas a cada Um. São ouvidas apenas por cada um “sozinho” e, com isso, que-

ro dizer na santidade do Coração Único. Somos um só coração. Somos uma só mente. Unidos em plenitude de coração, somos o céu do mundo. Substituímos a amargura por doçura. Moramos na realidade do Coração Único, o lugar de nascimento da criação, lugar de nascimento do novo.

1.12 O novo não é aquilo que sempre existiu. Não é aquilo que pode ser predito. Não é aquilo que pode ser formado e mantido inviolado. O novo é o amor da criação desabrochando. O novo é a expressão do amor. O novo é a verdadeira substituição do falso, o desaparecimento da ilusão, a alegria nascida em meio ao sofrimento. O novo ainda está para ser criado, do Coração Único para o Coração Único.

1.13 Este é um curso para o coração. O lugar de nascimento do novo.

O prelúdio

- P.1 Este é um curso em milagres. É um curso obrigatório. O momento para que o faças é agora. Tu estás pronto e milagres são necessários.
- P.2 Ora por todos aqueles que necessitam de milagres. Orar é pedir. Mas o que é que estás pedindo? Essa é a primeira instrução neste curso em milagres. Todos têm necessidade de milagres. Esse é o primeiro passo para a prontidão para os milagres: pedir para que todos sejam incluídos naquilo que fazemos aqui. Ao orar por todos aqueles que necessitam de milagres, estás orando para que todos aprendam como tu aprendes, estás pedindo que tua mente se vincule a todas as mentes. Estás pedindo para pôr um fim ao teu estado separado e aprender em um estado de unidade. Esse é um reconhecimento básico de que essa é a única maneira em que aprendes.
- P.3 O ser separado ou o ego não aprende. Mesmo que o ego tenha feito muitos cursos e recebido muitos ensinamentos, o ego não aprendeu, mas meramente sentiu-se ameaçado. O espírito não necessita de um curso em milagres. Se o ego não pode aprender e o espírito não precisa fazê-lo, então, para quem é este Curso e todos os demais cursos como este? Conhecer nossa verdadeira identidade, a identidade do Ser que é capaz de aprender, é algo que todos devem fazer. Pode o ego aprender isso? Nunca! O espírito necessita aprendê-lo? Não. Para quem, então, é este Curso?
- P.4 Essa é uma pergunta básica que não foi respondida adequadamente em *Um Curso em Milagres*. Se um curso em milagres é sem significado para o ego e desnecessário para o espírito, pareceria não ter nenhum público se esses fossem os únicos estados que existem. Uma vez que é impossível ser parte espírito e parte ego, supor que haveria um estado em que o aprendizado poderia ocorrer seria sem significado.
- P.5 O mundo, como um estado de ser, como um todo, entrou em um tempo, trazido em grande parte por *Um Curso em Milagres*, sobre o qual paira a prontidão para a mentalidade milagrosa. *Um Curso em Milagres* abriu uma porta ao ameaçar o ego. Todos aqueles que, com os egos enfraquecidos, caminharam neste mundo com a esperança de

deixar o ego para trás e com a meta da mentalidade milagrosa, despertaram os seres humanos para uma nova identidade. Deram um passo em um tempo em que nossa crise de identidade chega ao fim. Desde que Jesus caminhou pela terra, não havia existido tempo assim sobre a humanidade.

- P.6 O que em ti é capaz de aprender? O que em ti reconhece que o ego não é quem tu és? O que em ti reconhece teu espírito? O que em ti paira entre dois mundos: o mundo do domínio do ego e o do espírito? O que reconhece a diferença? É o Cristo em ti.
- P.7 É fácil de imaginar como o Cristo em ti difere do teu ego, mas não é tão fácil reconhecer como o Cristo em ti difere do espírito. O Cristo em ti é o que é capaz de aprender, em forma humana, o que significa ser uma criança de Deus. O Cristo em ti é o que é capaz de servir de ponte entre os dois mundos. É isso o que significa a segunda vinda de Cristo.
- P.8 O ego é o que tu fizeste. Cristo é o que Deus fez. O ego é a tua extensão daquilo que tu acreditas ser. Cristo é a extensão de Deus, de quem Ele é. Para pôr um fim à necessidade de aprender, debes saber quem tu és e o que isso significa. Enquanto o Curso em Milagres original era um curso de reversão do pensamento e de treinamento da mente, um curso para apontar a insanidade da crise de identidade e desalojar o domínio do ego, o propósito deste curso é estabelecer tua identidade e pôr fim ao domínio do ego.
- P.9 Há ainda poucos que ousam acreditar na glória de quem são, poucos que conseguem abandonar a ideia de que é arrogância ver a si mesmos na luz do pensamento que Deus tem deles, em vez de na luz de seu próprio pensamento. Isso ocorre apenas porque o ego ainda não se foi definitivamente. Estás certo em não desejar glorificar o ego de maneira alguma. Sabes que não se pode glorificar o ego e que não desejarias que fosse assim. É por isso que, enquanto o ego permanecer, não podes saber quem és. A única glória é de Deus e de Suas criações. Não se pode contestar que tu estás entre as criações de Deus. Assim, toda glória se deve a ti. Toda a glória é tua, e teus esforços para protegê-la do alcance do ego são corajosos, porém desnecessários. O ego não pode reivindicar para si a glória que é tua.
- P.10 Muitos de vós desejais ser “soldados rasos”, viver simplesmente

uma boa vida sem reivindicar a glória, sem ter nenhuma grande ideia sobre vós mesmos. É possível fazer muito bem sem reconhecer quem sois, mas é impossível ser quem sois, e vós sois a razão de ser do mundo. Teu reconhecimento de teu Ser e o teu reconhecimento de teus irmãos e irmãs é a razão de ser do mundo. Parar antes de alcançar isso, estando ao alcance, é tão insano quanto a crença no ego. Pergunta a ti mesmo o que é que te detém. Por mais humilde que pareças ser em tua escolha, ainda estás permitindo que o ego decida por ti. Isso não é humildade, e sim medo.

P.11 Os ensinamentos adicionais do Curso original foram destinados a transformar medo em amor. Quando pensas que só podes chegar até um certo ponto, e não ir além na tua aceitação dos ensinamentos do Curso e da verdade de teu *Ser* tal como Deus te criou, estás renunciando ao amor em favor do medo. Talvez estejas tornando este mundo um lugar melhor, mas não o estás abolindo. Ao aceitares realizar boas obras e ser uma boa pessoa, estás aceitando ocupar-te daqueles que estão no inferno, em vez de escolher o céu. Aceitas o que vês como possível e rejeitas o que percebes como impossível. Portanto, tu te agarras às leis dos homens e rejeitas as leis de Deus. Reivindicas tua natureza humana e rejeitas tua natureza divina.

P.12 O que é essa rejeição, senão a rejeição de teu Ser? O que é essa rejeição, senão medo disfarçado de humildade? O que é essa rejeição, senão a rejeição de Deus? O que é isso, senão a rejeição de milagres?

P.13 Tu, que rejeitaste teu Ser, provavelmente te sentirás cada vez mais sobrecarregado. Embora uma explosão inicial de energia possa ter ocorrido após a tua leitura do Curso, ou após tuas descobertas de outras formas da verdade, embora possas até mesmo ter experimentado o que pareciam ser milagres acontecendo “a” ti, ao seguires rejeitando teu Ser, essa energia e essas experiências que aliviavam teu coração começaram a retroceder e a parecer tão distantes e irreais quanto uma miragem. Tudo que conservas é uma crença em esforço e um empenho para ser bom e fazer o bem, uma crença que demonstra claramente que rejeitaste quem és.

P.14 Oh, Criança de Deus, não necessitas tentar em absoluto, não necessitas estar sobrecarregado, ou chegares a ficar cansado e exausto. Tu, que queres realizar muito bem no mundo, entende que o único

que pode ser realizado és tu. Estás aqui para despertar de teu sono. Estás aqui, não para despertar para o mesmo mundo, um mundo que parece um pouco mais são que antes, mas ainda governado pela insanidade, um mundo em que parece possível ajudar alguns poucos, mas certamente não a todos, e sim para despertar para um novo mundo. Se a única mudança que vês em teu mundo é apenas um pouco menos de insanidade que antes, então tu não despertaste e ainda continuas preso no pesadelo que teu ego fez. Ao escolheres rejeitar a ti mesmo, escolheste tentar dar sentido ao pesadelo, em vez de despertar dele. Isso nunca funcionará.

P.15 Ao rejeitares quem tu és, demonstras que pensas que podes acreditar em uma parte da verdade, mas não em toda ela. Muitos de vós aceitastes, por exemplo, que sois mais que vosso corpo, embora ainda mantenhais a crença nele. Por isso, vós vos confundistes ainda mais, aceitando que sois dois seres - um ser egoico, representado pelo corpo - e um ser espiritual que representa para vós um mundo invisível em que podeis acreditar, mas não fazer parte. Dessa maneira, haveis enfrentado o ego com o espírito, dando ao ego um inimigo interno e invisível com quem batalhar. Dificilmente esse era o propósito de qualquer ensinamento da verdade, que tem como objetivo exatamente o oposto dessa situação que induz ao conflito. A verdade une, não divide. A verdade convida a paz, não o conflito. Verdade parcial não só é impossível, como é prejudicial. Pois, cedo ou tarde nessa batalha desigual, o ego vencerá. O espírito, tal como o definiste, é amorfo demais, desprovido demais em definição e credibilidade para vencer essa batalha contra aquilo que percebes como tua realidade.

P.16 Tu, que te aproximaste da verdade apenas para lhe dar as costas e recusar-te a vê-la, vira-te e olha mais uma vez. Trilhaste teu caminho e o fim da jornada está à vista. Estás no precipício, com a vista de um novo mundo cintilando com toda a beleza do céu, em uma luz dourada a uma curta distância. Quando poderias ter contemplado essa vista, com um suspiro viraste as costas, olhando para trás para um mundo que te era familiar, e o escolhendo em seu lugar. Não vês que essa escolha, mesmo feita com a melhor das intenções de voltar e fazer a diferença, ainda é uma escolha pelo inferno, quando poderias, em vez disso, ter escolhido o céu. Entretanto, sabes que escolher o céu é o único

caminho verdadeiro para mudar o mundo. É a troca de um mundo por outro. É isso que temes fazer. Tens tanto medo de descartar o mundo que conhecias que, mesmo sendo ele um mundo de conflito, doença e morte, não o trocarás, não renunciarás a ele.

P.17 Enquanto Deus permanece desconhecido para ti e tu permaneces desconhecido para teu Ser, assim também o céu permanece oculto. Assim, ao virares tuas costas para o céu, viras tuas costas para teu Ser e para Deus também. Tuas boas intenções não vencerão o mundo e não colocarão um fim ao inferno. Em toda a história do mundo, muitos fizeram obras boas, heroicas e, às vezes, milagrosas, sem que o mundo deixasse de ser um lugar de miséria e desespero. O que é mais arrogante? Acreditar que tu, sozinho, podes fazer o que milhões de outros não conseguiram? Ou acreditar que tu, em união com Deus, podes fazê-lo? O que faz mais sentido? Escolher tentar novamente o que outros tentaram e não conseguiram? Ou escolher deixar o velho para trás e escolher um novo caminho, um caminho em que te tornas o realizado e, ao realizar-te, trazes o novo à existência?

P.18 Qual é a diferença entre tuas boas intenções e a união de tua vontade com a vontade de Deus? A diferença está em quem acreditas que és e quem Deus sabe que és. Enquanto essa diferença permanece, não podes partilhar tua vontade com Deus, nem fazer o que Deus te designou a fazer. Quem acreditas que és revela a escolha que fizeste. É uma escolha de estar separado de Deus ou uma escolha de ser um com Deus. É uma escolha de conhecer a ti mesmo como tu sempre fizeste ou uma escolha de conhecer teu Ser como Deus te criou. É a diferença entre querer conhecer Deus agora, e querer esperar para conhecer Deus até que tenhas decidido que tu és digno ou até algum outro momento designado, tal como a morte.

P.19 O que são boas intenções, senão uma escolha de fazer o que podes sozinho, por ti mesmo, contra grandes desafios? É por isso que tão frequentemente as boas intenções fracassam totalmente, e porque, mesmo tendo feito todo o esforço possível, o resultado raramente parece ter valido o esforço. Não podes ganhar teu caminho para o céu, ou para Deus, com teus esforços ou com tuas boas intenções. Não podes ganhar, e jamais sentirás como se tivesses ganhado, a designação de ser uma pessoa de um valor tal que mereças tudo o que Deus daria

livremente. Abandona essa ideia.

- P.20 Tu decidiste que sabes como realizar boas obras, mas que não sabes como fazer o que Deus te pede. Pensas: “se Deus me pedisse para construir uma ponte, eu construiria uma ponte”, e isso é provavelmente verdade. Entretanto, tu não te tornas a ponte. Tu te recusas a acreditar que o Cristo em ti provê a ponte que necessitas apenas atravessar para transpor a distância entre o céu e o inferno, entre teu ser separado e a união com Deus, assim como com todos os teus irmãos e irmãs. Preferes pensar que uma boa ação aqui, um pouco de caridade ali, é mais importante. Preferes abandonar a ti mesmo e ajudar os outros, sem entender que não podes ajudar ninguém sem antes ajudar a ti mesmo. Colocas os outros antes de ti, pois esta é a maneira que escolhes para abolir o ego e agradar a Deus. Isso não é diferente da atitude de uma boa mãe que decide sacrificar-se pelos seus filhos, sem entender que seu sacrifício não é apenas desnecessário, mas também indesejável.
- P.21 Tuas boas intenções não agradam nem desagradam a Deus. Deus simplesmente espera que retornes ao céu, que aceites teu direito de nascença, que sejas quem tu és.
- P.22 Outra falha à realização está situada no outro extremo do espectro, com uma fixação no ser que parece gerar um interesse sem ponto final ou limite. Embora o perdão e a liberação da culpa sejam necessários, e embora o reconhecimento de dons e o que leva à alegria sejam imprescindíveis, eles são o ponto central somente enquanto nos preparam para uma nova escolha. Um interesse prolongado em si mesmo pode ser tão prejudicial quanto o altruísmo daqueles que têm a intenção de realizar boas obras. Em vez de levar ao conhecimento de Deus, o interesse prolongado em si mesmo pode enraizar o ego ainda mais.
- P.23 Buscadores são apenas outra categoria daqueles que, diante do precipício, agem como se tivessem atingido uma parede em vez de terem alcançado uma ponte. É precisamente o ponto onde tu paraste, a que deves regressar. Aqueles que continuam a buscar podem ter abandonado ensinamentos do Curso ou de qualquer outra tradição religiosa ou espiritual, apenas para acharem outros e mais outros. Para aqueles decididos a buscar, sempre há algo mais a ser buscado, mas, aqueles que encontram, devem parar para reconhecer o que encontraram e reconhecer que já não buscam mais.

p.24 O Curso fala da paciência que é infinita. Deus é paciente, mas o mundo não é. Deus é paciente porque Deus vê a ti apenas como tu és. O Cristo em ti também é quieto e sempre presente. Entretanto, o enfraquecimento que foi provocado no ego em razão de qualquer aprendizado que tenhas feito, deixou espaço para força, uma força que entra como se através de um pequeno furo feito na armadura de teu ego, uma força que cresce e que se impacienta diante dos atrasos. Não é teu ego que fica impaciente por mudanças, pois teu ego tem muito interesse em que as coisas permaneçam iguais. Ao contrário, é um espírito de compaixão que se revira diante da falta de sentido da dor e do sofrimento. Um espírito que busca saber o que fazer, um espírito que não acredita nas respostas que lhe foram dadas.

p.25 A maneira de superar o dualismo, que ameaça mesmo o mais astuto dos aprendizes, é através do Cristo em ti, através Daquele que sabe o que é ser um Filho de Deus e sabe também caminhar sobre a terra como um filho do homem. Esse não é aquele que te auxilia, assim como o Espírito Santo, mas é tua identidade. Embora o Espírito Santo tenha sido apropriadamente invocado para mudar tua percepção e distinguir o falso do verdadeiro, o que é apropriado agora, neste tempo de identificação de teu Ser indivisível, é teu reconhecimento do Cristo em ti.

p.26 Falemos, por um momento, da família de Deus em termos da família do homem ou, em resumo, em termos que reconhecerás. Na família do homem, existem muitas famílias, mas todas são chamadas de uma família, a família do homem. É chamada de uma espécie, a espécie humana. Dentro dessa família do homem, existem famílias individuais e, entre elas, aquela que chamas de “tua” família. Uma família tem muitos membros, mas é chamada de uma família. Todos os seus membros descendem dos mesmos ancestrais, da mesma linha de sangue. Dentro da linha de sangue, estão os genes que carregam traços e predisposições particulares. Uma criança de uma família pode se parecer com a criança de um parente distante ou com um parente que viveu e morreu há muitos anos. Não vês nada de estranho ou fora do lugar nisso. Essa é a natureza da família, tal como tu compreendes família. E, além da natureza física das famílias, das linhas de sangue e dos ancestrais, o que a mantém unida como um é o amor. A família

é, de fato, o único lugar onde o amor incondicional é visto como aceitável. Assim, não importa quão boa uma criança é percebida ou quão má uma outra criança é percebida, o amor dos pais pela criança é o mesmo. Um filho ou filha não faz por merecer o amor que lhe é dado, e isso também é visto como aceitável e até mesmo “certo”.

P.27 Obviamente, a natureza de Deus é diferente da natureza do homem. Deus não tem forma física e não produz descendência física. Entretanto, Deus tem um filho, uma criança, uma descendência que deve existir em alguma forma semelhante ao Pai. Dentro da história da raça humana, há uma história sobre a vinda do filho de Deus, Jesus Cristo, que nasceu, se tornou homem, morreu e ressuscitou para continuar vivendo em alguma forma diferente da forma de um homem. Aqueles que acreditam na história, aceitaram que Jesus era o filho de Deus antes de nascer, enquanto caminhou sobre a terra, e depois que morreu e ressuscitou. Seja esta a tua crença ou não, ela se aproxima da verdade de uma maneira que podes compreender. Jesus é simplesmente a vida exemplar, a vida que demonstrou o que significa ser filho de Deus.

P.28 Assim como existe uma parte de ti que acredita que tu não és digno e que foras feito para sofrer e lutar, existe outra parte de ti que sabe que isso não é verdade. Recorre à memória, e lembrarás que sabes, desde a mais tenra idade, que a vida não é o que está destinada a ser; que tu não és o que estás destinado a ser. A parte de ti que se enfurece diante da injustiça, da dor e do horror, o faz de um lugar que não aceita e nunca aceitará que as coisas são o que são destinadas a ser, tanto para ti como para aqueles que caminham sobre este mundo contigo. Entretanto, tua história, na qual tanto acreditas, te dirá que o mundo sempre foi assim e que não se pode escapar dele. Em tal mundo, a questão não deveria ser por que tantos tiram a própria vida, mas por que tão poucos o fazem.

P.29 Existem muitas formas de dor e de horror, desde doenças físicas à tortura ou à perda do amor e, no meio desses muitos acontecimentos amedrontadores, está a vida igualmente angustiante dos que não têm propósito, para quem as horas parecem não ter fim no trabalho, que é o custo de sua sobrevivência aqui. Mesmo aqueles que estudaram muito e aprenderam bem as lições do Curso deixam seu aprendizado e ensinamentos de lado e sem uso, enquanto ganham

a vida, até que a poeira que se acumulou sobre o Curso o obscureça de sua visão. Esse é o custo de regressar quando o céu poderia ser alcançado, o custo de continuar acreditando nas leis do mundo, que governam a sobrevivência do corpo. Esse é o caminho daqueles que sabem que não é assim que as coisas deveriam ser e, então, duvidam de seu conhecimento. Clamam que sempre tem sido assim. Lamentam-se por ver apenas um mundo real, enquanto o céu espera apenas um pouco além de sua disposição para prosseguir.

p.30 Tu és a criação semelhante a teu Pai e a família do homem é semelhante à família de Deus. Assim como as crianças crescem em teu “mundo real” e deixam suas famílias, se separam de suas famílias para começarem suas “próprias” vidas, assim também fizeste como parte da família de Deus. Na família humana, a separação e a independência que vêm com a idade são vistas como a maneira que as coisas deveriam ser e, entretanto, retornar à “família de origem” também é visto como natural. Os filhos se vão por um tempo, ansiosos por estabelecer sua independência, apenas para retornar depois. O retorno é um símbolo de maturidade, aceitação e, frequentemente, de perdão.

p.31 O que significa acreditar em Deus? Reconheces que não podes conhecer a Deus da mesma maneira como conheces um outro ser humano, mas, ainda assim, segues em busca desse tipo de conhecimento. Mesmo com outro ser humano, saber o que ele representa, qual é sua verdade, a que regras obedece, como pensa e como o que pensa se alinha com o que faz, é a essência de conhecê-lo. Deus te deu o Verbo para conhecê-Lo através dele. Deus te deu o Verbo feito carne como um exemplo segundo o qual viver - o exemplo de um Deus vivente. O que mais é necessário? Buscas a forma, quando já tens o conteúdo. Isso faz algum sentido?

p.32 Lês o que autores escrevem e sentes que conheces não apenas seus personagens, como também os próprios autores. Entretanto, quando te encontras face-a-face com um autor, raramente consegues ver nele o que viste em seus escritos. Quando te encontras face-a-face com um autor, vês sua forma. Quando lês suas palavras, vês seu conteúdo. Quando deixas de ver com os olhos do ego, deixas de ver forma e deixas de buscá-la. Começas a ver conteúdo.

p.33 Conteúdo é tudo que tens de Deus. Não há forma a ser vista. Entretanto, no conteúdo a forma é revelada. Isso é ver de verdade. Pois o

conteúdo é tudo e a forma é nada.

- P.34 O conteúdo de Deus é amor. Jesus encarnou Deus ao encarnar o amor. Ele veio para reverter a maneira como que se pensava em Deus, para pôr um fim à visão de Deus em termos humanos de vingança, punição e julgamento.
- P.35 Jesus fez isso não apenas ao encarnar Deus em forma humana, mas também ao dar uma imagem verdadeira e não falsa do poder. Antes da chegada do Verbo feito carne – a encarnação – a única ideia que a humanidade podia fazer de um ser todo-poderoso era a de um ser cujo poder se assemelhava ao poder dos poderosos entre eles. Jesus enfrentou aqueles que detinham esse tipo de poder, de tal maneira que foi morto. Mas Jesus não advogava em favor de um povo impotente. Jesus ensinou o poder verdadeiro, o poder do amor, um poder demonstrado por meio da ressurreição.
- P.36 Jesus, unido ao Cristo em ti, é aquele que pode ensinar-te quem tu és e como viver como quem tu és em um mundo novo. Ele pode abrir o céu para ti e levar-te através de suas portas, para que lá finalmente troques este mundo pelo teu lar verdadeiro. No entanto, não é teu corpo que passará pelas portas do céu, nem teus olhos do corpo que verão o novo mundo que contemplarás e levarás contigo. Ver um mundo físico de dimensão, forma e metas semelhantes às do velho e esperar transportá-lo de um lugar para outro, seria ilusório. O novo mundo não tem relação com a forma, mas com o conteúdo. Um conteúdo que é tão transferível quanto as palavras de um autor sobre uma página.
- P.37 Quantos não viajariam para o céu se pudessem tomar um ônibus e serem transportados até lá? Entretanto, cada um de vós possui interiormente o poder de alcançar o céu. Conhecer teu Ser como quem realmente és é a única coisa que te permitirá deixar de ter medo do teu poder. Jesus aceitou seu poder e, assim, trouxe à terra o poder do céu. É isso que o Cristo em ti pode ensinar-te a fazer. Isso é a mente milagrosa. Isso é amor.
- P.38 Isso é unicidade. O Cristo em ti ensina apenas no sentido de transmitir um conhecimento que já tens e ao que novamente tens acesso, conforme te unes a teu próprio Ser real. Uma vez que isso é realizado, tu és realizado. Porque estás completo. No entanto, se tua união com Cristo é o cumprimento e a culminação de todas as lições, quem é esse que provê as lições? Jesus.

p.39 O Cristo em ti é tua identidade compartilhada. Essa identidade compartilhada tornou Jesus um com Cristo. Os dois nomes significam a mesma coisa, assim como a unicidade é o que sempre foi compartilhado e sempre será. Tu és eternamente um com Cristo. A única maneira em que podes identificar Jesus diferentemente é relacionando-o ao Jesus que foi um homem, o Jesus que existiu na história. Essa é a mesma maneira como és capaz de ver a ti mesmo: como um homem ou uma mulher, como um ser que existe em um momento particular da história. Essa natureza unidimensional ou, na melhor hipótese, tridimensional de tua visão, é a natureza do problema. Se não podes ver a ti mesmo como algo “diferente” de um homem ou uma mulher que vive em um lugar particular, em um momento particular, não podes ver teu Ser. Por isso, Jesus vem de novo a ti, de uma maneira que possas aceitar, para levar-te além daquilo que aceitas até o que é verdade.

p.40 Dizer a alguém, mesmo a uma criança pequena, que uma lagarta se torna uma borboleta é aparentemente inacreditável. Isso não faz com que seja menos verdadeiro. A borboleta, ainda que alguns a percebam como um ser mais agradável de se contemplar, ainda é o mesmo ser que a lagarta. A lagarta não deixou de existir. Simplesmente se transformou no que sempre foi. Portanto, pareceria que a borboleta é tanto borboleta como lagarta, duas coisas separadas que se tornam uma só. És muito ciente do fato de que, se não pudesses ver a transformação ocorrendo “com teus próprios olhos”, não acreditarias que duas criaturas aparentemente tão díspares eram a mesma. Se alguém te contasse essa história de transformação, sem que pudesse dar-te uma prova que pudesses ver, seria acusado de inventar um conto de fadas para entreter-te.

p.41 Quantos de vós vedes a história de vosso próprio ser por meio desse mesmo quadro mental? É um bonito conto de fadas, um mito aceitável, mas até que teus olhos do corpo possam contemplar a prova, continuará sendo isso. Essa é a insanidade do pesadelo do qual escolhes não despertar. É como se houvesse dito: “não abrirei os olhos até que alguém me prove que eles verão quando eu os abrir”. Tu te sentas na escuridão à espera de uma prova que somente tua própria luz dispersará.

p.42 Tua disposição para aprender é evidente, ou não estarias aqui. Foi-te dito repetidamente que um pouco de disposição é tudo que é ne-

cessário. Por que, então, parece que não avançaste ou que avançaste apenas um pouco, quando tua disposição é poderosa? Apenas porque não venceste o ego. Aprendes e logo permites que o ego venha e leve embora tudo que aprendeste, diversas vezes. O ego é engenhoso em suas maneiras de fazer-te voltar atrás uma e outra vez, até que te sintas como se estivesses entrando e saindo por uma porta giratória.

P.43 Tu eras teu Ser antes de teres começado teu aprendizado, e o ego não pode tirar teu Ser de ti, mas apenas ocultá-lo. Portanto, os ensinamentos de que precisas agora são para ajudar-te a separar o ego de teu Ser, para ajudar-te a aprender a ouvir uma só voz.

P.44 Dessa vez, adotamos uma abordagem direta, uma abordagem que inicialmente parece deixar para trás o aprendizado abstrato e os mecanismos complexos da mente, que tanto te traem. Nos afastamos do intelecto – o orgulho do ego – e focamos esse aprendizado final através do reino do coração. É por isso que, para acabar com a confusão, chamamos este curso de *Um Curso de Amor*.

CAPÍTULO 1

Um Curso de Amor

- 1.1 Cada ser vivente tem um coração. Definamos o coração como o centro do ser, o lugar de onde surge todo sentimento. Todo sentimento verdadeiro é amor. Todo amor louva a Deus. Todo amor é um reconhecimento da glória de Deus e de tudo que Deus criou. O amor é a única resposta pura da criatura ao Criador, a única resposta do Criador à criatura. Teu reconhecimento do que o amor é te retornará a Deus e ao teu Ser.
- 1.2 Aprendeste em *Um Curso em Milagres* que todo conhecimento é generalizável. Assim também é todo sentimento. Todo sentimento resulta do amor ou da falta de amor. Não há nenhuma outra razão para os sentimentos que experimentas. Todos os sentimentos são gerados pelo coração, e nada têm a ver com o corpo. O coração do corpo é o altar onde todas as tuas oferendas a Deus são feitas. Todas as oferendas são amor ou falta de amor. A falta de amor não é coisa alguma. Assim, todas as oferendas feitas de um lugar que não seja o amor não são nada. Todas as oferendas feitas de um lugar de medo ou culpa não são coisa alguma.
- 1.3 O amor é a condição de tua realidade. Em tua forma humana, teu coração deve bater para que a vida de teu ser aconteça. Essa é a natureza de tua realidade. O amor é tão essencial ao teu ser quanto o coração é para o corpo. Não existirias sem amor. Está lá, mesmo que tu não te dêes conta dele, assim como não tens consciência dos batimentos de teu coração. Um bebê não está menos vivo por não se dar conta de que seu coração bate. Tu não és menos teu Ser, apesar de não te dares conta de que, sem amor, não existirias.
- 1.4 O único pensamento de Deus é amor. É um pensamento sem limite, que cria infinitamente. Dada a extensão do pensamento de amor de Deus, tu existes. Eu existo contigo nesse mesmo pensamento. Não compreendes isso apenas porque não compreendes a natureza de teus

próprios pensamentos. Tu os colocaste dentro do teu corpo, conceituando-os em uma forma que não faz sentido.

- 1.5 Entretanto, quando aplicas teu pensamento ao aprendizado, aprendes. Deixa que isso te encoraje. Essa é uma capacidade que podemos usar juntos para aprender algo novo.
- 1.6 Deverias ter pressa apenas para ouvir a verdade. E, naturalmente, todas as maneiras em que ages, quando queres apressar-te, são contrárias ao que alcançarias. Deixa tuas preocupações virem e deixa tuas preocupações irem. Lembra-te sempre de que simplesmente não importam, salvo em termos de tempo, e que ganharás tempo ao deixá-las ir. Lembra-te de que tuas preocupações não afetam nada. Pensas que, se tuas preocupações afetam o tempo, isso é um efeito, mas o tempo é uma ilusão. Isso tampouco importa. Lembra-te disso também. Isso faz parte de deixar o velho mundo para abrir o caminho ao novo. Reconhece que essas coisas não importam e não serão levadas contigo para o novo mundo. Por isso, também podes descartá-las agora.
- 1.7 É como se carregasses contigo tua bagagem pesada para todos os lugares, apenas em vista da possibilidade de que possas precisar de algo. Agora estás começando a confiar que não necessitarás das coisas que tens carregado. Ah, nenhum casaco pesado, pois confias que o sol brilhará, que o calor te rodeará. Tu és um imigrante que chega a um Novo Mundo com todas as tuas posses na mão. Entretanto, ao vislumbrar a margem distante que agora está próxima, reconheces que nada do que possuías antes e consideravas teus tesouros é necessário. Como te sentes tolo por tê-las transportado de um lugar para outro. Que desperdício de tempo e energia teres sido atrasado por essa carga tão pesada. Que alívio compreender que já não necessitas carregá-la. Como desejas que tivesses acreditado, desde o começo, que não era necessária quando começaste. Quão alegre estás por deixá-las para trás.
- 1.8 Ainda não reconheces quão pesada era a tua carga. Se literalmente tivesses carregado um baú pesado e inútil de um mundo para o outro, quando alguém mais sábio te houvesse dito que isso não seria necessário, ao reconhecer a verdade, perguntarias a ti mesmo o que mais te foi dito que não levaste em consideração. Poderias tentar alguma outra coisa e mais outra que não houveste tentado antes, quando estavas absolutamente convencido de que estavas certo e o outro, errado. E, à

medida que tentares cada novo passo e comprovares que este funciona, tua confiança na sabedoria desse professor continuaria a aumentar. Talvez consideres que ainda poderias aprender a partir de teus erros e encontrar o mesmo aprendizado no final, e certamente poderias fazer isso de vez em quando. Eventualmente, contudo, reconhecerias que seria mais rápido e mais fácil aprender sem erros, e, por fim, reconhecerias também que a sabedoria de teu professor se tornou a tua própria sabedoria.

- 1.9 O impulso de testar a sabedoria de outro é o ímpeto de encontrar teu próprio caminho e fazer com que seja um caminho melhor. É o ímpeto de não confiar no professor para todas as coisas, mas apenas para certas coisas. É o desejo de encontrar teu caminho por ti mesmo, para que possas orgulhar-te de tua realização, como se seguir o mapa de outro diminuísse teu senso de realização ao chegar. Esse “querer fazer as coisas” por ti mesmo é um truque do ego, e teu orgulho, o prêmio que o ego requer. Esses são os pensamentos mágicos que se opõem à mentalidade do milagre. Esses são os pensamentos que dizem “*sozinho* sou tudo” em vez de “*sozinho* não sou nada”. Uma verdadeira líder segue até que esteja pronta para liderar. Ela não empreende o caminho sozinha no início, antes de conhecê-lo. Não há vergonha em aprender. Não há vergonha em seguir o curso que outro estabeleceu. Todo curso verdadeiro muda com a aplicação. Cinquenta estudantes podem estar na mesma sala de aula, recebendo o mesmo ensinamento, e nenhum aprenderá exatamente da mesma maneira que o outro. Isso é verdadeiro com o ensino e o aprendizado de informações, e também verdadeiro no ensino e aprendizado da verdade. A única maneira em que podes fracassar em aprender a verdade é se insistires em aprendê-la por ti mesmo. Pois aprender por ti mesmo é impossível.
- 1.10 Renuncia a ser teu próprio professor. Aceita-me como teu professor e aceita que te ensinarei a verdade. Não sintas vergonha alguma por isso. Sem mim, não podes aprender o que eu te ensinaria. Tentaste de incontáveis maneiras e ainda podes tentar novamente, mas não terás sucesso. Não por não seres suficientemente inteligente. Não porque não te esforçarás o suficiente. Mas apenas porque é impossível. É impossível aprender qualquer coisa por ti mesmo. Tua determinação em fazê-lo apenas bloqueia teu aprendizado. É apenas através da união comigo que aprendes, pois é apenas em união comigo que és teu pró-

prio Ser. Todo teu esforço se baseia na descrença nessa verdade e nas tuas tentativas de provar que essa verdade não é a verdade. Tudo que esse esforço te traz é frustração. Teu sucesso aparente, a partir desse esforço, traz apenas orgulho a ser oferecido ao teu ego. Esse prêmio que teu ego exige não vale o preço que pagas. O preço dessa retribuição é tudo.

- 1.11 Um professor sempre desempenha um papel no aprendizado do aluno. Isso não diminui a conquista do aluno. Deves reconhecer que teu desejo de fazer de ti mesmo teu próprio criador é o que causou todos os teus problemas. Esse é o problema da autoridade, que permeia a vida de tua forma física e a vida de tua mente. Apenas teu coração não considera isso motivo de preocupação. Essa é outra razão pela qual recorreremos ao coração.
- 1.12 Ao coração não importa de onde venha o amor, mas tão somente que o amor venha. Isso nos é útil de diversas maneiras. Com isso, não quero dizer que não existam objetos particulares de tua afeição. Esse não é o amor de que falamos. O coração anseia por aquilo que se assemelha a ele. Portanto, o amor anseia pelo amor. Pensar em alcançar o amor “por si mesmo” é absurdo. É por isso que o amor é teu maior professor. Ansiar pelo que se assemelha a ti é ansiar pelo teu Criador e, quando a percepção for curada, é criar como teu Criador. Esse anseio existe naturalmente dentro de ti, e não pode ser reduzido nem saciado.
- 1.13 Aqueles que são vistos como desprovidos de amor e sozinhos no mundo são aqueles de quem te compadece. Entretanto, não reconheces que esse é o estado que teu ego tenta, sistematicamente, que te esforces para alcançar. Teu ego quer fazer com que acredites que, apenas quando não precisares de ninguém para alcançar tudo que desejas, apenas quando estiveres satisfeito com o que és e com o que podes fazer por *ti mesmo*, somente então tua autonomia e teu aprendizado estarão completos, pois essa terá sido a única meta de teu aprendizado. A meta deste mundo é que tu sejas autossuficiente, completo dentro de ti mesmo. Essa meta nunca será atingida e, apenas quando desistires de tentar alcançá-la, poderás começar a aprender algo de valor. És completo apenas em Deus, onde habitas eternamente. Esforçar-te para ser o que nunca poderias ser é o inferno que criaste.
- 1.14 A ausência de luta é vista como conformar-se com menos. Isso seria verdadeiro se aquilo que te empenhas a alcançar tivesse valor.

Empenhar-se intensamente por nada ainda significa não ter nada e terminar com nada. Contudo, o empenho deve ser distinguido da luta. Empenhar-se por aquilo que tem valor é o que trata este Curso. Isso nada tem a ver com a luta. Acreditas também que abandonar a luta, desengajar-se do conflito causado por este mundo, é dar as costas ao mundo real e a tudo o que nele tem significado. Nisso pensas corretamente. Entretanto, não escolhes essa opção, pois acreditas que fazê-lo é dar as costas à responsabilidade e ao dever, considerando essa decisão um ato nobre. Esse desejo de engajar-se na luta nada tem a ver com aquilo pelo que és responsável. É meramente a tentativa de teu ego de envolver-te em distrações que te mantém afastado de tua verdadeira responsabilidade. Pensa novamente em tua atração pela luta. É tua atração pelo jogo - um jogo que esperas ganhar - uma outra chance de mostrar tua resistência e tua força, tua engenhosidade e tua mente astuta. É outra chance de superar-te em circunstâncias tão desfavoráveis a ti, que poderias, mais uma vez, convencer-te de que triunfaste sozinho contra adversários poderosos. É a única maneira que vês para provar teu poder e controle sobre um mundo de caos. Não se engajar de forma alguma ao caos não é considerado desejável, mas uma espécie de abdicação, uma perda causada pela falha em se engajar. Apesar de certamente saberes que não ganharás o jogo que fazes aqui, acreditas que teu esforço para fazê-lo, não importando quão fútil seja, é o que dá sentido à tua vida. Não se engajar é deixar de provar tua própria existência.

- 1.15 É para isso que fizeste este mundo: para provar tua existência separada em um mundo à parte de teu Criador. Este mundo não existe. E tu tampouco existes à parte de teu Criador. Teu anseio pelo amor é o que te diz que isso é assim. É a prova que não reconheces.
- 1.16 O que te levaria a ansiar pelo amor em um mundo sem amor? De que maneira continuarias reconhecendo que o amor está no coração de todas as coisas, mesmo que embora não seja valorizado aqui? Aqui está um bom exemplo de que os meios e o fim são o mesmo. Pois amor é o que tu és, assim como é aquilo pelo qual te empenhas. O amor é meio e fim.
- 1.17 Todos os símbolos de tua vida física refletem um significado mais profundo que, embora oculto de ti, ainda sabes que existe. A união de dois corpos juntos em amor cria um filho, a união de um homem e

uma mulher, juntos em matrimônio, cria unicidade.

- 1.18 O amor está no coração de todas as coisas. Como te sentes apenas reflete tua decisão de aceitar o amor ou de rejeitá-lo e escolher o medo. Não é possível escolher ambos. Todos os sentimentos que rotulas como alegres ou compassivos são do amor. Todos os sentimentos que rotulas de dolorosos ou de raiva são do medo. Isso é tudo o que existe. Esse é o mundo que crias. O amor ou o medo será a tua realidade de acordo com a tua escolha. Uma escolha pelo amor cria o amor, uma escolha pelo medo cria o medo. Que escolha acreditas ter sido feita para criar o mundo que consideras teu lar? Este mundo foi criado a partir da tua escolha e um novo mundo pode ser criado a partir de uma nova escolha. No entanto, debes reconhecer que isso é tudo o que existe: amor ou falta de amor. O amor é tudo o que é real. Escolher o amor é escolher o céu. Escolher o medo é o inferno. Nenhum dos dois é um lugar. São um outro reflexo de que os meios e o fim são o mesmo. Não são senão um outro reflexo de teu poder.

CAPÍTULO 2

O que o amor é

- 2.1 O que o amor é não pode ser ensinado. Não pode ser aprendido. Mas pode ser reconhecido. Podes passar ao lado do amor sem saber que está lá? Oh, sim. Fazes isso constantemente quando escolhes ver a ilusão em vez da verdade. A ti não se pode ensinar o amor, mas a ti pode ser ensinado a ver o amor onde ele já existe. Os olhos do corpo não são aqueles com que se pode reconhecer o amor. É a visão de Cristo que o reconhece, pois apenas a visão de Cristo contempla a face de Deus.
- 2.2 Enquanto procurares um Deus com uma forma física, não reconhecerás a Deus. Tudo que é real é de Deus. Nada irreal existe. Cada pessoa que passa desta vida para a próxima não aprende nenhum grande segredo. Simplesmente compreende que o amor é tudo o que existe. Nada irreal existe. Pensa por ti mesmo: se fosses morrer amanhã, o que teria significado para ti hoje? Somente o amor. Esta é a chave para a salvação.
- 2.3 Em razão de o amor não ter forma física, não podes acreditar que o amor poderia ser o que tu és, aquilo pelo que te empenhas para ser, para ser, aquilo a que buscas regressar. Então, acreditas que és algo distinto e separado do amor. Rotulas o amor como um sentimento, e como um entre muitos. No entanto, já te foi dito que existem apenas dois entre os quais escolher: amor e medo. Tendo escolhido o medo tantas vezes e tendo-o rotulado de tantas coisas, já não o reconheces como medo. O mesmo ocorre com o amor.
- 2.4 Amor é o nome que dás a muito do que temes. Pensas ser possível escolhê-lo como um meio para comprar tua segurança e proteção. Assim, definiste o amor como uma reação ao medo. É por isso que podes entender que o amor é o oposto do medo. Isso é bastante verdadeiro. No entanto, como não reconheceste o medo corretamente como sendo nada, não reconheceste o amor corretamente como sendo tudo. É por

causa dos atributos que deste ao medo que ao amor também foram dados atributos. Apenas coisas separadas têm atributos e qualidades que parecem complementar-se ou opor-se umas às outras. O amor não tem atributos e é por isso que não pode ser ensinado.

2.5 Se o amor não pode ser ensinado, mas apenas reconhecido, como esse reconhecimento torna-se possível? Por meio dos efeitos do amor. Pois causa e efeito são um só. A criação é efeito do amor, assim como tu.

2.6 Acreditar que és capaz de agir com amor em uma instância e com raiva em outra, e que ambas ações se originam a partir do mesmo lugar, é um erro de enormes proporções. Novamente, colocas no amor o rótulo de “às vezes” e pensas que agir com amor com maior frequência seja uma conquista. Rotulas agir a partir do amor de “bom”, e agir a partir da raiva de “mau”. Tu te consideras capaz de atos amorosos de proporções heroicas e de atos de medo com consequências terríveis, atos de bravura e atos de covardia, atos passionais que chamas de amor, e atos passionais que chamas de violência. Tu te sentes incapaz de controlar as mais extremas dessas ações, que surgem desses sentimentos extremos. Ambos os “extremos” dos sentimentos são considerados perigosos, e um meio termo é buscado. Diz-se que se pode amar demais ou de menos, mas nunca o suficiente. O amor não é algo que fazes. É o que tu és. Continuar a identificar o amor incorretamente é seguir sendo incapaz de identificar teu Ser.

2.7 Continuar a identificar o amor incorretamente é continuar a viver no inferno. Por mais que alguns busquem evitar os altos e baixos de sentimentos intensos, é no viver sem paixão entre os dois extremos que o inferno é consolidado e se torna algo que parece real. Podes rotular a alegria como céu e a dor como inferno, e buscar um meio-termo para a tua realidade, pensando que há mais opções além dessas duas. Uma vida de pouca alegria e pouca dor é considerada uma vida bem-sucedida, pois uma vida de alegria é considerada apenas um devaneio e uma vida de dor, um pesadelo.

2.8 A essa confusão sobre a realidade do amor adicionas o conteúdo de tua história, os fatos aprendidos e as teorias adotadas sobre tua existência. Ainda que teu propósito aqui permaneça obscuro, identificas algumas coisas que chamas de progresso e outras que chamas de evolução, e esperas ter um papel minúsculo a desempenhar no avanço

da condição humana. Isso é o máximo que esperas fazer, e poucos de vós acreditais que tereis sucesso. Outros se negam a pensar que sua vida tenha um propósito e, assim, condenam a si mesmos a vidas sem propósito, convencidos de que uma pessoa entre bilhões não faz diferença alguma e é irrelevante. Há ainda outros que colocam viseiras ante o mundo e buscam apenas fazer com que seu recanto nele seja mais seguro e mais protegido. Alguns mudam de uma opção para outra, abandonando a anterior, na esperança de que a próxima lhes traga alguma paz. Pensar que essas são as únicas opções disponíveis para as criaturas de um Deus amoroso é insano. No entanto, acreditas que pensar o oposto é a verdadeira insanidade. Mesmo considerando tua visão limitada acerca de quem tu és, isso poderia ser mesmo verdade?

2.9 É necessário que vejas a insanidade de teu processo de pensamento e do mundo que percebes para que estejas disposto a abandoná-la. Sabes disso, mas te *esqueces* disso continuamente. Esse esquecimento é o trabalho de teu ego. Teu verdadeiro *Ser* não quer esquecer e não pode fazê-lo, nem mesmo por uma mínima fração de um segundo. É precisamente a incapacidade de teu Ser verdadeiro de se esquecer que te dá a esperança de aprender a reconhecer o amor e, com esse reconhecimento, pôr fim à insanidade que percebes agora.

2.10 Teu Ser verdadeiro é o Cristo que há em ti. Como poderia ser algo diferente do amor, ou ver com olhos que não os do amor? A ti pareceria possível que qualquer ser humano decente olhasse para um mundo sem amor, para o sofrimento e o desespero, sem se comover? Não penses que aqueles que parecem aumentar o sofrimento do mundo são exceções. Não há uma só alma que ande pela terra e não chore com o que vê. No entanto, o Cristo em ti não chora, porque o Cristo em ti vê com olhos de amor. A diferença é que os olhos do amor não veem sofrimento ou desespero. Não estão lá! Esse é o milagre. O milagre é a verdadeira visão. Não penses que o amor pode olhar para o sofrimento e lá ver amor. O amor não olha para o sofrimento em absoluto.

2.11 A compaixão não é o que fizeste dela. A Bíblia vos instrui a ser compassivos, assim como Deus é compassivo. Tu a definiste de maneira diferente da compaixão de Deus. Acreditar que Deus contempla o sofrimento e responde com solidariedade e preocupação, sem acabar com o sofrimento, é acreditar em um Deus que é tão compassivo quanto tu. Pensas que porias um fim ao sofrimento se pudesses, come-

çando com o teu próprio, mas nem tu nem Deus poderia acabar com a miséria tornando-a real. Aqui não existe mágica que transformaria o sofrimento em deleite e dor em alegria. Esses seriam, de fato, atos mágicos, uma ilusão por cima de outra ilusão. Aceitaste a ilusão como a verdade e, portanto, buscas outras ilusões para transformar o que nunca foi naquilo que nunca será.

- 2.12 Ser tão compassivo como Deus é ver como Deus vê. Insisto, mais uma vez, que não se trata de contemplar o sofrimento e dizer a ti mesmo que não o vês. Não defendo a falta de coração, mas sim a plenitude de coração. Se acreditas mesmo em uma pequena fração da verdade, se apenas acreditas que és uma pequena parte de Deus, não maior que uma fagulha de luz sob um sol resplandecente, nem mesmo assim poderias acreditar na realidade do sofrimento e do desespero. Se o fazes, acreditas que esse também é o estado de Deus. E se isso fosse verdade, que esperança haveria para o fim do sofrimento? Que luz poderia haver no universo que poderia pôr um fim à escuridão?
- 2.13 Inverte esse pensamento e vê se faz mais sentido do que fazia antes. Nesse cenário, um Deus benevolente e amoroso, que estendeu Seu próprio ser na criação do universo, de algum modo conseguiu também estender o que não era de Si, para criar algo que não se assemelha ao Seu ser em nada. Acaso até mesmo tu tentarias tamanha tolice? Conceberias o inconcebível?
- 2.14 Que resposta resta, exceto que não vês a realidade como ela é? Que benefício há para ti em ver incorretamente? Que risco existe em tentar ver de uma nova maneira? O que seria um mundo sem sofrimento senão o próprio céu?
- 2.15 Não recorras a figuras do passado para, transcendendo as ilusões, te mostrarem o caminho para o presente. Busca dentro de ti, por aquele em ti que sabe o caminho. Cristo está dentro de ti e tu descansas em Deus. Prometi que nunca te abandonaria nem te deixaria desamparado. O Espírito Santo trouxe o conforto que aceitarias à tua mente conturbada. Agora, recorre a mim para confortar o teu coração conturbado.
- 2.16 Não alcançaste um grau suficiente de reversão de pensamento, pois, de outra forma, teu coração não continuaria conturbado. A reversão não ocorreu, porque separas mente e coração e pensas que podes envolver um sem envolver o outro. Acreditas que conhecer com a

tua mente é um processo de aprendizado independente de tudo o mais que és. Assim, podes conhecer, sem que tal conhecimento seja quem és. Acreditas que podes amar, sem que o amor seja quem és. Nada é à parte de teu ser. Nada é sozinho. Todas as tuas tentativas de manter as coisas separadas são apenas a recriação da separação original, feita para convencer-te de que a separação de fato ocorreu.

2.17 Tu não estás à parte nem sozinho. Diante dessas palavras, teu coração se regozija e tua mente se rebela. Tua mente se rebela porque é a fortaleza do ego. Teu sistema de pensamento é o autor do mundo que vês e o ego, um companheiro permanente na construção desse mundo.

2.18 Entretanto, tua mente também se regozijava com o aprendizado de todos os ensinamentos que te trouxeram até aqui, congratulando-se por um feito que trouxe descanso. É a partir desse descanso que o coração começa a ser ouvido.

2.19 Assim como o Espírito Santo pode usar o que o ego fez, o ego pode usar o que a mente aprendeu mas não absorveu. Até que sejas aquilo que aprendeste, deixas espaço para as maquinações do ego. Assim que te tornas o que aprendeste, não há espaço para a existência do ego e, expulso da casa que fizeste para ele, o ego morre lentamente. Até que isso aconteça, o ego se orgulha do que a mente adquiriu, até mesmo maior paz e contentamento oferecido pelo teu aprendizado. Ele pode e se vê como melhor, mais forte e mais capacitado para o sucesso mundano. Usaria tudo o que aprendeste para suas próprias motivações e te dá tapinhas nas costas pelas tuas novas habilidades. Sem tua vigilância, pode parecer ter-se tornado mais forte que antes e mais feroz em suas críticas. Ele finge manter-te em novos padrões, apenas para usar o que aprendeste para aumentar tua culpa. Assim, vence batalhas diárias e trabalha pela tua abdicação final, pelo dia em que desistirás e admitirás a derrota. Questiona teu direito à felicidade, ao amor e aos milagres, e apenas espera o dia em que proclames que viver com essas fantasias não funciona e nunca será possível aqui.

2.20 Marchaste por esse campo de batalha corajosamente. A guerra é travada dia e noite e estás fatigado. Teu coração clama por consolo e seu clamor não passa despercebido. A ajuda está aqui.

2.21 Não acredites que tudo o que aprendeste não cumprirá o que te foi dado a cumprir. Não acredites em teu fracasso nem no triunfo do ego. Tudo o que aprendeste permanece contigo, independentemente de tua

percepção do resultado de teu aprendizado. Tua percepção de um resultado sob teu controle é tudo o que necessita mudar. Lembra-te de que causa e efeito são um só. Não podes falhar em aprender aquilo que queres aprender.

2.22 Começaremos trabalhando em um estado de neutralidade em que a guerra não é mais travada e as batalhas diárias cessam. Quem ganha ou quem perde não nos preocupa aqui. A paz ainda não veio, mas a bandeira branca da rendição foi agitada e deixada sobre um solo sagrado, onde a neutralidade reinará por um breve momento, antes que a paz chegue com enorme júbilo.

2.23 Não existem despojos a se entesourar. Não há vencedores nessa guerra. Tudo o que foi aprendido e reaprendido é que isso é o que não desejas. A liberdade de voltar para casa, para longe dos gritos de agonia, de derrotas e de glórias vãs, é tudo o que se busca agora. Um estado de neutralidade é onde o retorno começa. Os exércitos podem ainda não estar marchando de volta para casa, mas já estão se preparando para fazê-lo.

CAPÍTULO 3

A primeira lição

- 3.1 O amor é. Ensina ao ser o que é. Não faz nada. Não se esforça. Não triunfa nem fracassa. Não está vivo nem morto. E, dessa maneira, sempre foi e sempre será. Não é algo específico para vós como seres humanos. *Está* em relacionamento com tudo. Tudo com tudo.
- 3.2 Assim como o verdadeiro conhecimento não pode ser aprendido, o amor não pode ser aprendido, e tu tampouco podes ser aprendido. Tudo o que desejas e não podes aprender já está realizado. Está realizado em ti. És o que tu és. Imagina o oceano ou o guepardo, o sol ou a lua ou o próprio Deus, tentando aprender o que são. São o mesmo que tu. Todos existem dentro de ti. Tu és o próprio universo.
- 3.3 É um universo compartilhado e sem divisões. Não existem segmentos, nem partes, não há dentro e nem fora, não há sonhos ou ilusões que possam escapar ou ocultar-se, desaparecer ou deixar de ser. Não há condição humana que não exista em todos os humanos. É completamente impossível que alguém tenha o que outro não tem. Tudo é compartilhado. Isso sempre foi verdade e jamais deixará de ser verdade. A verdade é a verdade. Não existem níveis de verdade.
- 3.4 Tu não és forma, e teu mundo real tampouco o é. Buscas a face de Deus na forma, assim como buscas o amor na forma. Tanto o amor como Deus estão lá, mas não são a forma que os olhos de teu corpo veem. Assim como as palavras que vês nesta página são apenas símbolos com um significado que transcende em muito o que os símbolos podem sugerir, assim também o são tudo e todos à tua volta – aqueles que vês e aqueles que apenas podes imaginar. Buscar a “face” de Deus, mesmo na forma de Cristo, é buscar o que é para sempre sem forma. Ver verdadeiramente é começar a ver o que não tem forma. Começar a ver o que não tem forma é começar a compreender o que tu és.
- 3.5 Tudo o que vês agora são apenas símbolos do que realmente está diante de ti, em uma glória que transcende tuas imaginações mais pro-

fundas. Entretanto, insistes em querer apenas aquilo que teus olhos podem ver e que tuas mãos podem segurar. Chamas essas coisas de reais e tudo o mais de irreal. Podes fechar teus olhos e acreditar que estás na escuridão, mas não acreditarás que já não és real. Fecha os olhos a tudo que estás acostumado a ver. E verás a luz.

3.6 Na luz que chega apenas aos olhos que já não veem, encontrarás o Cristo que habita em ti. Em Jesus Cristo, o Filho de Deus tornou-se o filho do homem. Ele caminhou pelo mundo com um rosto muito semelhante ao teu, um corpo com duas pernas e dois braços, dez dedos nas mãos e dez nos pés. No entanto, sabes que aquele não era Jesus, e aquela imagem tampouco era do Cristo. Jesus deu um rosto ao amor, assim como tu também o fazes aqui. Mas o amor não se apegou à forma, dizendo: “Isto é o que eu sou.” Como pode qualquer coisa ter uma forma, exceto em símbolos? Um brasão de família, um anel de mãe, uma aliança de casamento são todos o mesmo: representam apenas aquilo que simbolizam na forma.

3.7 Não existe nenhuma forma que não seja assim. Uma forma é apenas uma representação. Vês mil formas por dia, com nomes e funções diferentes, e não pensas que sejam todas a mesma. Atribuis valores a cada uma delas, com base na utilidade ou no aspecto agradável, na popularidade ou na reputação. Situas cada uma em relação a ti e, portanto, nem mesmo vês a forma como é, mas apenas em função do que ela fará por ti. Aprisionas a forma no significado que lhe dás e, mesmo assim, o significado que lhe dás é mais verdadeiro que sua forma. Dás todo significado a tudo e, assim, povoadas teu mundo com anjos e demônios, cuja condição é determinada em função dos que te ajudariam e dos que te entravariam. Assim, determinas quem são teus amigos e teus inimigos, e tens amigos que se tornam inimigos e inimigos que se tornam amigos. Embora um lápis possa, essencialmente, continuar sendo um lápis em teu julgamento – ao menos enquanto mantiver todas as qualidades que determinaste que um lápis deve ter –, poucas pessoas são capazes de exibir as qualidades que predeterminaste que deveriam ter, a todo tempo e em todo lugar. Assim, uns desapontam e outros cativam, uns defendem tua causa e outros te denigrem. Em todos os cenários, continuas sendo o artífice de teu mundo, ao atribuir-lhe suas causas e seus efeitos. Se isso fosse possível, como poderia o mundo ser qualquer coisa exceto simbólico, com o significado de

cada símbolo escolhido por ti e para ti. Nada é o que é, mas apenas o que é para ti.

3.8 Diante dessa grande confusão, se apresenta uma afirmação simples: *o amor é*. Imutável, simbolizando apenas a si mesmo, como pode deixar de ser tudo ou de conter todo o significado? Nenhuma forma pode contê-lo, pois ele contém toda forma. O amor é a luz na qual a forma desaparece, e tudo o que existe é visto como é.

3.9 Tu, que buscas ajuda, perguntas a ti mesmo como isso te ajudaria. O que ainda há para dizer que já não tenha sido dito? O que são essas palavras além de símbolos, conforme meu próprio reconhecimento? É naquilo que simbolizam que a ajuda chega. Não necessitas acreditar nas palavras nem no potencial dos exercícios de mudar tua vida, pois essas palavras entram em ti como aquilo que são, e não como os símbolos que representam. Uma ideia de amor é plantada agora, em um jardim rico daquilo que o fará crescer.

3.10 Tudo nasce numa ideia, num pensamento, numa concepção. Tudo que se manifestou em vosso mundo foi primeiramente concebido na mente. Embora saibas que isso é verdade, continuas acreditando que és o efeito e não a causa. Isso se deve parcialmente ao conceito que tens da mente. Assim como a concebes, será para ti. Embora muitos ensinamentos tenham tentado desalojar esse conceito que manténs com tanto apreço, ao usar a mente para lidar com conceitos, tens sido incapaz de permitir que novos ensinamentos tenham seus efeitos. Isso porque acreditas que tua mente controla aquilo que ela pensa. Acreditas em um processo de entrada e saída de informações, todas inteiramente humanas e cientificamente comprováveis. O nascimento de uma ideia é, portanto, o resultado do que veio antes, de ver algo velho como novo, de melhorar uma ideia anterior, de tomar diversas informações e arquivá-las em uma nova configuração.

3.11 O que isso significou para o aprendizado que não é deste mundo? Significa que o filtras através das mesmas lentes. Tu o concebes da mesma maneira. Tentas agregá-lo, de modo que isso possa melhorar o que foi antes. Buscas evidências que demonstrem que, se te comportas de certa maneira, certas coisas acontecerão como resultado. Como uma criança que aprende a não tocar no fogão quando está quente para não se queimar, ou que aprende que um cobertor quente a conforta, o submetes a mil testes, que dependem de teus sentidos e teu

juízo. Enquanto acreditares que sabes o que te ferirá e o que te reconfortará, submetes aquilo que não se pode comparar ao que é comparável.

- 3.12 Não penses que tua mente, tal como a concebes, aprende sem comparar. Tudo é verdadeiro ou falso, certo ou errado, preto ou branco, quente ou frio, exclusivamente baseado em contrastes. Uma substância química reage de uma maneira, outra reage de maneira distinta, e acreditas que é apenas no estudo das duas que ocorre o aprendizado.
- 3.13 Não desististe da ideia de que estás no controle daquilo que aprendes, tampouco aceitaste que podes aprender de uma maneira diferente da que aprendeste até agora. Por isso, movemo-nos da cabeça ao coração, para aproveitar teus conceitos do coração, conceitos muito mais alinhados com o aprendizado que não é deste mundo.
- 3.14 Essas palavras de amor não entram em teu corpo através de teus olhos para se instalarem em teu cérebro, para serem ali destiladas em uma linguagem que possas compreender. Enquanto lês, atenta-te ao teu coração, pois é aí que esse aprendizado entra e onde permanecerá. Teu coração se converte agora em teus olhos e teus ouvidos. Tua mente pode permanecer dentro de teu conceito de cérebro, pois a evitamos agora e não lhe enviamos qualquer informação para processar ou dados para computar. A única mudança de pensamento que te é pedida é que compreendas que não precisas dela.
- 3.15 O que isso significará para ti vai muito além do aprendizado deste Curso. Desistir de um conceito de tal natureza e não o substituir, te libertará além de tuas imaginações mais profundas e libertará tuas irmãs e teus irmãos também. Uma vez que um conceito tal como esse é derrubado, outros rapidamente se seguem. Mas nenhum é mais arraigado do que esse que hoje começamos a soltar.
- 3.16 Tu, que tens sido incapaz de separar a mente do corpo, o cérebro da cabeça, e a inteligência do conhecimento, anima-te. Desistimos de continuar tentando. Simplesmente aprendemos de uma nova maneira e, em nosso aprendizado, reconhecemos que nossa luz brilha do interior de nosso coração – nosso altar ao Senhor. Aí habita o Cristo em nós, e aí concentramos nossas energias e nosso aprendizado, para logo aprender que o que queremos saber não pode ser computado nos bancos de dados de um cérebro sobrecarregado e em que confiamos demais, uma mente que não conseguimos separar de onde acredita-

mos que ela esteja.

- 3.17 Em contraste, nossos corações saem para o mundo, aos que sofrem, aos fracos de corpo e de mente. Nossos corações não são facilmente confinados dentro do envoltório de nossa carne e osso. Nossos corações alçam voo com a alegria e se partem com a tristeza. Não acontece o mesmo com o cérebro, que continua registrando tudo, um observador silencioso, que logo te dirá que os sentimentos de teu coração eram, na verdade, tolices. E é aos nossos corações que pedimos por orientação, pois é lá que reside aquele que guia verdadeiramente.
- 3.18 Tu, que acreditas que essa ideia está repleta de sentimentalismo, que certamente te fará abandonar a lógica para, em seguida, sem dúvida alguma, causar tua ruína, mais uma vez te digo: anima-te! Essas tolices, que são os desejos de teu coração, te salvarão agora. Lembra-te de que é teu coração que anseia pelo lar. Teu coração que anseia pelo amor recordado. Teu coração que te guia no caminho que, se o seguires, certamente te colocará na trilha que levará ao lar.
- 3.19 Que dor teria suportado teu coração, que falhou em valorizar sua fonte? Sua fonte é o amor, e que prova maior necessitas da força do amor? A dor que teu coração suportou certamente se assemelharia a uma faca que atravessa os tecidos, um golpe que paralisaria todas as funções cerebrais, um ataque às células bem maior que qualquer câncer. A dor do amor, tão valorizada que não pode ser liberada, pode certamente atacar os tecidos, o cérebro e as células e, de fato, o faz. E, então, chamas isso de doença e permites que o corpo te decepcione, ainda e sempre guardando o amor para ti.
- 3.20 Acaso a dor deve acompanhar o amor e a perda? Esse é o preço que pagas – perguntas – por abrir teu coração? No entanto, diante da pergunta se preferirias algo diferente desse amor, não responderias que sim. O que mais valeria tal preço, tal sofrimento e tantas lágrimas? O que mais não descartarias quando a dor se aproxima, do mesmo jeito que a mão deixaria cair uma brasa ardente? Que outra dor abraçarias estreitamente. Que outra dor abraçarias estreitamente, de que pesar não abririas mão? Que outra dor estarias tão pouco disposto a sacrificar?
- 3.21 Não penses que essas são perguntas sem sentido, feitas para vincular o amor à dor e deixar-te desamparado e sem ajuda, pois relacionar a dor e o amor dessa maneira não faz sentido algum e, ao mesmo

tempo, faz todo o sentido. Essas perguntas apenas provam o valor do amor. Que outra coisa valorizas mais?

3.22 Teus pensamentos poderiam levar-te agora a uma dúzia de respostas, mais para algumas pessoas do que outras, e tuas respostas dependeriam da tenacidade de teus pensamentos que, guiados pelo teu ego, jogariam a lógica no caminho do amor. Outros poderiam, ainda, usar seus pensamentos de outra maneira, alegando escolher o amor em lugar da dor, quando tudo que realmente fazem é escolher a segurança à custa do amor. Ninguém aqui acredita que pode ter um sem o outro e, assim, vivem com medo do amor, ao mesmo tempo em que o desejam acima de tudo.

3.23 Não penses que o amor pode, de modo algum, ser mantido à parte da vida. Mas agora começamos a retirar do amor o julgamento da vida, os julgamentos adquiridos por tua experiência, o julgamento sobre quanto amor recebeste e quanto amor te foi negado. Começamos simplesmente aceitando a prova que nos foi dada da força do amor, porque a isso voltaremos repetidamente, à medida que aprendemos a reconhecer o que o amor é.

CAPÍTULO 4

A equanimidade do amor

- 4.1 Precisas amar a Deus para saber o que o amor é? Quando amas com pureza, conheces a Deus, quer reconheças isso ou não. O que significa amar com pureza? Significa amar por amar. Simplesmente amar. Não ter falsos ídolos.
- 4.2 Falsos ídolos devem ser trazidos à luz e, na luz, vistos como o nada que são, antes que possas amar por amar. O que é um falso ídolo? Aquilo que acreditas que o amor dará a ti. Tens direito a tudo que o amor te daria, mas não àquilo que acreditas que o amor te proverá por meio de sua aquisição. Esse é um exemplo clássico do não reconhecimento do que *o amor é*.
- 4.3 Amor e anseio estão tão intimamente ligados, pois se vincularam no momento da separação, quando uma escolha de se afastar do amor e uma escolha de voltar a ele nasceram em uníssono. O amor, portanto, nunca foi perdido, mas obscurecido pelo anseio que, colocado entre ti e tua Fonte, ocultou Sua luz ao mesmo tempo em que te alertou de Sua presença eterna. O anseio é tua prova da existência do amor, pois mesmo aqui não ansiarias por aquilo que não é lembrado.
- 4.4 Toda tua longa busca por provas da existência de Deus termina aqui, quando reconheces o que o amor é. E com tal prova, a prova da tua própria existência também é estabelecida. Pois, em teu anseio por amor, reconheces também teu anseio pelo teu Ser. Por que te perguntarias quem tu és e qual é teu propósito aqui, se não fosse pelo teu reconhecimento, testemunhado pelo teu anseio, daquilo que temes não ser, mas que certamente és?
- 4.5 Todo medo acaba quando a prova de tua existência é estabelecida. Todo medo se baseia na tua incapacidade de reconhecer o amor e, portanto, quem tu és e quem Deus é. Como não terias medo com uma dúvida tão poderosa quanto esta? Como podes não te regozijar, quando a dúvida se vai e o amor ocupa todo o espaço antes ocupado pela

dúvida? Nenhuma sombra perdura quando a dúvida desaparece. Nada se interpõe entre a criança de Deus e sua própria Fonte. Nenhuma nuvem permanece para bloquear o sol, e a noite dá lugar ao dia.

- 4.6 Criança de Deus, és um estranho aqui, mas não precisas ser um estranho para teu Ser. Ao conheceres teu Ser, toda a ameaça de tempo, espaço e lugar se dissolve. Tu ainda podes caminhar por uma terra estranha, mas não em uma névoa de amnésia que obscurece o que seria uma breve aventura e a substitui por sonhos de terror e confusão tão desenfreados, que é impossível ter a menor segurança, e o dia se torna noite incessantemente, em uma longa marcha em direção à morte. Reconhece quem tu és e a luz de Deus brilha diante de ti, iluminando todos os caminhos e dissipando a névoa de sonhos, dos quais despertas serenamente.
- 4.7 Só o amor tem o poder para transformar esse sonho de morte em um despertar da consciência para a vida eterna.
- 4.8 Ansiar, aprender, buscar, adquirir, a necessidade de possuir, a necessidade de manter, o chamado da ganância, a força motriz, a paixão escolhida – todas essas coisas que fizeste para substituir aquilo que já tens, tanto podem levar-te de volta como podem desviar-te do caminho. Aonde aquilo que fizeste te levará depende exclusivamente da tua decisão. Tua decisão, manifestada de muitas formas, é simplesmente essa: continuar em direção ao amor ou retirar-se dele, acreditar que ele te é dado ou negado.
- 4.9 O amor é o único que cumpre a lei de Deus no teu mundo. Todo o resto pressupõe que uma pessoa tem o que é negado à outra. Embora o amor não possa ser aprendido nem praticado, existe uma prática que precisamos adotar para reconhecer a presença do amor. A prática consiste em viver de acordo com a lei do amor, uma lei de ganho e não de perda, uma lei que diz que, quanto mais dás, mais recebes.
- 4.10 Não existem perdedores nem ganhadores sob a lei de Deus. A ninguém é dado mais do que a outro. Deus não pode amar-te mais do que a teu próximo, e tampouco podes receber mais do amor de Deus do que já tens, nem receber um lugar melhor no Céu. A mente, sob a direção do ego, desenvolveu-se com base em ganhadores e perdedores, baseando-se no esforço e em ganhar um lugar melhor. O coração não conhece essas distinções, e aqueles que pensam que seus corações as aprenderam, por terem sido agredidos e abusados por suas expe-

riências aqui, regozijam-se por saber que isso não é assim. Acredita-se nessa aparente ilusão porque tua mente fez com que fosse assim. Teus pensamentos revisitaram repetidamente toda a dor que o amor trouxe. Isso se dá naquelas ocasiões nas quais o amor falhou por não reconhecer que o amor não pode falhar.

4.11 São tuas expectativas e falsas percepções de teus irmãos e tuas irmãs que te fizeram acreditar que o amor pode falhar, perder-se, retirar-se ou transformar-se em ódio. Tua falsa percepção de teu Pai é a causa para que todas as outras percepções sejam falsas, incluindo aquela que manténs acerca de teu próprio Ser.

4.12 Quando pensas em agir por amor, teus pensamentos de amor se baseiam em sentimento e devem ser questionados. Amor não é ser amável quando estás mal-humorado. Amor não consiste em fazer boas ações de caridade e serviço. Amor não consiste em descartar a lógica e agir de maneira tola que, embora pareça divertida, não se pode disfarçar de alegria. Cada um de vós tem uma imagem em vossa mente de alguém que, de acordo com vossa crença, sabe o que o amor é. Talvez se trate de uma pessoa idosa, sempre amável e gentil, sem palavras duras para ninguém e sem preocupação consigo. Talvez se trate de uma mãe, cujo amor é cego e exija sacrifícios. Outros, ainda, podem imaginar que seja um casal, casados há muito tempo, no qual cada cônjuge se devota à felicidade do outro, ou um pai, cujo amor é incondicional, ou um padre ou pastor que guia a todos infalivelmente. Para todos e cada um desses a quem admiras, dás atributos que não possuis e que poderias adquirir um dia, quando for o momento oportuno. Pois não acreditas que essa postura amável e gentil te servirá agora, que o preço para a cegueira e o autossacrifício é muito alto, que a devoção é devida apenas por aqueles cujo companheiro é mais amoroso que o teu, que o amor incondicional é grandioso, mas não deveria ser equilibrado com bom senso? E que, certamente, para ter a capacidade de guiar os outros, é necessário acumular uma sabedoria que não está ao teu alcance.

4.13 Assim, tua imagem do amor é baseada em comparação. Escolhes alguém que demonstra aquilo que te falta e usas essa imagem para castigar-te, ao mesmo tempo em que afirmas que isso é o que queres.

4.14 Tuas ideias sobre um estado amoroso são de uma outra categoria muito distinta. Nesse contexto, o amor não apenas está cheio de sentimento, mas também de romance. Esse estágio do amor raramente é

visto como duradouro ou como algo que pode ser mantido. É o âmbito dos jovens e o devaneio dos que envelhecem. É sinônimo de paixão e de um transbordar de sentimentos que desafiam todo senso comum. Estar apaixonado é estar vulnerável, pois uma vez que o senso comum falhou em fazer com que tu ajas conforme o esperado, poderias esquecer-te de proteger teu coração ou de manter teu verdadeiro Ser oculto. Como é perigoso, de fato, tal ato em um mundo onde a confiança pode se tornar traição.

- 4.15 Cada um de vós mantém um ideal do que significaria o par perfeito, um ideal que mudou ao longo do tempo. Os mais ligados ao ego poderiam pensar na posição social ou na riqueza, na beleza física e nos sinais externos de uma boa criação. Os mais inseguros acreditarão em um par que lhes inundaria de elogios e presentes, com uma atenção que nunca diminui. Outro, ainda, que valoriza a independência, busca um par saudável, não muito exigente, uma companhia e um amante ideal para uma vida agitada.
- 4.16 Tu acreditas que podes apaixonar-te pela pessoa errada e fazer uma escolha melhor, baseada em critérios mais importantes do que o amor. Acreditas, portanto, que o amor é uma escolha, algo a ser dado a uns, mas não a outros. Esperas ser o vencedor em teu jogo, um escolhido, que será recompensado em espécie por cada grama de amor dado. Dessa maneira, fazes um jogo de equilíbrio com o dom mais sagrado de Deus, ressentindo-te por dar amor que pouco te recompensa. Entretanto, mesmo nesse ressentimento, reconheces a verdade do que o amor é.
- 4.17 Em nenhuma outra área da vida, esperas tanta justiça, uma troca tão equânime. Entregas tua mente a uma ideia, teu corpo a um trabalho, teus dias a atividades que não te interessam nem te satisfazem. Aceitas o que te é pago dentro de certos limites que estabeleceste. Esperas que determinadas realizações trarão certo grau de prestígio. Aceitas que algumas tarefas devam ser realizadas em prol da sobrevivência. Esperas que haja alguma justiça aqui, entre aquilo que dás e o que recebes em troca. Esperas que teu trabalho árduo produza resultados, que o jantar que tu preparaste seja degustado com prazer, que tuas ideias sejam consideradas inspiradas. Mas não contas com isso. Na verdade, frequentemente esperas que o oposto ocorra, e agradececes por cada reconhecimento que o mundo te dá pela maneira como

passas teus dias. Porque passar os dias é o que tu fazes e, muito em breve, se esgotará o número limitado de dias disponíveis para ti e tu morrerás. Afirmas que a vida não é justa, nem tem razão para sê-lo. Mas o amor é outra coisa.

4.18 Nisso tu estás correto, pois o amor é bem diferente da imagem que tens de tua vida e não tem nenhuma semelhança com a maneira como passas teus dias, nem com a maneira como teus dias terminarão. O amor é tudo o que é mantido à parte em tua percepção acerca do que fazes aqui. Pensas que, colocando o amor à parte dessa maneira, ele tenha pouca relevância em relação a outras áreas de tua vida. O amor é visto como pessoal, como algo que outro, de um modo muito especial, dá somente a ti e tu o retribuis. Tua vida amorosa não tem nenhuma relação com a tua vida profissional, com tuas questões de sobrevivência aqui, com tua capacidade para lograr êxito, com teu estado de saúde e com teu bem-estar geral.

4.19 Mesmo tu, que não reconheces o que o amor é, proteges aquilo que chamas de amor das ilusões que fazes.

4.20 Algo que está à parte da loucura do mundo é útil agora. Talvez não seja o que o amor é, mas o que o amor é te guiou na escolha de colocá-lo à parte daquilo que chamas de *mundo real*, daquilo que, de fato, é a soma total do que tu fizeste. O mundo que te esforças tanto para navegar é o que fizeste dele, um lugar onde o amor não se encaixa e, na verdade, não entra. Mas o amor entrou em ti e não te abandona. Então, tu também não podes ter lugar nesse mundo que fizeste, mas deve haver um outro mundo, onde tu estás em casa e podes habitar dentro da presença do amor.

4.21 Os afortunados entre vós construíram um lugar, dentro de vosso mundo, que se assemelha a um lar. É onde mantendes o amor trancado atrás de portas fechadas. É para onde retornais depois de vossas incursões no mundo que fizestes e, ao entrar, acreditais ter deixado a loucura do mundo do lado de fora. Ali vos sentis seguros e reunis aqueles que amais a vosso redor. Ali compartilhais as aventuras do dia, dando sentido àquilo que podeis e deixando o resto de fora, e ali ganhais a força necessária para voltar a sair por tais portas no dia seguinte. Passais vossas vidas na intenção de voltar a esse lugar seguro de amor que fizestes em um mundo de loucura, e esperais que vivereis para ver o dia em que podeis deixar a loucura para trás; e ainda encontrareis o

amor atrás das portas que tantas vezes atravessastes em uma jornada vivida para ganhar o direito de não ter que abandoná-lo mais.

4.22 Alguns chamariam uma vida assim de egoísta e se perguntam como os ocupantes desse sonho “quase feliz” ganharam o direito de virar as costas ao mundo, mesmo nas escassas horas em que fingem poder fazê-lo. Uma interação máxima com o mundo de loucura é tudo o que alguns querem aceitar dos outros ou de si mesmos. Esses são os irados, que querem exigir que os outros tragam para a loucura o amor que têm, para assumir a responsabilidade pela bagunça que foi feita, para tentar restabelecer a ordem no caos, para fazer qualquer coisa para que os irados se sintam menos solitários diante do que sua raiva lhes mostra. O amor, dizem eles, não pode ser colocado à parte e, portanto, não sentem o amor nem o veem. Entretanto, eles também reconhecem o amor pelo que é quando gritam: “Tu não podes tê-lo enquanto essas outras pessoas não o tiverem. Tu não podes guardá-lo para ti, havendo tantos necessitados”.

4.23 Para onde quer que olhes, provas da diferença do amor são encontradas. Essa diferença é tua salvação. O amor não se parece com nada que acontece aqui. Por isso, foram construídos vossos lugares para adorar o amor, vossos sacramentos protegem a santidade do amor, vossos lares abrigam aqueles que mais amais.

4.24 Dessa maneira, tua percepção do amor preparou-te para aquilo que o amor é. Pois dentro de ti está o altar de tua devoção, dentro de ti está protegida a santidade do amor, dentro de ti reside o Anfitrião que ama a todos profundamente. Dentro de ti está a luz que te mostrará o que o amor é, e não mais o manterá à parte da vida. O amor não pode ser levado ao mundo da loucura, nem o mundo da loucura pode ser levado ao amor. Mas o amor pode permitir que um novo mundo seja visto, um mundo que te permitirá viver na presença do amor.

4.25 Toma todas as imagens que fizeste do amor separado e estende-as para fora das portas do amor. Que diferença faria um mundo de amor para aqueles que fecham suas portas ao mundo? Quão vasto seria o alcance que o seu mundo de amor poderia estender, uma vez que o amor tenha se unido ao mundo. Como é pequena a necessidade dos irados de manter sua raiva quando o amor se uniu ao mundo. Pois o amor efetivamente se une ao mundo, e é nessa união, tão santa quanto ele, que vive o amor.

4.26 O mundo é apenas um reflexo de tua vida interior, a realidade que tuas estratégias e defesas não veem e para a qual não foste preparado. Tu te preparas para tudo que acontece fora de ti e para nada do que ocorre dentro. Entretanto, é a união que ocorre em teu interior que produz a união de todo o mundo para que todo o mundo a veja. Essa união do mundo em teu interior não é senão teu reconhecimento do que o amor é, salvo e seguro dentro de ti e dentro de teu irmão, à medida que vos unis na verdade. Não penses que essa união é uma metáfora, uma corrente de palavras agradáveis que te trarão conforto se tu a acatares, mais um sentimento em um mundo onde palavras bonitas substituem o que significariam. Essa união é a meta que tu buscas, a única meta digna do chamado do amor.

4.27 Essa meta é separada de todas as outras, assim como o amor é aqui, uma meta que não tangencia o que tu percebes como um mundo sem amor. Não tem relação alguma com o mundo fora de ti, mas sim com o mundo interior, onde, na presença do amor, tanto o mundo exterior como o mundo interior se tornam um, deixando para trás a tua visão de um mundo que vias e chamavas de teu lar. Esse mundo estranho, onde tens sido tão solitário e temeroso, perdurará um pouco mais, onde já não pode aterrorizar-te, até que finalmente desaparecerá para o nada de onde veio, à medida que um mundo novo surge para assumir seu lugar.

CAPÍTULO 5

Relacionamento

- 5.1 O Cristo em ti é completamente humano e completamente divino. Sendo completamente divino, nada lhe é desconhecido. Sendo completamente humano, tudo foi esquecido. Assim, começamos a reaprender o conhecido como Aquele que já possui tudo. É essa união do humano com o divino que anuncia a presença do amor, na medida em que tudo que te causava medo e dor desaparece, e voltas a reconhecer o que o amor é. Essa união do humano com o divino é o teu propósito aqui, o único propósito digno de teu pensamento.
- 5.2 Tu, que tanto preenchestes tua mente com divagações sem sentido e pensamentos que não pensam em nada que seja real, alegra-te por haver uma maneira de acabar com esse caos. O mundo que vês é caos e nada nele, incluindo teus pensamentos, é digno de confiança. É por isso que teus pensamentos devem ser dedicados de uma nova maneira, dedicados ao único propósito digno de teu pensamento: o propósito da união com teu verdadeiro Ser, o Cristo em ti.
- 5.3 Eu já disse antes que é somente por meio da união comigo que aprendes, pois é somente na união comigo que tu és teu Ser. Agora, precisamos expandir tua compreensão de união e de relacionamento, assim como tua compreensão de mim.
- 5.4 União é impossível sem Deus. Deus é união. Isso não seria o mesmo que dizer que Deus é Amor? Amor é impossível sem união. O mesmo é verdadeiro para o relacionamento. Deus cria todos os relacionamentos. Quando pensas em relacionamento, pensas em um relacionamento e, então, em outro. Aquele que compartilhas com esse ou aquele amigo, com teu marido ou tua esposa, com teu filho ou filha, com teu empregador ou teus pais. Ao pensar nesses termos específicos, perdes o significado do relacionamento santo. O relacionamento em si é santo.
- 5.5 O relacionamento existe independentemente de particularidades.

É isso que não consegues conceber e o que teu coração deve aprender de novo. Toda verdade é generalizável, pois nenhum detalhe ou formas específicas de teu mundo importam à verdade. Pensas que o relacionamento existe entre um corpo e outro e, enquanto acreditares que isso é assim, não compreenderás relacionamento ou união, e tampouco reconhecerás o amor pelo que ele é.

5.6 Relacionamento é aquilo que existe entre uma coisa e outra. Não é uma coisa ou outra. Não é uma terceira coisa, no sentido de ser um terceiro objeto. Entretanto, é algo separado, um terceiro algo. Reconheces que existe um relacionamento entre tua mão e um lápis quando escreves algo, mas esse é um relacionamento que consideras tão usual, que até te esqueceste que ele existe. Toda a verdade repousa em um relacionamento, mesmo em um relacionamento tão simples como esse. O lápis não é real, tampouco o é a mão que o segura. Ainda assim, o relacionamento entre os dois é completamente real. “Quando dois ou mais se unem...” não é uma exortação para que corpos se unam. É mais uma declaração que descreve o verdadeiramente real, a única realidade que existe. A união é real e também o que faz toda a criação entoar um canto de alegria. Nenhuma coisa existe sem outra. Causa e efeito são um só. Assim, uma coisa não pode causar outra, sem que sejam uma só ou sem que estejam unidas na verdade.

5.7 Agora, estamos começando a pintar um novo quadro para ti, um quadro de coisas que não eram vistas antes, mas visíveis ao teu coração e não aos teus olhos. Teu coração conhece o amor sem que o vejas. Tu lhe dás uma forma e dizes: “amo essa pessoa” ou “amo aquela” e, entretanto, sabes que o amor existe independentemente do objeto de teu afeto. O amor é colocado à parte, em uma moldura que não é deste mundo. Fazes objetos para capturá-lo, para colocar uma moldura em torno da visão do amor e dizer: “É isso.” Entretanto, depois de conseguires capturá-lo e pendurá-lo para que todos olhem e contemplem, compreendes que isso não é o amor de forma alguma. Tu comesças, então, a construir defesas, tuas evidências que afirmam: “Sim, isso é o amor e eu o tenho aqui. Ele está pendurado em minha parede e eu o contemplo. É meu para que eu o possua, mantenha e aprecie. Enquanto o amor estiver onde eu possa vê-lo, é real para mim e estou seguro”.

5.8 “Ah”, pensas quando encontras o amor, “agora meu coração canta; agora sei tudo o que o amor é!” E associas o amor que encontraste à

pessoa em quem o encontraste e, imediatamente, tentas preservá-lo. Existem milhões de museus para o amor, muito mais do que altares. Entretanto, vossos museus não podem preservar o amor. Em vez de reunir, vós vos tornastes colecionadores. Vosso medo cresceu tão poderosamente, que, por segurança, colecionastes qualquer coisa que o combateria. Como a moldura de amor em sua parede, as coleções que enchem vossas prateleiras – sejam estas ideias, dinheiro ou objetos a serem contemplados – são vossas tentativas desesperadas de guardar algo para vós, longe de todo o resto. Ao colocar o amor à parte, reconheceste que não há lugar para ele aqui, mas continuastes e vos colocastes à parte, assim como tudo o mais que consideráveis valioso. Construístes vossos bancos e vossos museus como palácios para vosso amor, e já não vedes os bezerros de ouro escondidos dentro das paredes dos palácios.

- 5.9 Essa compulsão para preservar as coisas não é senão teu impulso de deixar marcas no mundo, uma marca que diz: “Adquiri muito em meu tempo aqui. Essas coisas que eu amo é o que deixo para o mundo, o que passo adiante. Elas atestam que eu estive aqui”. Novamente, tens a ideia certa, mas está tão lamentavelmente fora de lugar, que ridiculariza quem tu és. O amor, de fato, marca teu lugar, mas na eternidade, não aqui. Aquilo que deixas para trás nunca é real.
- 5.10 Amor reunido é uma celebração. Amor colecionado é apenas uma paródia do amor. Essa diferença deve ser reconhecida e compreendida, assim como o impulso de colocar o amor à parte de todo o resto, pois, com compreensão, esses impulsos podem começar a fazer sentido. Se compreendidos, podem começar a trazer sanidade a um mundo insano.
- 5.11 Tu ainda não acreditas nem compreendes que esses impulsos que sentes são reais, não sendo bons nem ruins. Na verdade, teus sentimentos vêm do amor. É tua resposta a eles que é guiada pelo medo. Até mesmo os sentimentos de destruição e violência vêm do amor. Tu não és mau e não tens sentimentos que possam ser rotulados como tal. Entretanto, estás equivocado a respeito do que significam teus sentimentos, e como eles poderiam trazer-te amor e levar-te ao amor.
- 5.12 É na compreensão do relacionamento que existe entre o que sentes e o que fazes, que as lições de amor são aprendidas. Cada sentimento requer que entres em um relacionamento com ele, pois é aí que

encontrarás o amor. É em cada união, em cada entrega, que o amor existe. Toda união, toda entrega, é precedida por uma suspensão do julgamento. Assim, quando há julgamento, não é possível haver união e entrega que permita a compreensão. O que é julgado permanece fora de ti, e é isso que permanece fora de ti que te chama a fazer aquilo que o amor te chamaria a não fazer. O que permanece fora de ti é tudo que não se uniu a ti. O que se uniu a ti tornou-se real nessa união, e só o amor é real.

5.13 Vês a aplicação prática desta lição? Que terror pode provocar um impulso à violência que, uma vez unido ao amor, torna-se outra coisa? Um impulso à violência pode significar muitas coisas, mas, nele sempre latente, se esconde um irresistível desejo pela paz. A paz pode significar a destruição do velho e o amor pode facilitar a ascensão ou a queda de muitos exércitos. Que exércitos de destruição abalariam o mundo quando trazidos ao amor?

5.14 Dentro de ti, o mundo inteiro está seguro, protegido e a salvo. Nenhum terror reina. Nenhum pesadelo rege a noite. Deixa-me apontar novamente a diferença entre o que está dentro e o que está fora: dentro está tudo o que se uniu a ti. Fora está tudo o que manteria separado. Dentro de ti estão todos os relacionamentos que já tiveste com qualquer coisa. Fora de ti está tudo o que mantiveste à parte, rotulaste, julgaste e colecionaste em tuas prateleiras.

5.15 Isso é tudo de que são feitos os dois mundos. Aquele que vês como real é o que manténs fora de ti, onde consegues contemplá-lo com os olhos do corpo. Aquele que não vês e em que não acreditas é aquele que não consegues ver olhando para fora, mas este é o que é verdadeiramente real. Olhar para dentro e ver o mundo real requer outro tipo de visão: a visão de teu coração, a visão do amor, a visão do Cristo em ti.

5.16 Olhas para fora das portas de tua casa e, não importando se vês ruas residenciais banhadas em luz artificial, ruas cheias de lixo e criminalidade, ou campos cultivados, dizes que isso é o mundo real. É o mundo para onde saís para ganhar tua vida, receber tua educação, encontrar teu par. No entanto, a casa onde estás, de maneira muito parecida com teu mundo interno, é onde vives a vida que faz mais sentido. É o lugar em que teus valores são formados, tuas decisões são tomadas e onde tua segurança é encontrada. Essa comparação não é feita à toa. Teu lar

está dentro de ti e é real, tão real quanto parece ser a casa que fizeste no mundo. Podes dizer que o mundo real está em algum lugar fora de ti, assim como imaginas que o mundo real esteja do lado de fora de tua porta, mas dizer isso não o torna real.

5.17 É o teu desejo contínuo de ter um relacionamento apenas com o mundo exterior que faz com que tal mundo continue a existir. Isso é assim porque não defines o relacionamento como sendo união. Aquilo a que te unes se torna real. Ao incorporá-lo ao teu Ser, o tornas real, porque o tornas um com o teu Ser real. Isso é realidade. Tudo aquilo com que não te unes permanece do lado de fora e é ilusão, pois aquilo que não é um contigo, não existe.

5.18 Tu, então, te tornas um corpo movendo-se em um mundo de ilusão, onde nada é real e nada acontece na verdade. Esse mundo ilusório está cheio de coisas que disseste a ti mesmo e que foste instruído a fazer, mas que não queres fazer. Quanto mais tua vida consistir de tais coisas, menor tua realidade se torna. Tudo que se uniria contigo para se tornar parte do mundo real de tua criação permanece fora do teu alcance.

5.19 Não há nada em teu mundo que não possa se tornar santo por meio do relacionamento contigo, pois tu és a própria santidade. Não sabes disso apenas porque enches tua mente e deixas teu coração vazio. Teu coração se preenche apenas por meio do relacionamento ou união. Um coração cheio pode eclipsar uma mente cheia, não deixando espaço para pensamentos sem sentido, mas apenas para o que é verdadeiramente real.

5.20 O primeiro e único exercício para tua mente neste Curso já foi declarado: dedica teus pensamentos à união. Quando tua mente se enche de pensamentos sem sentido, quando surgem ressentimentos, quando aparecem preocupações, repete o pensamento que vem para abrir teu coração e clarear tua mente: “Eu dedico todo pensamento à união”. Todas as vezes em que precisares substituir pensamentos sem sentido, pensa nisso e diz para ti mesmo, não uma única vez, mas centenas de vezes por dia se necessário. Não necessitas preocupar-te com aquilo que substituirá teus pensamentos sem sentido, pois teu coração intercederá, satisfazendo seu anseio por união, assim que expressares tua disposição em permitir que ele o faça.

5.21 Tu ainda não compreendes a força de tua resistência à união que

transformaria o inferno em céu e a insanidade em paz. Ainda não compreendes tua capacidade de escolher aquilo que tornas real em tua criação do mundo. O único significado possível para livre-arbítrio é esse: aquilo que escolhes para unir-se a ti, e aquilo que escolhes deixar fora de ti.

5.22 Teu desejo de ser separado é o desejo mais insano que concebeste. Acima de todo teu anseio por união, colocas esse desejo de ser separado e sozinho. Toda tua resistência a Deus se baseia nisso. Pensas que escolheste ser separado de Deus para que pudesses seguir por conta própria e, embora anseies retornar a Deus e ao céu que é teu lar, não queres admitir que não podes fazê-lo por ti mesmo. Assim, fizeste da vida um teste, acreditando que podes superar ou fracassar na vida por teu próprio esforço. Entretanto, quanto mais lutas para fazê-lo sozinho, mais reconheces a futilidade de teus esforços, mesmo que não queiras admitir que teus esforços são fúteis. Tu te agarras ao esforço como se fosse o caminho para Deus, sem querer acreditar que todo esforço seja em vão, ou que uma solução simples exista. Uma solução simples em teu mundo, uma solução que não demande nenhum esforço de tua parte, é vista como algo de pouco valor. O indivíduo – argumentas – é feito através de todo esse esforço e luta e, sem isso, ele não existiria. Nisso estás correto, pois à medida que fazes de ti um indivíduo, negas a ti mesmo tua união com todos os outros.

5.23 Todos os teus esforços para ser um indivíduo se concentram na vida de teu corpo. Tu te concentras na vida de teu corpo com a intenção de manter teu corpo separado. A “superação” é teu lema aqui, enquanto te esforças para superar todas as adversidades e obstáculos que te impediriam de ter o que pensas que queres ter. Essa é a tua definição da vida e, enquanto isso permanecer, defines a vida que vês como real. Ela te apresenta milhares de escolhas a fazer, não uma, mas várias vezes, até que acredites que teu poder de escolha é uma fantasia e que tu, na verdade, és impotente. Tu, então, restringes o que queres e o persegues com uma firme determinação, acreditando que a única escolha que podes controlar é decidir a que vais dedicar teus esforços para poder obter. Acreditas que, se deixares de lado todo o resto do mundo e te concentrares nessa única escolha, terás êxito afinal. Essa é a extensão da fé que tens em tua própria capacidade de conduzir

esse mundo que fizeste. E, se finalmente tens êxito, tua fé é vista como justificada. O preço não é examinado nem reconhecido, mas, quando essa fé é compreendida, o preço se torna bastante real. Em vez de sentir que ganhaste algo, agora lutarás para superar o sentimento de perda. O que fizeste de errado? – perguntarás a ti mesmo. Por que não estás satisfeito com tudo o que alcançaste?

- 5.24 Esse *conseguir o que queres* que guia tua vida, repetidamente, acaba não sendo aquilo que queres, uma vez que o tenhas alcançado. No entanto, quando isso ocorre, pensas que simplesmente escolheste a coisa errada e, então, escolhes uma outra coisa e depois outra, sem parar para reconhecer que escolhes entre ilusões. Ficas tão surpreso por não ter encontrado felicidade no que buscas! Continuas vivendo a vida como se ela fosse um teste, levando-te a seguir uma realização atrás da outra, certo de que a próxima ou a seguinte será o truque que te trará resultado.
- 5.25 Isso é de fato um truque, pois o que falhou em funcionar uma vez, certamente falhará de novo. Para, agora, e renuncia àquilo que pensas que queres.
- 5.26 Para, agora, e reconhece tua reação a essas palavras, a força de tua resistência. Renunciar ao que queres? Isso é certamente o que esperavas que Deus te pediria, e contra o que passaste toda a vida te defendendo. Por que deverias fazer esse sacrifício? Para que, então, serviria tua vida? Queres tão pouco, na verdade. Como pode ser pedido a ti que renunciés a isso?
- 5.27 Realmente, queres pouco e, apenas reconhecendo isso, podes prosseguir reivindicando tudo o que é teu.
- 5.28 Pois a cada união a que te entregas, teu mundo real aumenta e o que resta para aterrorizar-te diminui. Essa é a única perda que a união gera, e é uma perda de algo meramente ilusório. Na medida em que a união começa a parecer mais atrativa para ti, comesas a perguntar a ti mesmo como ela surge. Deve haver algum segredo que desconheces. Qual a diferença – perguntas a ti mesmo – entre estabelecer uma meta e alcançá-la, e unir-te a algo?
- 5.29 Essas não precisam ser duas coisas separadas, mas tua escolha as torna assim, a escolha de alcançar o que queres por ti mesmo. Essa é a única diferença que existe entre união e separação. Separação é tudo o que percebes por ti mesmo. União é tudo a que me convidas, e que

compartilhas com Deus. Não podes estar sozinho nem sem teu Pai, mas o teu convite é necessário para que tenhas consciência dessa presença. Assim como eu também fui, tu és tanto humano quanto divino. Aquilo de que teu eu humano se esqueceu, teu *Ser* real guarda para ti, esperando apenas que lhe dês as boas-vindas para torná-lo conhecido para ti outra vez.

5.30 Deus te é conhecido nos relacionamentos, uma vez que apenas isso é real aqui. Deus não pode ser visto na ilusão, nem pode ser conhecido por aqueles que O temem. Todo medo é medo de relacionamentos e, portanto, medo de Deus. Podes aceitar o terror que reina em outra parte do mundo porque não sentes nenhum relacionamento com ele. É apenas nos relacionamentos que qualquer coisa se torna real. Reconheces isso e, assim, lutas para manter longe de ti tudo que, em relacionamento contigo, aumentaria teu desconforto e tua dor. Por acreditar que qualquer relacionamento pode causar terror, desconforto ou dor, erras quando concebes os relacionamentos.

5.31 Pensas que entrar em contato com a violência é ter um relacionamento com ela. Isso não é assim. Se fosse, estarias unido a tudo com que entras em contato e o mundo seria de fato o céu, à medida em que tudo o que vês fosse abençoado por tua santidade. Tua maneira de mover-te pelo teu mundo sem relacionar-te com ele de modo algum é o que causa tua alienação do céu que o mundo poderia ser.

5.32 Lembra-te agora de um dia maravilhoso, pois cada um de vós teve pelo menos um dia que era um dia de luz brilhante em um mundo de escuridão. Um dia em que o sol brilhou em teu mundo e te sentiste parte de tudo. Cada árvore e cada flor te deram boas-vindas. Cada gota de água parecia refrescar tua alma, cada brisa parecia levar-te ao céu. Cada sorriso parecia ser direcionado a ti e teus pés pareciam quase não tocar o chão macio sobre o qual caminhavas. É isso que te espera, à medida que te unes ao que vês. Isso te espera, à medida que não colocas julgamento no mundo e, assim procedendo, te unes a tudo e estendes tua santidade em um mundo de sofrimento, transformando-o em um mundo de alegria.

CAPÍTULO 6

Perdão/União

- 6.1 União se baseia no perdão. Já ouviste isso antes, sem compreender o que perdoarias. Deves perdoar a realidade por ser o que é. A realidade, o verdadeiramente real, é o relacionamento. Deves perdoar a Deus por criar um mundo onde não podes estar sozinho. Deves perdoar a Deus por criar uma realidade compartilhada, para que possas compreender que essa é a única realidade que desejarias ter. Deves perdoar essa realidade por ser diferente do que sempre imaginaste que fosse. Deves perdoar a ti mesmo por não ser capaz de fazer as coisas por ti mesmo, pois reconheceste a impossibilidade de fazê-lo. Deves perdoar a ti mesmo por ser quem és: um ser que existe apenas em relacionamento. Deves perdoar a todos os outros por ser como tu és. Eles tampouco podem ser separados, não importando o quanto se esforcem. Perdoa-os. Perdoa-te. Perdoa a Deus. Então, estarás pronto para começar a aprender quão diferente realmente é viver na realidade do relacionamento.
- 6.2 Teu irmão não existe à parte de ti e tu tampouco existes à parte de teu irmão. Isso é realidade. Tua mente não está contida em teu corpo, mas é uma com Deus e igualmente compartilhada com todos os semelhantes. Isso é realidade. O coração, que é o centro de teu ser, é o centro de tudo o que existe. Isso é realidade. Nada disso te torna menos do que percebias que eras, mas torna impossível que sejas separado. Podes desejar o impossível até o fim de teus dias, mas não podes torná-lo possível. Por que não perdoar o mundo por ser diferente daquilo que acreditavas que fosse e começar a aprender o que ele realmente é? É para isso que o mundo está aqui. E, quando tiveres aprendido o que ele te ensinaria, já não precisarás dele e, gentilmente, deixarás que ele se vá e, em seu lugar, encontrarás o céu.
- 6.3 Isso é tudo o que as palavras, os símbolos, as formas e as estruturas de teu mundo vieram para ensinar-te, colocado da maneira mais simples e direta possível. Tu não és separado nem sozinho, nunca o foste

e nunca poderás ser. Todas as tuas ilusões foram criadas para obscurecer esse fato de tua existência, porque preferirias que não fosse assim. Somente quando deixares de desejar o que não pode ser, podes começar a ver o que é.

6.4 Eu fui menos aceito como profeta e salvador por aqueles que mais se pareciam comigo, aqueles que me viram crescer, que trabalhavam junto a meus pais e que moravam na mesma cidade. Isso porque eles sabiam que eu não era diferente deles, e não conseguiam aceitar que eram iguais a mim. Eles não eram diferentes de mim naquela época, assim como tu agora também não és. Somos todos o mesmo, porque não somos separados. Deus criou o universo como um todo inter-relacionado. Nem mesmo a ciência contesta que o universo é um todo inter-relacionado. Aquilo que fizeste para ocultar tua realidade foi transformado, com a ajuda do Espírito Santo, naquilo que te ajudará a aprender o que é a tua verdadeira realidade. Entretanto, ainda te recusas a ouvir e a aprender. Ainda preferes que as coisas sejam diferentes do que são e, através de tua preferência, escolhes mantê-las assim.

6.5 Faz uma nova escolha! A escolha que teu coração anseia fazer por ti e que tua mente acha cada vez mais difícil negar. Quando escolhes a unidade em vez da separação, escolhes a realidade em vez da ilusão. Acabas com a oposição quando escolhes a harmonia. Acabas com o conflito quando escolhes a paz.

6.6 O perdão pode fazer tudo isso para ti. O perdão do erro original: da escolha de acreditar que és separado, apesar do fato de que isso não é assim e de que nunca poderá sê-lo. Que criador amoroso criaria um universo em que tal coisa poderia acontecer? Algo sozinho seria algo criado sem amor, pois o amor cria à sua semelhança e é para sempre um com tudo o que foi criado. O mero reconhecimento disso te iniciará no caminho para que aprendas o que teu coração te faria aprender.

6.7 O fato de que não és sozinho no mundo, te mostra que não deves ser sozinho. O propósito de tudo aqui é ajudar-te a aprender a perceber corretamente e, a partir daí, ir além da percepção à verdade.

6.8 Qual o oposto de separação, senão estar unido em relacionamento? Tudo que se une a ti em relacionamento é santo, em razão do que tu és. Todo contraste que vês aqui apenas aponta para essa verdade. O mal só é visto em relação ao bem. O caos só é visto em relação à paz. Enquanto vires essas coisas como separadas, não vês o que o

relacionamento te mostraria. O contraste evidencia e, por isso, é um dos instrumentos de ensino favoritos do Espírito Santo. O contraste evidencia unicamente para revelar o relacionamento que existe entre verdade e ilusão. Quando escolhes negar o relacionamento, escolhes um sistema de pensamento baseado no oposto de tua realidade. Assim, cada escolha de negar a união revela seu oposto. Aquilo que é separado da paz é caos. Aquilo que é separado do bem é mal. Aquilo que é separado da verdade é insano. Como tu não podes ser separado, todos esses fatores que se opõem à tua realidade existem apenas em oposição a ela. Isso é o que escolheste criar, quando escolheste fingir que poderias ser o que não podes ser. Escolheste viver em oposição à verdade, e essa oposição foi feita por ti.

6.9 Escolhe outra vez! E abandona teu medo do que a verdade trará. O que poderia ser mais insano do que isso que agora chamas de sanidade? Que perda pode existir ao unir-te com o que é tão parecido contigo? Está apenas a um pequeno passo de onde te encontras atualmente, tão indefeso e sozinho.

6.10 Entretanto, de fato temes, e a manutenção de teu medo te mantém muito ocupado. Alimentas seu fogo para evitar que se apague e que te entregues a um calor que não é deste mundo. Esse é o calor que terias, um calor tão envolvente, que nenhum frio do inverno necessitaria surgir novamente. Mesmo assim, ainda escolhes o fogo. Escolhes o fogo do inferno em vez da luz do céu. Apenas tu podes alimentar esses fogos, e é isso que os torna desejáveis para ti. Um calor que não é deste mundo, dado livremente, sem trabalho algum envolvido, faz com que meneies tua cabeça. Como pode ser para ti se não podes fazer esforço para obtê-lo? E mesmo se fosse assim, e então? Pensas que alguns poderiam escolher viver perto do equador, para ter o sol brilhando todos os dias e, assim, deixariam para trás a necessidade de alimentar o fogo. Mas não tu. Pensas que preferes as estações do ano, o frio assim como o calor, a neve assim como a chuva, a escuridão da noite e as nuvens que bloqueiam o sol. Sem tudo isso, como seria a vida? Brilho perpétuo do sol seria fácil demais, sem imaginação demais, estéril demais. Ter o mesmo todos os dias não seria interessante agora. Mais tarde, talvez. Possivelmente, quando estiveres velho e ficares exausto do mundo. Então, talvez, te sentarás sob o sol.

6.11 Este é o céu de tua mente, o significado que dás à união, a face que

atribuis à paz eterna. Com tal visão em tua mente, não é de se surpreender que não o escolhas, ou que o adies até o fim de teus dias. Um céu como esse seria para os velhos e os enfermos, aqueles que estiverem prontos para deixar o mundo, aqueles que já estão cansados dele. Que graça teria um céu assim para aqueles de vós que ainda estão jovens e cheios de vigor? Para aqueles que ainda desejam enfrentar outra batalha? Para aqueles que ainda não enfrentaram todos os desafios? Se ainda restar uma montanha a ser escalada, por que escolher o céu? Certamente, ele pode ser escolhido mais tarde, quando a doença tiver dominado teus membros e tua mente já não avançar em direção à próxima novidade.

6.12 A ânsia pela vida e a ânsia pelo céu são vistas como se estivessem em oposição. Pensas que o céu e seu ambiente de paz eterna estão reservados, corretamente, para o fim da vida e, por isso, gritas contra a injustiça quando um jovem deixa o mundo. O céu não é para os jovens – dizes. Como é injusto que aqueles que morreram cedo não tenham tido uma chance na vida, uma chance de enfrentar a luta e o desafio, a vinda do novo dia e a morte do velho. Que triste que eles não tenham tido a oportunidade de ficarem separados e sozinhos e tornarem-se o que poderiam haver se tornado. O que eles são não é mais valorizado do que aquilo que tu és. Vives para o que ainda está por vir, com uma esperança imortal de que não será aquilo que veio antes. Pois cada desafio enfrentado é apenas um chamado para enfrentar o desafio seguinte. E cada um vem para substituir o anterior, com a esperança de que esse será o que conta – e uma esperança equivalente de que não o seja.

6.13 Ter sucesso não é senão uma pequena morte, que debes apressar-te para deixar para trás a fim de avançar até onde aguardam o desafio de um novo sucesso e uma nova razão de existir. A cenoura da realização, que manténs diante de ti, é devorada rapidamente quando a alcanças, e a vida volta a se auto alimentar. Da mesma maneira que comes para saciar tua fome apenas para depois voltar a tê-la, também o restante de tua vida precisa dessa constante manutenção para conservar a realidade que lhe deste. “Luta para ter sucesso e tem sucesso para lutar mais um dia” é a vida que fizeste, e a vida que temes que o céu substituiria. Desistir da ideia de que é aí que o significado é encontrado, que a realização é alcançada e que a alegria nasce em meio à tristeza, é visto como desistir. A ajuda do céu é, na maioria das vezes, invocada apenas nesse momento, o momento

em que desistir está próximo, pois nunca sentiste que precisavas tanto de ajuda como quando todos os teus planos fracassaram e desistir se torna uma opção mais atraente do que seguir adiante.

6.14 Poucos pedem pela graça de desistir do que foi pelo que poderia ser. Pois desistir é visto como fracasso, e isso é o que mais temes. Não ter sucesso na vida seria de fato um fracasso, se fosse possível. No entanto, te agarrarias até mesmo a essa possibilidade, pois, sem a chance de fracasso não há chance de sucesso ou, ao menos, pensas assim. O contraste que estás acostumado a ver em teu estado separado permite apenas situações em que deves escolher entre uma opção e outra. Embora uma escolha pelo céu seja, de fato, uma escolha por renunciar ao inferno e embora a verdade seja, de fato, uma escolha de renunciar à ilusão, essas são as únicas escolhas reais que existem, e elas não se estendem nas tuas ilusões, mas apenas na verdade. Pois, na verdade, todas as ilusões desapareceram. No céu, todos os pensamentos do inferno são para sempre derrotados.

6.15 Como posso convencer-te de que a paz é o que queres se não sabes o que é a paz? Aqueles que outrora adoraram bezerros de ouro, assim o fizeram porque não conheciam outra escolha. Um deus de amor era um conceito tão estranho a eles como é uma vida de paz para ti. O que é estranho para o mundo mudou, mas o mundo não. Aqueles que vivem com a guerra buscam a paz. Aqueles que vivem com o fracasso buscam o sucesso. Posto de outra forma, as duas coisas dizem: tentas dar sentido a um mundo insano, achar significado no que não tem significado, achar propósito no que não tem propósito.

6.16 Como posso tornar a paz atraente para ti, se não a conheces? A Bíblia diz: “O sol brilha para todos e a chuva cai igualmente sobre os bons e os maus”. Por que, então, pensas que a paz seja um sol perpétuo? A paz é meramente desfrutar igualmente do sol e da chuva, da noite e do dia. Sem nenhum julgamento sobre si, a paz brilha sobre tudo que contemplarias, assim como sobre cada situação com que te depararias.

6.17 As situações também são relacionamentos. Quando a paz entra em teus relacionamentos, as situações também são o que deveriam ser e são vistas sob a luz santa do céu. As situações não mais se opõem umas às outras, tornando impossível que qualquer um alcance o que alcançaria. O desafio agora está na criação e não na realização. Com a paz,

a realização é alcançada no único lugar em que faz qualquer sentido a desejar. Com a tua realização, vêm a liberdade e o desafio da criação. A criação se torna a nova fronteira, a ocupação daqueles que são jovens demais para descansar, interessados demais em continuar vivendo para darem boas-vindas à paz da morte. Aqueles que não poderiam mudar o mundo em nada por meio de seus constantes esforços, em paz, criam o mundo novamente.

6.18 Aqui, encontram a mais amorosa das respostas às suas perguntas. Não é necessário tempo, dinheiro, nem tampouco o suor de sua fronte para mudar o mundo: apenas o amor é necessário. Um mundo perdoado é completo e, em sua completude, é um contigo. É aqui, na completude, que a paz reside e onde o céu está. É a partir da completude que o céu espera por ti.

6.19 Pensa nisso agora: como poderia o céu ser um lugar separado? Um lugar geográfico diferente de todo o resto? Como poderia não abranger a tudo e, ainda assim, ser o que é: lar do filho amado de Deus e morada do Próprio Deus? É porque Deus não é separado de nada que tu tampouco podes sê-lo. É porque Deus não é separado de nada que o céu é onde tu estás. É porque Deus é amor que todos os teus relacionamentos são santos e, a partir deles, podes encontrar o caminho para Ele e para teu santo Ser.

6.20 Acaso teus relacionamentos com aqueles que amas são interrompidos quando eles deixam esse mundo? Tu não continuas a pensar neles? E não continuas a pensar neles como quem eram em vida? Qual é a diferença, em tua mente, entre quem eram e quem são após a morte? Honestamente, admitirias uma inveja, uma consciência desperta de que eles ainda existem, mas sem a dor e a carga do corpo e sem os limites impostos àqueles que permanecem aqui? Talvez ainda os imagines na forma corporal, mas os imaginas felizes e em paz. Mesmo aqueles que dizem não acreditar em Deus ou em qualquer espécie de vida após a morte admitirão, quando solicitados a serem sinceros, que essa é uma imagem que ilumina suas mentes com paz e esperança. Essa imagem é tão antiga quanto o céu e a terra e tudo que está mais além. Ela não surgiu de fantasias, nem passou de uma mente a outra como geralmente acontece com histórias. Não é senão parte de tua consciência desperta de quem tu és, uma consciência que preferes negar em favor de pensamentos de morte tão sombrios, que tornam a vida um pesadelo.

- 6.21 É a tua negação de todos os teus pensamentos felizes que te levou a uma vida tão infeliz. Estás disposto a acolher pensamentos de terror e de pecado, mas silencias os pensamentos de ressurreição e de uma nova vida antes que tenham chance de nascer e os chama de utopia. Que danos acreditas que os pensamentos felizes causarão a ti? Na melhor hipótese, tu os vês como ilusórios. Mas o que temes é desapontar-te. Tudo que desejaste e não obtiveste em tua vida é a evidência que usarias para negar a ti qualquer tipo de esperança. Não compreendes a diferença entre desejar o que nunca pode ser e aceitar o que é.
- 6.22 O mundo não pode deixar de desapontar-te, pois tua concepção dele é baseada em engano. Enganaste apenas a ti mesmo, mas teu engano não mudou o que é e nunca conseguirá fazê-lo. Apenas Deus e Seus ajudantes designados podem guiar-te desse autoengano para a verdade. Foste tão bem-sucedido no engano que, sem ajuda, já não consegues ver a luz. Mas une-te a teu irmão e a luz começa a brilhar, pois todos estão aqui para ajudar-te. Esse é o propósito do mundo e do amor mais gentil: pôr fim ao teu autoengano e retornar-te à luz.

CAPÍTULO 7

Guardar para si

- 7.1 Uma reversão de pensamento importante é necessária agora antes que possamos prosseguir. Já foi afirmado e enfatizado incontáveis vezes e será repetido aqui: aquilo que tu dás é o que receberás na verdade. Aquilo que não recebes é uma medida daquilo que guardas para ti. Teu coração está acostumado a dar de uma maneira que tua mente não está. Tua mente desejaria guardar todas as ideias por causa do que poderiam proporcionar-te e se ressentir quando alguém tem uma ideia que dá frutos e consegue obter coisas desejáveis neste mundo. “Eu tive essa ideia” – tu te lamentas quando outra pessoa triunfa onde falhaste. “Eu poderia estar no lugar daquela pessoa, se a vida não fosse tão injusta” – te queixas. Tua mente reside em um mundo particular, formado grandemente por “*se apenas*”. Por outro lado, teu coração sabe sobre dar e sobre um retorno que não se baseia no mundo de tua mente ou na circunstância física. Apesar das decepções mais graves, teu coração sabe que o que tu dás é o que recebes na verdade.
- 7.2 Entretanto, tu te negarias a dar uma parte de ti mesmo até mesmo ao amor, e é isso que devemos corrigir. Pois aquilo que guardas para ti não podes receber, e não podes receber uma parte do céu, nem conhecer uma parte de Deus ou de teu próprio Ser. O que dás deve ser total para que recebas na verdade. No entanto, agora vamos nos concentrar mais naquilo que guardas para ti do que naquilo que dás, pois tu ainda não compreendes o que tens para dar. Entretanto, reconheces o que guardas para ti e podes começar a reconhecer isso em qualquer situação. À medida que a consciência daquilo que guardas para ti começa a despertar em teu coração, começarás a reconhecer aquilo que não dás e, com esse reconhecimento, aquilo que tens para dar.
- 7.3 A comparação de uma coisa a outra – uma comparação que busca diferenças, as magnifica e atribui nomes distintos para cada coisa – é a base de todo o aprendizado em teu mundo. Baseia-se em contrastes

e opostos, assim como em separar em grupos ou espécies. Não apenas cada indivíduo é distinto e separado, mas também o são os grupos de indivíduos, os pedaços de terra, os sistemas e organizações, o mundo natural e o mundo mecanicista, o céu e a terra, o divino e o humano.

7.4 Para poder identificar-te neste mundo, tiveste que guardar uma parte de ti mesmo e referir-te a ela dizendo: “isso é o que me torna único”. Sem essa parte de ti que classificaste como sendo única, tua existência pareceria ter ainda menos propósito do que tem agora. Assim, aquilo que é mais separado, ou que determinaste que te separa acima de tudo, é o que tu mais valorizas.

7.5 Esse único pensamento constitui, por si só, um sistema de pensamento, pois é o pensamento principal de acordo com o qual vives tua vida. Tu te esforças para manter a ilusão de que o que tu és precisa ser protegido, e de que tua proteção depende de manter separada essa parte de ti. Assim como o amor que manténs fora deste mundo, esse pensamento também pode ser usado, pois reconhece que tu estás tão à parte desse mundo quanto o amor. Mesmo que as duras realidades do mundo possam apropriar-se de teu corpo e teu tempo, não permites que o mundo se aproprie dessa parte de ti que colocaste à parte. Essa parte é mantida em teu coração, e é com essa parte que trabalharemos agora.

7.6 Essa é a parte que grita “*nunca*” para aquilo que quer massacrar-te. A vida é vista como uma subtração constante, mas afirmas que isso *nunca* te será tomado. Para aqueles cujas vidas são ameaçadas, é chamado de vontade de viver. Para aqueles cuja identidade é ameaçada, é chamado de clamor do indivíduo. Para outros, é o chamado para criar e, ainda para outros, é o chamado para amar. Alguns se negam a abandonar a esperança e entregar-se ao cinismo. Outros rotulam de ética, moral e valores, e dizem que essa é a linha que *nunca* cruzarão. É o lamento que diz: “Não venderei minha alma.”

7.7 Regozija-te por existir algo neste mundo com que tu não barganhas, algo que consideras sacrossanto. Trata-se de teu Ser. No entanto, esse Ser que tanto amas que nunca o deixarias, é precisamente aquilo que deves disponibilizar-te a dar livremente. Esse é o único Ser que detém a luz de quem tu és na verdade, o Ser que está unido ao Cristo em ti.

7.8 É a esse Ser que este chamado é direcionado. Deixa-o ser ouvido e

mantido em teu coração. Mantém-no alegremente junto àquilo que já ocupa teu coração: o amor que colocaste à parte e a parte de ti que não abandonarias. Conforme aprendes que o que tu dás é o que receberás na verdade, verás que aquele que habita em teu coração é o único digno de tua entrega e o único que desejarias receber.

7.9 Voltemos agora ao que guardarias para ti e vejamos os efeitos que isso tem sobre ti e sobre o mundo que parece manter-te separado. Essa é, de fato, a primeira e mais genérica lição sobre aquilo que guardas para ti: o mundo não te mantém separado. Tu te manténs separado do mundo. É isso que tornou o mundo o que ele é. Aquilo que guardas para ti permite que a ilusão governe e que a verdade seja trancada em um cofre tão impenetrável e guardado por tanto tempo, que pensaste que a havia esquecido. Não reconhecias que esse cofre é o teu próprio coração, ou que a verdade é o que escolheste manter a salvo e separado ali. Quando acreditares que isso é assim, e que aquilo que dás receberás na verdade, irás escancarar as portas desse abrigo de segurança, e toda a alegria que mantiveste à parte de ti, retornará. Um vento poderoso varrerá teu coração e provocará uma grande troca, e todo o amor que negaste ao mundo será liberado. Fluirá em todas as direções, não deixando nenhum canto do universo intocado. Em um instante, o eterno irá pairar sobre ti. A morte será um sonho no momento em que o vento da vida, reunido consigo mesmo, sopra das direções que estão além da direção e respire o hálito da vida de volta àquilo que esteve por tanto tempo trancado. Depois disso, uma brisa gentil chegará para nunca mais deixar-te, à medida que a vida respira em unidade.

7.10 Aquilo que guardas para ti toma muitas formas, que são, contudo, meramente efeitos da mesma causa que mantém a verdade separada de ilusões. Aonde a verdade vem, a ilusão desaparece. A verdade não precisa de tua proteção, pois, quando trazida às ilusões, brilha sua luz na escuridão, fazendo-a desaparecer.

7.11 Existem apenas duas formas de retenção: aquilo *de* ti mesmo que negas ao mundo e aquilo do mundo que guardas *para* ti. Uma mágoa é algo que escolheste para ti mesmo, uma parte de um relacionamento que desagregaste e observas com desprezo e superioridade moral. Tu não és consciente de que escolhes essa forma de retenção, muitas vezes, dezenas ou até mesmo centenas de vezes por dia. Uma chamada telefônica não retornada, um pouco de engarrafamento, uma palavra

dura, um recado esquecido – todos estes podem ser ressentimentos que guardas para ti mesmo e te recusas a soltar. No momento em que comesças teu dia, podes já haver guardado diversos deles em tua mente, onde torna-os motivos para seguir acumulando ainda mais coisas que guardas para ti. Agora, tens um pretexto, ou muitos, para um *dia ruim*. Por que darias qualquer coisa a qualquer pessoa, quando teu dia já te tratou tão mal? Guardas até mesmo um sorriso, pois escolheste mágoas em vez do amor.

7.12 É possível que decidas contar sobre o teu dia ruim àqueles com quem te encontras e, se eles forem adequadamente solidários, podes sentir que recebeste algo em troca dos ressentimentos que manténs e, se for concluído que a troca tem igual valor, podes até descartá-los. Uma resposta pouco solidária, contudo, é simplesmente adicionada à tua lista de mágoas, até que o peso da carga que levas se torne mais do que podes suportar. Agora, procuras alguém em quem possas descarregar teu peso, na esperança de poder transferir tuas mágoas em massa para outra pessoa. Se triunfas por meio da raiva, do rancor ou da mesquinhez, simplesmente te sentes culpado e te afundas ainda mais em teu próprio sofrimento.

7.13 O que tu não reconheces, é que cada situação é um relacionamento, mesmo as mais simples como uma chamada telefônica não retornada ou um engarrafamento. Tu te relacionas com alguém ou algo em cada situação com que te deparas, e aquilo que manténs contra eles é o que reservas para ti. Retiraste uma parte deles e reténs rudemente para ti mesmo, não em união, mas em separação. Tu ignoras totalmente que também estás sujeito a esses caprichos de teus irmãos e irmãs e, às vezes, descobres que partes de ti se encontram espalhadas aqui e ali. Sabes que estão perdidas para ti, mas não sabes como a perda ocorreu ou onde podes recuperar as partes que faltam, desconhecendo que podes evitar totalmente a perda se fores um só. O que está unido não pode ser partido e espalhado, mas deve permanecer íntegro. O que está unido reside em paz e desconhece as mágoas. O que está unido reside intacto no amor.

7.14 Há ainda uma outra maneira em que reténs partes dos relacionamentos para ti. Nesse caso, a retenção não é na forma de mágoas, mas na forma de especialismo. Reténs algo para tornar-te especial, sempre às custas de outro. Assim, todos os teus esforços para *superar* teus

irmãos e tuas irmãs são assim: toda competição, toda inveja e toda ambição. Tudo isso se relaciona com a tua imagem de ti mesmo e com teus esforços para reforçá-la. Esse é o teu desejo, não de ser inteligente, mas de ser *mais* inteligente que teu colega. Esse é teu desejo, não de ser generoso, mas de ser *mais* generoso que teu parente. Esse é teu desejo de ser *mais* rico que teus vizinhos, *mais* atraente que teus amigos, de ter *mais* sucesso que o homem ou a mulher comum. Competes não apenas com indivíduos, mas com grupos e nações, times e organizações, religiões, vizinhos e familiares. Esse é o desejo de estar certo ou no controle, de ter mais ou de ser mais. É a vida baseada na comparação de ilusão com ilusão.

7.15 Tu não consideras isso uma retenção, mas aquilo que reivindicas para ti às custas de outro é, de fato, retenção, e, em teu mundo, não sabes como reivindicar nada para ti mesmo sem que o subtraias de alguém. Colocaste a ti mesmo em uma posição em que negas tua inteligência a outros, a fim de que não lucrem com ela. Queres que tua inteligência seja conhecida e reconhecida, mas queres que seja conhecida e reconhecida como *tua*. Se alguém quiser a inteligência que tens para oferecer, algo deve ser dado em troca. Aquilo que exigis pode variar desde admiração até dinheiro, mas é tudo o mesmo, e a exigência sempre está presente. É o resgate que insistes que seja pago, uma homenagem que afirmas ser devida, sem os quais reterás o que tens. E tu és grato por essas coisas que te permitem exigir resgate do mundo, pois, sem elas, serias aquele que haveria de pagar.

7.16 Esses são exemplos daquilo que guardas do mundo *para* ti. Mas e aquilo *de* ti mesmo que negas ao mundo? Na verdade, as duas coisas são muito similares, pois aquilo que manténs à parte de todo o resto, aquilo para o qual pedes resgate e não dás livremente, não tem uso para ti mesmo. Essas ideias que guardas, essa criatividade da qual apenas tu te beneficiarias, essa riqueza que acumularias, tudo isso que tentas reter exclusivamente para ti, são tão inúteis para ti quanto o seriam se não existissem. Não te levam à verdade ou à felicidade, tampouco podem comprar o amor ou o sucesso que buscas para ti. Aquilo que negas ao mundo, negas a ti mesmo, pois tu não estás separado do mundo. Em qualquer situação, aquilo que queres reter é justamente o que não terás, pois o negas apenas a ti mesmo.

7.17 Devemos voltar agora ao relacionamento e corrigir, o quanto an-

tes, qualquer ideia equivocada que tenhas, especialmente aquelas que podem tornar isso algo banal ou algo específico e não generalizável. Todo relacionamento existe em completude. Os pequenos exemplos utilizados anteriormente tinham o objetivo de ajudar-te a reconhecer o relacionamento em si, o relacionamento como algo diferente dos objetos, das pessoas ou das situações com que te relacionas. Agora devemos expandir essa ideia.

- 7.18 Ampliar a tua visão do específico para o geral é uma tarefa das mais difíceis do currículo. É fácil ver por que isso é assim, quando reconheces a intensidade com que teus pensamentos estão ligados a especificidades. Mais uma vez, é por isso que recorreremos ao amor e ao conhecimento oculto do teu coração. Teu coração já vê de uma maneira muito mais íntegra que a percepção de tua mente dividida. Mesmo a tua linguagem e tuas imagens refletem essa verdade, essa diferença entre a sabedoria de teu coração e a sabedoria de tua mente. Pode-se dizer que teu coração se parte, mas a imagem que essas palavras suscitam é de um coração partido, e não de um coração fragmentado em pedaços separados. Por outro lado, teu cérebro é separado em hemisférios direito e esquerdo. Cada lado possui uma função distinta. Embora teu cérebro e tua mente não sejam o mesmo, tua imagem de tua mente e o que ela faz ou deixa de fazer está muito ligada à imagem que tens de teu cérebro. Deixa que essa imagem se vá e concentra-te na integridade de teu coração, não importando como vês sua condição atual. Mesmo que esteja ferido, sangrando, partido ou inteiro, teu coração descansa em completude dentro de ti, no centro de quem tu és.
- 7.19 É a partir desse centro que a verdade iluminará teu caminho.
- 7.20 É a partir desse centro que chegarás a compreender que relacionamento existe em completude. Começamos a desalojar tua ideia de que tu estás separado e sozinho, como um ser desconectado de todo o resto. Teu perdão a tudo o que levou a essa percepção equivocada ainda não está completo, e nunca estará enquanto tua compreensão não for maior do que é agora. Pois não podes desistir da única realidade que conheces, sem acreditar, e ter ao menos algum entendimento básico da verdade que tua realidade de fato é.
- 7.21 Se tu não podes estar só, debes estar continuamente em relacionamento. Portanto, o relacionamento não deve depender da interação, tal como a compreendes. É fácil enxergar o relacionamento entre

um lápis e a tua mão, entre o teu corpo e outro, entre tuas ações e os efeitos que estas parecem causar. Todos esses relacionamentos se baseiam no que teus sentidos te dizem, a evidência em que confiaste para dar sentido ao teu mundo. Aqueles que desenvolveram confiança nos caminhos do conhecimento não regidos pelos sentidos aceitáveis, são vistos como suspeitos. Entretanto, aceitas muitas causas para teus sentimentos, desde mudanças no clima até doenças não constatadas e não verificáveis. Deste permissão a outros, que acreditas terem mais autoridade que tu, para que te forneçam sua versão da verdade e, para que seja coerente, escolhes acreditar na versão da verdade mais predominante na sociedade em que vives. Desse modo, a *verdade* é diferente em cada lugar e até parece estar em conflito. Tu te agarras a verdades conhecidas, mesmo estando ciente de sua instabilidade no tempo e no espaço. E, assim, vives em constante negação de que mesmo aquilo que te é conhecido não é conhecido em absoluto. Tu, então, te agarras à única certeza que permeia tua existência: o conhecimento de que a morte chegará para ti e para todos aqueles que amas.

7.22 Reconhece que, quando te é pedido que desistas disso, te é pedido que desistas de uma existência tão mórbida, que qualquer um com um pouco de sanidade alegremente descartaria ao vento e pediria uma alternativa. Existe uma alternativa. Não em sonhos de fantasia, mas na verdade. Não em formas ou circunstâncias mutáveis, mas na consistência eterna.

7.23 Aceita uma nova autoridade, mesmo que seja apenas pelo curto momento que precisarás para ler estas palavras. Começa com essa ideia: tu permitirás a possibilidade de uma nova verdade ser revelada ao teu coração que espera. Guarda em teu coração a ideia de que, enquanto lês essas palavras – e quando acabares de lê-las –, sua verdade será revelada a ti. Permite que teu coração se abra para um novo tipo de evidência daquilo que constitui a verdade. Não penses em nenhum resultado que não seja a tua felicidade e, quando a felicidade chegar, não a negues, nem negues a sua fonte. Recorda a ti mesmo de que, quando o amor chegar para preencher teu coração, tu não o negarás, nem negarás a sua fonte. Não precisas acreditar que isso acontecerá, mas apenas abrir-te à possibilidade de que pode acontecer. Não vires as tuas costas à esperança oferecida aqui e, quando a nova vida chegar fluindo para liberar a velha, não te esqueças de onde ela veio.

CAPÍTULO 8

A separação do corpo

- 8.1 Tu definiste os pensamentos de teu coração como sendo tuas emoções. Esses pensamentos estão à parte da sabedoria de teu coração da qual já falamos, a sabedoria que sabe colocar o amor à parte, assim como teu próprio Ser. As emoções – os pensamentos do teu coração – são aquilo com o qual trabalharemos agora e, ao fazê-lo, distinguiremos a verdade da percepção que tens dela.
- 8.2 Este currículo tem o propósito de ajudar-te a ver que tuas emoções não são os pensamentos reais de teu coração. Que outra linguagem poderia falar teu coração? É uma linguagem sussurrada e tão suave, que aqueles que não conseguem estar em quietude a desconhecem. A linguagem de teu coração é a linguagem da comunhão.
- 8.3 Comunhão é a união de que falaremos aqui como sendo algo superior, ainda que, na verdade, a união não se divida em níveis de forma alguma. Como um ser em aprendizado, a ideia de níveis te é útil e te ajudará a ver que progrides de um passo, ou de um nível de aprendizado, a outro. Trata-se de um processo de recordar mais do que de aprender, e tu compreenderás isso à medida que fores recuperando a memória. Teu coração te ajudará a substituir o pensar pelo recordar. Dessa maneira, o recordar pode ser experimentado como a linguagem do coração.
- 8.4 Não se trata de recordar dias passados vividos sobre esta terra, mas de recordar quem tu verdadeiramente és. Brota da parte mais profunda em ti, do centro no qual tu estás unido a Cristo. Não fala de experiências vividas aqui, não veste nenhum semblante, e não carrega nenhum símbolo. É uma memória da totalidade, do todo indivisível.
- 8.5 Muitas emoções, assim como pensamentos, pareceriam bloquear teu caminho para a quietude na qual essa memória pode ser encontrada. Entretanto, como viste repetidamente, o Espírito Santo pode usar aquilo que fizeste para um propósito mais elevado, quando o teu pro-

pósito estiver unido ao propósito do espírito. Examinaremos, então, uma nova maneira de olhar para as emoções, uma maneira que permitirá que elas te ajudem em teu aprendizado, em vez de bloqueá-lo.

8.6 Concedes o coração como o lugar dos sentimentos e, assim, associas as emoções ao teu coração. Contudo, as emoções são, na realidade, reações de teu corpo a estímulos que chegam através de teus sentidos. Assim, a visão de um lindo pôr do sol pode encher teus olhos de lágrimas. O mais leve contato de tua mão com a pele de um bebê pode fazer com que sintas como se teu coração transbordasse amor. Palavras duras que chegam através de teus ouvidos podem fazer com que tua face se enrubesça e teu coração bata com um pesar que rotulas de raiva, ou uma pontada que chamarias de vergonha. Problemas que se acumulam e parecem ser mais do que poderias suportar podem causar aquilo que chamas de turbulência emocional ou até mesmo uma crise nervosa. Nessas situações, muitos sentimentos ocorrem simultaneamente ou todos os sentimentos são totalmente desconectados. Assim como fazes com todo o resto neste mundo, te esforças por um equilíbrio que permita que teu coração bata em um ritmo estável, para que apenas uma emoção emergja de cada vez, e para que tenhas sentimentos que consigas controlar. E, mesmo assim, te sentes controlado por teus sentimentos, por emoções que parecem ter vida própria, e por um corpo que reage a tudo isso de maneiras que te deixam desconfortável, ansioso, extasiado ou aterrorizado.

8.7 Nada disso reflete o que teu coração te diria, mas apenas mascara a linguagem do coração e enterra a quietude profundamente abaixo de um ambiente em constante mudança da vida vivida na superfície, como se tua própria pele fosse uma área de lazer para todos os anjos e demônios que desejariam dançar sobre ela. Aquilo de que te lembrarias é substituído pelas memórias dessas emoções – tantas, que não poderiam ser contadas mesmo ao longo de todo um dia, mesmo por aqueles que afirmam não as ter. Não é a teus pensamentos que recorres em busca de provas para teu ressentimento, de munição para tua vingança ou de dor pelas tuas lembranças. Recorres às tuas emoções, àqueles sentimentos que dirias que vêm de teu coração.

8.8 Que tolice pensar que o amor poderia morar com tais companhias. Se elas estão em teu coração, onde está o amor? Se essas ilusões fossem reais, não haveria lugar algum para o amor, mas o amor mora

onde a ilusão não pode entrar. Essas ilusões são como crostas sobre o teu coração, aderidas à sua superfície, mas que não impedem que teu coração cumpra sua função, nem que leve dentro de si aquilo que te mantém a salvo nesse mar tempestuoso.

8.9 A realidade do amor está em segurança dentro do teu coração, uma realidade tão alheia a ti, que pensas que não te lembras dela. Entretanto, é a essa realidade que nos dirigimos, à medida que viajamos profundamente dentro de ti, em direção ao centro de teu Ser.

8.10 Mesmo aqueles entre vós cuja percepção permanece bastante equivocada, sabeis que existe uma diferença entre o que está na superfície e o que está por baixo. Frequentemente, a superfície de uma situação é tudo o que é visto, a superfície de um problema é tudo o que é reconhecido, a superfície de um relacionamento é tudo o que vos é conhecido. Falais abertamente desses níveis de ver, reconhecer e conhecer, e frequentemente dizeis: “na superfície, pareceria que...”; e essa observação é frequentemente seguida por tentativas de enxergar por baixo da superfície para encontrar as causas, os motivos ou as razões para uma situação, um problema ou um relacionamento. Usualmente, essa atitude é chamada de busca pela verdade. Embora tua maneira de buscar a verdade em lugares onde ela não está, faça com que a verdade permaneça oculta para ti, teu reconhecimento de que uma verdade está disponível em um lugar diferente da superfície é útil para nós agora, assim como o teu reconhecimento de que existe algo além daquilo que aparece *na superfície*.

8.11 Qual a tua intenção quando tentas olhar por baixo da superfície? Tua intenção é olhar por baixo da pele, ou nos recessos ocultos de um coração ou uma mente? Sem união, toda tua busca não revelará a verdade. E, embora haja uma parte de ti que sabe disso, no lugar da união preferes um jogo de especulação, conjecturas e causas prováveis. Procuras explicações e informações em vez da verdade que afirmas buscar. Buscas no julgamento, em vez de no perdão. Buscas a partir de uma posição de separação, e não de um lugar de união cheio de graça. Talvez estejas pensando agora que, se soubesses como essa união funciona, certamente a usarias para encontrar a verdade, assim como para outros objetivos. Gostarias de ser alguém que soluciona problemas e uma pessoa que sabe, como em um tribunal de justiça, distinguir o certo do errado, a verdade da mentira, o fato da ficção. Tu

nem mesmo vês que o que desejas é mais separação, e que a separação não pode suscitar a verdade e tampouco surgir da união.

8.12 Mesmo os teus desejos mais elevados estão repletos de superioridade moral, que continuam sendo superioridade moral, por mais nobre que seja a causa que consideras estar disposto a abordar. Gostarias de ver o interior da mente e do coração de outro para talvez ajudá-lo, mas também para ter poder sobre ele. Qualquer coisa que pudesses vir a saber considerarias tua propriedade e considerarias teu direito dispor dela. Quão perigoso tu serias se a união fosse assim! E, com toda razão, lutarias contra ela para impedir a revelação de teus próprios segredos. Essa percepção equivocada da união te manteria afastado da meta que buscas, a meta que não é meta alguma, mas tua única realidade, o estado natural em que existirias se não fosse por tua própria decisão de rejeitar tua realidade e tua verdadeira natureza.

8.13 Vês agora por que a unidade e a totalidade caminham de mãos dadas? Por que não podes guardar uma parte de ti mesmo e reconhecer a unidade, que é teu lar? Se fosse possível existir em unidade e continuar guardando-te, a unidade seria uma farsa. Para quem guardarias algo? A quem te negarias? Unidade é totalidade. Tudo para todos.

8.14 Falamos agora do que está na superfície. Tentemos um experimento.

8.15 Pensa agora no teu corpo como a superfície de tua existência e contempla-o. Distancia-te um pouco dele, pois não é teu lar. O coração de que falamos não habita nele, assim como tu também não. Corpos separados não podem se unir em totalidade. Eles foram feitos para manter-te afastado da totalidade e para convencer-te da ilusão de teu estado separado. Dá um passo para trás. Visualiza teu corpo meramente como a camada superficial de tua existência. Ele é o que parece ser e nada mais. Não permitas que te impeça de ver a verdade, assim como não permites que outras condições superficiais ocultem a verdade de ti. Mesmo que não tenhas encontrado a verdade anteriormente, reconheceste o que não é a verdade. Teu corpo não é a verdade de quem tu és, não importando o quanto pareça ser. Por ora, vamos considerá-lo como o aspecto superficial de tua existência.

8.16 Daremos mais um passo, pois muitos de vós ainda pensais que é o que está dentro do corpo que é real: teu cérebro e teu coração, teus pensamentos e tuas emoções. Se o conteúdo de teu corpo fosse real,

ele também seria real. Da mesma maneira que, se uma situação superficial contivesse a verdade, seria a verdade. Se teu corpo e aquilo que está dentro dele não são quem tu és, te sentes como se tivesses sido deixado sem lar. É necessário que te sintas assim para que retornes ao teu verdadeiro lar, pois, se tu estivesse trancado e contido em teu corpo, e se aceitasses esse recipiente como sendo teu lar, não aceitarias qualquer outro.

8.17 Teu “outro” lar é o lar que sentes haver abandonado e o lar para o qual desejavas voltar. Entretanto, é onde tu estás e não poderias estar em nenhum outro lugar. Teu lar está aqui. Pensas que isso seja incompatível com a verdade como a estou revelando – a verdade de que o céu é teu lar –, mas isso não é assim. Não existe um *aqui* da maneira como o conceberias, nos termos que estabelecem tua realidade em um local, em um planeta, em um corpo. *Deus está aqui* e tu pertences a Deus. É apenas nesse sentido que podes ou deverias aceitar a noção de que aqui é onde tu pertences. Quando reconheceres que Deus está aqui, então, e só então, poderás afirmar verdadeiramente que *aqui* é onde pertencem.

8.18 Agora que te distanciaste de teu corpo, participando desse experimento para reconhecer o elemento superficial de tua existência, talvez estejas mais consciente que nunca de estar em um lugar e um momento específicos. Na medida em que te distancias de teu corpo e o observas, isso é o que verás: uma forma que se move através do tempo e do espaço. Podes ficar mais consciente do que nunca de suas ações e queixas, de sua solidez ou falta dela. Podes estar reconhecendo como ele governa tua existência e estar te perguntando como pudeste passar, mesmo que por um único momento, sem ser consciente dele.

8.19 Esse momento sem a consciência do corpo foi belamente descrito em *Um Curso em Milagres* como sendo o Instante Santo. Talvez não penses que a observação de teu corpo seja uma boa maneira para alcançar isso, mas, ao observar, aprendes a manter-te à parte daquilo que vês. Entretanto, um lembrete é necessário aqui, um lembrete para que não observes com tua mente, mas com teu coração. Essa observação conterá uma santidade, uma dádiva de visão que transcende tua visão normal.

8.20 É possível que comeces sentindo compaixão por esse corpo que consideravas teu lar há tanto tempo. Lá se vai uma vez mais, dormin-

do e despertando. Mais uma vez, se reabastecendo de energia. Mais uma vez, consumindo essa energia. Mais uma vez, se exaurindo. Mais um dia é recebido com a saudação que recebes em teu coração. Todos os dias te dizem que todas as coisas vêm para passar. Às vezes, isso é motivo de regozijo. Outras vezes, um motivo para a tristeza. Mas nunca se pode escapar do fato de que cada dia é, ao mesmo tempo, um começo e um fim. A noite é tão certa quanto o dia.

8.21 Ao longo desses dias que vêm para passar, muitos outros corpos se movem assim como o teu. Cada um é diferente do outro e existem tantos! À medida que te tornas um observador, podes até ficar bastante sobrecarregado pelo que observas, simplesmente pela magnitude de tudo aquilo que ocupa o mundo contigo. Alguns dias, isso fará com que te sintas como um entre muitos, como uma minúscula peça de jogo de pouca importância. Em outros, te sentirás bastante superior, como a culminação do mundo e de todos os seus anos de evolução. Haverá dias em que te sentirás completamente da terra, como se esse fosse teu lar natural e o céu para a tua alma. Em outros, teu sentimento será exatamente o oposto, e te perguntarás onde tu estás. Sim, aí está teu corpo, mas onde tu estás?

8.22 Apesar de não poderes observá-lo, reconhecerás como o passado te acompanha através de teus dias, assim como o futuro também. Ambos são como companheiros que, por um breve momento, são distrações bem-vindas, mas que relutam em deixar-te quando queres que se vão.

8.23 Onde moram esse passado e esse futuro? Aonde vai o dia quando é noite? Como podes entender todas essas formas que perambulam pelos teus dias contigo? O que é que estás observando na verdade?

8.24 Essa é a tua representação da criação, que começa a cada manhã e termina a cada noite. Cada dia é a tua criação, mantida pelo sistema de pensamento que a originou. Observar isso é ver sua realidade. Ver essa realidade é ver a imagem de Deus que tu criaste à semelhança de Deus. Essa imagem se baseia em tua memória da verdade da criação de Deus, e em teu desejo de criar como teu Pai. Em teu esquecimento, é o melhor que poderias fazer, mas, ainda assim, te diz muito.

8.25 Tudo é mantido pelo sistema de pensamento que o originou. Só existem dois sistemas de pensamento: o sistema de pensamento de Deus e o sistema de pensamento do ego ou do ser separado. O sistema de pensamento do ser separado vê tudo em separação. O sistema de

pensamento de Deus vê tudo em unidade. O sistema de pensamento de Deus é de permanente criação, renascimento e renovação. O sistema de pensamento do ego é de permanente destruição e desconstrução, decadência e morte. E, no entanto, como são parecidos entre si!

8.26 Quão próprio da memória é pensar que se recorda de algo nos mínimos detalhes, sem ter ideia alguma de que se trata essa memória! Toda memória é distorcida e deturpada por aquilo que gostarias que fosse. Todos já tiveram pelo menos um incidente recordado há muito tempo que, uma vez exposto à luz da verdade, mostrou-se ser uma mentira de bizarras dimensões. São as memórias de pessoas amadas que tinhas certeza que tentavam ferir-te, quando, na verdade, estavam apenas tentando ajudar. As memórias de situações que acreditavas que tinham como objetivo envergonhar-te ou destruir-te, mas que, na verdade, apenas visavam ensinar-te o que precisavas aprender para levar-te ao êxito de que desfrutas agora.

8.27 Assim, tua memória da criação de Deus é uma memória que mantém nos mínimos detalhes, mas, ainda assim, os detalhes mascaram a verdade a tal ponto, que toda a verdade é entregue à ilusão.

8.28 Como é possível que te movas no mesmo mundo, dia após dia, no mesmo corpo, observando muitas situações semelhantes, despertando para o mesmo sol que nasce e se põe e, contudo, possas experimentar cada dia de maneira tão diferente, que em um dia te sentes feliz e no outro triste, em um dia sentes esperança e no outro desespero? Como é possível que o que foi criado em tamanha semelhança à criação de Deus possa ser tão oposta a ela? Como pode a memória enganar os olhos dessa maneira e, contudo, não conseguir enganar o coração?

8.29 Essa é a verdade de tua existência, uma existência em que teus olhos te enganam, mas teu coração não acredita no engano. Teus dias são apenas a prova dessa verdade. Aquilo que teus olhos contemplam te enganará um dia, enquanto aquilo que teu coração contempla verá além do engano no dia seguinte. E, assim, um dia vivido em teu mundo é o sofrimento encarnado, e o seguinte é pura alegria.

8.30 Regozija-te porque teu coração não pode ser enganado, pois aí está teu caminho para a recordação verdadeira.

CAPÍTULO 9

O retorno do filho pródigo

- 9.1 Tu te perguntas como pode ser dito que teu coração não pode ser enganado, quando parece enganar-te com tanta frequência. Parece tão inconstante quanto a tua mente, dizendo-te uma coisa em um dia e outra coisa no dia seguinte. Mais do que tua mente, parece desviar-te do caminho, forçando-te a percorrer caminhos cheios de perigo e traição, que te levam à mais profunda escuridão, em vez de em direção à luz. São tuas emoções e não teu coração que fariam isso a ti.
- 9.2 As emoções falam a linguagem do teu ser separado, e não a linguagem de teu coração. São a primeira linha do teu sistema de defesa, sempre atentas ao que poderia ferir ou ofender o *pequeno tu* que acreditam estar sob sua proteção, ou os outros pequenos seres que acreditam estar sob tua proteção. Mas recorda-te agora até que ponto aquilo que fizeste se assemelha à criação se não em substância, ao menos na forma. A criação não precisa de proteção. É apenas a tua crença na necessidade de proteção que fez com que aquilo que sentes se tornasse tão encoberto pela ilusão. Se não sentisses necessidade de proteger teu coração, ou quaisquer dos corpos que amas, teus sentimentos conservariam sua inocência e não poderiam ferir-te de modo algum.
- 9.3 O desejo de proteger é um desejo que surge da desconfiança, e é totalmente baseado no medo. Se o medo não existisse, o que haveria para proteger? Assim, todo o teu amor – o amor que imaginas que guardas dentro de ti, e o amor que imaginas que recebes e dás – está manchado pelo teu medo e não pode ser amor verdadeiro. É porque te recordas do amor como aquilo que te manteve a salvo, aquilo que te manteve feliz, e aquilo que te conectou a todos aqueles que amas, que tentas usar o amor aqui. Essa é uma memória real da criação que tu distorceste. Tua memória deficiente fez com que acreditasses que o amor pode ser usado para manter-te a salvo, para fazer-te feliz, e para conectar-te àqueles que escolhes amar. Isso não é assim, pois o amor

não pode ser usado.

- 9.4 É desse mesmo modo que também distorceste todos os relacionamentos, tornando-os algo que só se torna real em seu uso por ti ou para ti. Em tua memória da criação, te lembraste de que todas as coisas existem em relacionamento, e de que todas as coisas acontecem em relacionamento. Por isso, escolheste usar o relacionamento para provar tua existência e para fazer com que as coisas aconteçam. Esse uso do relacionamento nunca te proverá a prova ou a ação que buscas, pois relacionamentos não podem ser usados.
- 9.5 Olha em volta no aposento onde estás e retira a utilidade de cada coisa que vês nele. Dos itens que contemplas agora, quantos manterias? Teu corpo também foi criado por sua utilidade. Ele te distingue, assim como cada item de teu aposento se distingue por sua utilidade. Pergunta a ti mesmo agora: para quem teu corpo é útil? Essa pergunta não se aplica àqueles para quem cozinhas ou limpas, nem àqueles cujos corpos consertarias ou cujas mentes melhorarias. A pergunta é, realmente, quem poderia ter visto uma utilidade para um corpo tal como o teu antes de ter sido criado? Que tipo de criador o criaria e com que propósito?
- 9.6 Tu não criaste teu Ser, mas, de fato, criaste teu corpo. Ele foi criado pela sua utilidade, assim como todos os outros objetos que compartilham o espaço que ocupas. Pensa, por um momento, sobre qual teria sido a intenção do criador de um corpo assim. O corpo é uma entidade finita, criada para ser autônoma, mas também para se autodestruir. Foi criado com a necessidade de manutenção constante, uma manutenção que requer esforço e luta. Cada centímetro de sua superfície é um receptor e transmissor de informação e, no entanto, possui ferramentas adicionais, tais como os olhos e os ouvidos, para melhorar sua comunicação e controlar o que entra e o que sai. É tão susceptível à dor quanto ao prazer. Contém meios para a união, mas apenas para a união de natureza temporária. É tão capaz de violência como de gentileza. Nasce e morre em um estado de impotência.
- 9.7 O corpo não poderia deixar de ser assim, pois foi feito com propósitos duais na mente. Foi feito para tornar real e depois glorificar um ser separado, e foi feito para punir esse ser separado pela separação. Seu criador tinha em mente aquilo que se reflete no corpo: autoen-

grandecimento e autoanulação, prazer e dor, violência e gentileza. Um desejo de saber tudo, mas somente por meio de seu próprio esforço, um desejo de ver tudo, mas somente por meio de seus próprios olhos, um desejo de ser conhecido, mas somente por meio daquilo que escolhe compartilhar. Junto a esses desejos, é fácil compreender como se desenvolveu um mundo como o do corpo. Junto ao desejo de conhecer, coexistia o desejo de não conhecer. Junto ao desejo de ver, coexistia o desejo de não ver. Junto ao desejo de compartilhar, coexistia o desejo de estar oculto. Junto ao desejo de viver, coexistia o desejo de não mais viver.

9.8 Tu sempre foste tal como foste criado, mas isso é o que escolheste fazer daquilo com que começaste. Em outras palavras, tomaste o que tu és e o transformaste nisso. Tu não criaste algo do nada e não usurpaste o poder de Deus. Tomaste aquilo que Deus criou e o transformaste em uma ilusão tão poderosa, que acreditas ser o que tu és, em vez de acreditar na verdade. Mas, assim como fizeste isso, podes desfazê-lo. Essa é a escolha que tens diante de ti: continuar acreditando na ilusão que fizeste, ou começar a ver a verdade.

9.9 Agora buscas saber como escapar daquilo que fizeste. Para fazê-lo, deves retirar dele toda a tua fé. Tu ainda não estás pronto para fazê-lo, mas teu coração te preparará para isso. Enquanto és preparado, caminhas junto àquele que te espera com um propósito único, em vez de junto aos desejos conflitantes que escolheste para levar-te a este mundo estranho. Viajas leve agora onde antes caminhavas acorrentado. Agora, viajas com uma companhia que te conhece como tu és e que quer te mostrar teu Ser.

9.10 Contempla teu corpo agora como antes contemplavas o espaço que ocupas. Retira a utilidade do corpo. Tu manterias aquilo que contemplas agora? À medida que te afastas e observas teu corpo, sempre com a visão de teu coração, pensa apenas no propósito para o qual o usarias. O que Deus criou não pode ser usado, mas o que tu fizeste sim, pois seu único propósito é o uso que fazes dele. Escolhe usá-lo agora para retornar-te ao teu verdadeiro Ser, e o novo propósito estabelecido por ti mudará suas condições, assim como sua utilidade para ti.

9.11 Todo uso surge da simples ideia de que não tens aquilo de que necessitas. Continuarás acreditando nisso enquanto tua lealdade permanecer dividida. Enquanto não retirares toda a fé naquilo que fi-

zeste, acreditarás que aquilo que fizeste continua sendo útil para ti. Como isso é assim e, como não pode ser mudado sem tua total disposição para mudar – uma disposição ainda incompleta –, em vez de tentar ignorar, aquilo que fizeste, vamos usá-lo de uma nova maneira. Deves ter em mente, contudo, que estamos apenas economizando tempo, e que teu verdadeiro Ser não tem nenhuma necessidade de usar coisa alguma.

9.12 Como afirmado antes, o que nos é mais útil agora é tua percepção do teu coração. Quando desfizeres tuas ilusões a seu respeito, rapidamente a verdade te será revelada, porque tuas percepções equivocadas acerca do teu coração continuam mais próximas da verdade do que qualquer outra que manténs. As memórias do teu coração são as mais fortes e puras que existem, e recordar-te delas ajudará a aquietar tua mente e a revelar o resto.

9.13 Por isso, retornamos à tua percepção de tuas emoções e a tudo aquilo que te faz sentir. Em teus sentimentos, especialmente naqueles que não consegues nomear, repousa tua conexão a tudo que é. Isso é útil, porque é mais difícil desalojar e trazer à luz aquilo que nomeaste e classificaste. Frequentemente, mesmo aqueles sentimentos que tentas nomear e manter habilmente em uma caixa que rotulaste disso ou daquilo, não ficam contentes ao permanecer onde tu os colocarias. Parecem trair-te, quando, na verdade, é tu quem os traís quando não permites que sejam o que são. Isso poderia ser usado como uma definição resumida de todo teu problema: tu não permites que nada que existe em teu mundo, incluindo a ti mesmo, seja aquilo que é.

9.14 Sentimentos que, por si mesmos, parecem rebelar-se contra essa situação insana são guiados pelas memórias que tentam revelar a verdade a ti. Eles te chamam de um lugar que desconheces. A dificuldade é que o único ser que ouve esse chamado é teu ser separado. É nas tentativas do ser separado de interpretar o que os sentimentos querem dizer, que estes se tornam tão distorcidos quanto todo o resto. É o ser separado que se sente impelido a rotular os sentimentos de bons e ruins, alguns dignos de reconhecimento e o restante digno apenas de negação ou desprezo. É a tua linguagem que coloca a emoção um passo atrás do medo, em tua batalha para controlar ou proteger aquilo que fizeste.

9.15 O medo sempre está um passo abaixo da superfície de uma si-

tuação, pois está um passo abaixo da superfície de teu ser. Retira o primeiro nível daquilo que teus olhos te permitem observar e encontrarás o medo à espreita ali. O próximo nível, dependendo de tua disposição, é o desejo de controlar ou o desejo de proteger. Na verdade, são o mesmo, mas vestem diferentes faces perante ao mundo. Se, para os propósitos de nossa conversa, o corpo é o aspecto superficial de teu ser e, se por baixo dessa superfície, o que se encontra primeiro for o medo, é do medo que se procede todo o resto. Certamente, é fácil ver que nem o desejo de controlar nem o desejo de proteger existiriam sem a camada de medo que vem antes deles.

9.16 O medo, como todo o resto de tuas emoções, vem disfarçado de muitas maneiras e recebe muitos nomes, mas, na verdade, só existem duas emoções: uma é o medo, e a outra, o amor. O medo, portanto, é a fonte de todas as ilusões; o amor, a fonte da verdade.

9.17 Como poderia alguém separado de todo o resto não ter medo? Não importa em absoluto que todos a quem observas pareçam estar separados também. Ninguém realmente acredita que um outro esteja tão separado quanto ele mesmo está. Sempre parece que os outros têm o que te falta e o que buscas. Pareces estar sozinho em tua fragilidade, solidão e falta de amor. Os outros te interpretam mal e não te conhecem, assim como tu também não consegues compreendê-los.

9.18 Isso não precisa ser assim, pois não estás separado! Os relacionamentos que buscas para pôr um fim à tua solidão podem fazê-lo apenas se aprendes a ver o relacionamento de maneira diferente. Assim como com todos os teus problemas de percepção, é o medo que bloqueia a visão de teu coração, a luz com que o Cristo em ti iluminaria a escuridão. Não consegues ver que, quando escolheste tornar-te separado e sozinho, também fizeste uma escolha pelo medo? O medo nada é senão uma escolha, e pode ser substituído por uma escolha de um outro tipo.

9.19 Foi dito repetidamente que causa e efeito são um só na verdade. O mundo que vês é o efeito do medo. Cada um de vós teria compaixão por uma criança atormentada por pesadelos. O desejo mais fervoroso de cada pai ou mãe seria explicar a um filho ou filha que não existe nenhuma causa para o medo, e que isso é verdade. A idade não tirou o medo de nenhum de vós, e tampouco fez com que vosso sonho de vida deixasse de ser um pesadelo. Entretanto, tu te permites poucos mo-

mentos de compaixão para ti mesmo e, quando essas escassas oportunidades se apresentam, rapidamente substituis a compaixão por coisas práticas. Embora faça sentido para ti tentar dissipar o pesadelo de uma criança, não vês nenhuma maneira para dissipar o teu próprio pesadelo. Escondes o medo por baixo da superfície, e por trás de qualquer rótulo alternativo que darias a ele, em uma tentativa desesperada de não o ver. Viver no medo é, de fato, uma maldição, e uma maldição que tentarias convencer-te de que não está presente em tua vida. Buscas outros por quem sentir compaixão, por aqueles que vivem em países devastados pela guerra ou em vizinhanças assoladas pela violência. Dizes: há, de fato, razão para o medo, mas não aqui.

9.20 Essa é a única maneira que conseguiste encontrar para trazer alívio ao pesadelo de uma vida com medo. Projetas o medo para fora e para longe de ti, sem enxergar que manténs aquilo que projetarias. Sem enxergar que os sinais externos de medo são apenas reflexos daquilo que guardas dentro.

9.21 Pensa agora em alguém que identificas que está vivendo a vida de medo que negas que tu mesmo tens. E imagina que poderias tirar essa pessoa desse lugar escuro e perigoso. Ela está com frio, e preparas um fogo e lhe dás um cobertor quente para seus joelhos. Ele está com fome, e preparas para ele um banquete digno de um rei. Essa pessoa existe na violência que manterias do lado de fora da tua porta e do teu santuário interior, tu lhe dás um alívio da guerra que é travada ali fora. Todo o teu comportamento e até mesmo tuas fantasias demonstram que acreditas que a ausência de frio implica no calor. Que a ausência de fome é saciedade. Que a ausência de violência é paz. Pensas que, ao simplesmente proporcionar essas coisas que são o oposto daquilo que não queres ter, terias realizado muito. Entretanto, um fogo aquece apenas enquanto for alimentado. Uma refeição sacia apenas até que a próxima seja necessária. Tuas portas fechadas te mantêm à salvo apenas enquanto seus limites forem respeitados. Substituir o temporário pelo temporário não é uma solução.

9.22 Podes estar pensando agora que o que acabei de te dizer que não é uma solução, é precisamente o que a Bíblia te instrui a fazer. Nela estão registradas as palavras com que vos peço para alimentar os famintos, saciar a sede dos sedentos, acolher e dar descanso ao estranho. Eu disse que, quando fazeis isso pelos outros, o fazeis por mim. Pensas

que eu precise de uma refeição, de um copo d'água ou de uma cama quente? Enquanto ainda estiverdes presos na ilusão da necessidade, esses atos de caridade certamente têm algum valor, mas novamente vos digo que esse valor é temporário. Minhas palavras te chamam ao eterno, ao alimento e ao descanso do espírito, não do corpo. O fato de tua visão estar direcionada apenas ao cuidado do corpo é outro exemplo de escolher um oposto como substituto.

9.23 Essa não é a tua maneira de resolver todos os problemas que enfrentas? Vês algo que não queres e tentas substituí-lo pelo seu oposto. Dessa maneira, passas a tua vida lutando contra o que tens e querendo o que não tens. Apenas um exemplo é necessário para esclarecer o apuro no qual colocaste a ti mesmo. Sentes uma carência e, por isso, queres. Queres sempre mais. Acreditas verdadeiramente que não tens o que precisas e, assim, fazes com que sejas um necessitado contínuo. Por isso, passas a tua vida tentando satisfazer às tuas necessidades. Para a maioria de vós, esse tentar assume a forma de trabalho, e dedicas toda a tua vida trabalhando para satisfazer às tuas necessidades e às necessidades daqueles a quem tu amas. O que farias de tua vida se não tivesses necessidades a satisfazer? O que farias de tua vida se não tivesses medo algum? Essas perguntas são iguais.

9.24 A única substituição que poderá satisfazer à tua busca é a substituição da ilusão pela verdade, a substituição do medo pelo amor, a substituição do teu ser separado pelo teu verdadeiro Ser, o Ser que descansa em unidade. É o teu conhecimento de que isso deve ocorrer que faz com que tentes todos os outros tipos de substituição. Podes continuar dessa maneira, sempre com a esperança de que a próxima substituição será aquela que conseguirá trazer-te aquilo que desejas ou, em vez disso, podes escolher a única substituição que funcionará.

9.25 Apenas te é pedido que desistas de tua ideia insana de que estás sozinho. Falamos muito de teu corpo aqui, apenas porque é a tua prova da validade dessa ideia insana. É também a tua prova para justificar uma vida de medo. Como poderias não ter medo pela segurança de um lar tão frágil como o corpo? Como deixar de garantir a próxima refeição para ti mesmo e para aqueles sob teus cuidados? Não vês tudo do que te privam essas distrações de suprir necessidades.

9.26 E, no entanto, a própria realidade que estabeleceste – a realidade de não ser capaz de conseguir aquilo que precisas constantemente em-

penhar-te para fazer – é uma situação que se estabelece para proporcionar relacionamento. Como tudo o mais que lembraste da criação e fizeste à sua imagem, isso também é assim. Ao mesmo tempo em que fizeste de ti mesmo um ser separado e sozinho, também fizeste com que fosse necessário estar em relacionamento para sobreviver. Sem relacionamento, tua própria *espécie* deixaria de existir. De fato, toda vida se extinguiria. Naturalmente, deves ajudar tua irmã e teu irmão, pois eles são tu mesmo e são o único meio que tens para compreender a eternidade, mesmo dentro dessa falsa realidade que fizeste.

9.27 Voltemos ao exemplo de saciar a fome de tua irmã e a sede de teu irmão. Essa não é apenas uma lição em saciar a fome e a sede espirituais, mas é também uma lição em relacionamento. É o relacionamento inerente ao ato de satisfazer a necessidade do outro, que faz com que esse ato seja algo de valor duradouro. É em tua disposição para dizer: “Irmão, tu não estás sozinho”, que está o benefício dessas situações, não apenas para teu irmão, mas também para ti. É no dizer: “Irmã, tu não estás sozinha”, que a fome e a sede espirituais são satisfeitas com a plenitude da unidade. É no reconhecimento de que tu não estás sozinho que reconheces tua unidade comigo e comesças a afastar-te do medo e aproximar-te do amor.

9.28 Tu não és teu próprio criador. Essa é a tua salvação. Não criaste algo do nada, e começaste com aquilo que Deus criou e permanece tal como Deus o criou. Não precisas forçar as tuas crenças para além dessas simples afirmações. Seriam realmente tão implausíveis para que possas aceitá-las? Seria tão impossível imaginar que o que Deus criou tenha sido distorcido pelo teu desejo de que tua realidade fosse diferente daquilo que é? Acaso não viste esse tipo de distorção acontecer na realidade que vês? Não seria essa a história do filho ou filha talentosos que desperdiçam todos os dons que possuem por não os enxergar ou por tristemente distorcer a utilidade que estes dons poderiam ter?

9.29 Vós sois os filhos e filhas pródigos, para sempre bem-vindos a voltar ao lar, para o abraço seguro de vosso Pai.

9.30 Pensa no teu carro, teu computador ou qualquer outra *coisa* que utilizes. Sem usuário, teriam alguma função? Seriam algo? Um carro abandonado e sem usuário poderia se tornar a casa para uma família de ratos. Um computador poderia ser coberto com um pano, com um vaso de flores por cima. Alguém que não conheça sua função, pode-

ria atribuir-lhe a função que desejasse, mas o usuário nunca tentaria trocar os papéis com o objeto. Quando um acidente acontece, não se pode atribuir a culpa ao carro pelos erros cometidos pelo seu usuário. De certo modo, no entanto, essa troca de papéis é similar àquilo que tens tentado fazer e é como culpar o carro por um acidente. Tens tentado trocar de lugar com o corpo, alegando que o corpo usa a ti, e não o inverso. Fazes isso por culpa, em uma tentativa de colocar tua culpa fora de ti. “Meu corpo me fez fazer isso” é como o choro de uma criança com um amigo imaginário. Com essa alegação de um amigo imaginário, a criança anuncia que seu corpo não está sob seu controle. O que é teu ego senão um amigo imaginário para ti?

9.31 Criança de Deus, tu não necessitas de nenhum amigo imaginário quando a teu lado caminha quem sempre é teu amigo e quem quer te mostrar que não tens necessidade alguma. O que verdadeiramente és não pode ser usado, nem mesmo por Deus. Não vês que, apenas na ilusão, podes usar os outros que são como tu mesmo?

9.32 Aprendes teu conceito acerca de usar os outros a partir da realidade que fizeste, em que usas o corpo que chamas de teu lar e identificas como teu próprio ser. Como podem o usuário e o objeto do uso ser um só e o mesmo? Essa insanidade faz com que o propósito de tua vida pareça ser de utilidade. Quanto mais útil for o teu corpo para outros e para ti, mais valor atribuis a ele. Eras se passaram desde o início da criação, e tu ainda não aprendeste a lição das aves do céu e das flores do campo. Dois mil anos se passaram desde que te foi dito para observar essa lição. Os lírios do campo não semeiam nem colhem e, no entanto, nada lhes falta. As aves do céu vivem para cantar uma canção de alegria. Tu também.

9.33 A vontade de Deus para ti é a felicidade, e nunca foi de outro modo. A criação de Deus é para a eternidade, e não tem uso algum para o tempo. O tempo também foi feito por ti, uma ideia de uso que enlouqueceu, pois, mais uma vez, permitiste que algo feito para o teu próprio uso se tornasse o usuário. Com as tuas próprias mãos, entregas toda tua felicidade e teu poder àquilo que fizeste! E pouco importa agora que, ao fazê-lo, novamente imitaste aquilo que tua memória defeituosa te diria que teu Criador fez. Somente Deus pode prover o livre-arbítrio. Ao entregar teu poder para coisas como teu corpo e para ideias como o tempo, tua imitação do dom do livre-arbítrio foi

tão equivocadamente colocada na ilusão, que não consegues ver essa loucura pelo que realmente é. Teu corpo é inútil para teu poder e o tempo não foi feito para a felicidade.

9.34 O livre-arbítrio que Deus te concedeu é o que te permitiu fazer o que quiseste de ti mesmo e de teu mundo. Agora, contemplas esse mundo com culpa e o vês como prova de tua natureza má. Ele reforça tua crença de que tu mudaste demais em relação ao que eras para que voltes a ser digno de tua verdadeira herança. Temes que a desperdiçarias e a deixarias em ruínas também. A única maneira que poderia conseguir provar teu lugar como o herdeiro real, seria se pudesses consertar a ti mesmo e ao mundo, restabelecendo-o a uma condição anterior que imaginas conhecer. Nesse cenário, Deus se parece mais com teu banqueiro do que com teu Pai. Desejas provar a Deus que podes “levar o negócio adiante”, antes que Lhe peças Sua ajuda.

9.35 Enquanto não quiseses ser perdoado, não sentirás o toque gentil do perdão sobre ti e teu mundo. Embora, na verdade, não haja necessidade alguma desse perdão, assim como não há verdade alguma na grande mudança que acreditas ter passado, teu desejo de ser perdoado é um primeiro passo que te afasta de tua crença de que podes consertar as coisas por ti mesmo e que, ao fazê-lo, ganharás teu retorno ao lar de teu Pai. Estar disposto a ser perdoado é o precursor da expiação, o estado no qual permites que teus erros sejam corrigidos para ti. Esses erros não são os pecados que manténs contra ti mesmo, mas meramente teus erros de percepção. A correção, ou a expiação, te devolve ao teu estado natural, onde está a visão verdadeira, e o erro e o pecado desaparecem.

9.36 Teu estado natural é um estado de união e, cada vez que te unes em um relacionamento santo, recuperas um pouco da memória da união. Essa memória de tua divindade é o que na verdade buscas em cada relacionamento especial que estabeleces, mas tua verdadeira busca é oculta pela interferência do conceito de utilidade. Embora teu coração busque união, teu ser separado busca aquilo que possa usar para preencher o vazio e aliviar o terror de sua separação. Teu coração alcança aquilo que busca em amor, mas teu ser separado te afastaria disso que é alcançado ao transformar cada situação em um meio para servir a seus fins. Enquanto a união for vista apenas como um meio para manter a solidão longe de ti, não será vista pelo que verdadeiramente é.

- 9.37 Colocaste limites sobre todas as coisas no teu mundo, e são esses limites de utilidade que bloqueariam a recuperação de tua memória. Um relacionamento de amor, enquanto for visto como sendo a maior conquista em termos de proximidade que podes alcançar com um irmão ou irmã, continua sendo limitado pelo propósito que tu atribuis a ele. De maneira bem simples, seu propósito é suprir uma falta. Essa é a tua definição de completude. O que falta em ti é encontrado em outra pessoa e, juntos, alcançais um senso de totalidade.
- 9.38 Mais uma vez, isso é apenas uma distorção da criação. Tu te lembras de que a totalidade é alcançada por meio da união, mas não te lembras de como alcançá-la. Tu te esqueceste de que apenas tu podes ser realizado. Acreditas que, ao juntar várias partes, um todo pode ser alcançado. Falas de equilíbrio, e tentas encontrar algo para uma parte de ti em um lugar e algo para outra parte em outro lugar. Este satisfaz tua necessidade de amizade, e aquele outro de estímulo intelectual. Em uma atividade expressas tua criatividade e, em outra, tua devoção à oração. Como uma carteira diversificada de investimentos, pensas que essa divisão de diferentes aspectos de ti protege teus ativos. Temes colocar “todos os ovos na mesma cesta”. Tentas equilibrar as coisas que consideras estafantes e aquelas que consideras empolgantes. Ao fazer isso, acreditas que “usas teu tempo” sabiamente e defines a ti mesmo como um “indivíduo coerente”. Enquanto isso for tudo o que buscares, não alcançarás nada além disso.
- 9.39 Buscar aquilo que perdeste em outras pessoas, lugares e coisas é apenas um sinal de que não compreendes que aquilo que perdeste ainda pertence a ti. Aquilo que perdeste está perdido, mas não se foi. Aquilo que perdeste está oculto de ti, mas não desapareceu nem deixou de existir. Aquilo que perdeste é de fato valioso, e sabes disso. Entretanto, não sabes o que é esse algo valioso. Apenas uma coisa é certa: quando a encontrares, saberás que foi encontrada. É isso que te trará felicidade e paz, contentamento e um senso de pertencimento. Isso é o que te fará sentir como se teu tempo aqui não tivesse sido em vão. Sabes que, independentemente de qualquer outro propósito que tua vida pareça ter, se, em teu leito de morte, não tiveres encontrado aquilo que buscavas, não partirás em paz profunda, mas em desespero e medo obscuros. Não terás esperança alguma por aquilo que repousa *além* da vida, pois não terás encontrado esperança alguma *na* vida.

9.40 Tua busca pelo que está perdido se torna então tua corrida contra a morte. Buscas aqui, buscas ali, e corres de uma coisa à outra. Cada pessoa participa sozinha nessa corrida, com a única esperança de vitória para si mesma. Não reconheces que, se parasses e tomasses a mão de teu irmão, a pista de corrida se transformaria em um vale cheio de lírios, e estarias do outro lado da linha de chegada, onde finalmente poderias descansar.

9.41 A exortação para descansar em paz é para os vivos, não para os mortos. Mas enquanto participas da corrida, não saberás disso. A competição que leva ao triunfo individual se tornou o ídolo que glorificarias, e não necessitas buscar longe para encontrar a prova de que isso é assim. Essa idolatria te diz que a glória é para poucos e, portanto, tomas teu lugar na linha de partida e contas com a glória. Continuas correndo enquanto podes e, vencendo ou perdendo, tua participação na corrida não foi nada além de uma oferenda obrigatória ao ídolo que fizeste. E, em algum momento, quando tu já não conseguires correr, te curvas diante daqueles que alcançaram a glória. Eles se tornam teus ídolos, e te tornas seu súdito, observando o que fazem com inveja e reverência. Para eles, fazes teus sacrifícios e prestas homenagens. A eles dizes: “Eu queria ser como vós”. Para eles, buscas uma satisfação indireta, tendo desistido de qualquer esperança de satisfação verdadeira. Aqui és entretido, abalado, animado ou repellido. Aqui, assistes aos gladiadores matarem-se uns aos outros para tua diversão. Aqui está tua ideia de utilidade demonstrada em seus detalhes mais medonhos.

9.42 O que é isso senão uma demonstração, em uma escala maior, daquilo que vives a cada dia? Isso é tudo que qualquer coisa maior que tu mesmo prova para ti. Cada sociedade, grupo, time, e organização é apenas um retrato coletivo do desejo individual. Escravos e amos usam uns aos outros, e as mesmas leis prendem a ambos. Quem é o amo e quem é o escravo nesse corpo que chamarias de teu lar? Que liberdade terias sem as demandas que teu corpo te impõe? A mesma pergunta poderia ser feita a respeito desse mundo que consideras o lar do corpo. Quem é o amo e quem é o escravo, quando ambos são mantidos em servidão? A glória que dás a ídolos também é apenas servidão. Sem tua idolatria, sua glória já não existiria e, por isso, eles também vivem com medo, não menos do que aqueles que os idolatram.

9.43 O uso, em qualquer forma, leva à servidão, de modo que perceber

um mundo sustentado pelo uso é enxergar um mundo onde a liberdade é impossível. Então, aquilo que pensas ser a razão pela qual necessitas de tua irmã, baseia-se na premissa insana de que a liberdade pode ser comprada, e de que o amo é mais livre que o escravo. Embora isso seja ilusão, é a ilusão que se busca. O preço de compra é a utilidade. E, assim, cada união é vista como uma barganha na qual negocias tua utilidade pela de outro. Um empregador pode usar tuas habilidades, e tu podes usar o salário e os benefícios que o empregador oferece. Um cônjuge é útil de muitas maneiras que complementem tuas áreas de utilidade. Uma loja te fornece bens que usarias, e tu supres a loja com o capital que seu dono usará. Se fores dotado de beleza, talento atlético ou artístico que possa ser utilizado, te consideras muito afortunado. Um belo rosto e um corpo em forma podem ser negociados por um preço bem alto. Não é nenhum segredo que vives em um mundo de oferta e demanda. Do simples conceito de indivíduos que precisam estar em relacionamento para sobreviver, teceu-se essa complexa rede de uso e abuso.

9.44 Abuso é apenas o uso impróprio, uso em proporções que tornam a insanidade do uso evidente tanto para quem usa como para quem é usado, que justifica um lugar em nossa conversa aqui. Observa os padrões de abuso em tudo, desde as drogas e o álcool até o maltrato físico ou emocional. Estes, assim como os maiores exemplos de tua vida cotidiana que deram errado, são apenas demonstrações de desejos internos levados a um extremo maior, mas que, em vez de serem refletidos pelo grupo, são refletidos em um nível individual. O indivíduo com problemas de abuso prestaria um serviço ao mundo, se as pessoas que nele habitam compreendessem o que tais abusos de fato refletem. Como qualquer extremo, simplesmente aponta o que em circunstâncias menos extremas continua sendo certo: todo uso é impróprio.

9.45 É o seu propósito que faz com que o uso seja impróprio. O Espírito Santo pode guiar-te para que uses as coisas que fizeste de maneiras que beneficiem o todo, e essa é a distinção entre uso próprio e impróprio, ou entre uso e abuso. Queres usar em benefício do ser separado. Quando ampliada, a força destrutiva de tal abuso se torna facilmente evidente. Mais uma vez, colocarias a culpa fora de ti e rotularias as drogas, o álcool, o tabaco, a jogatina ou até mesmo a comida como sendo forças destrutivas. Assim como o carro que culparias pelo aci-

dente, aqui se confundem usuário e objeto de uso. Toda essa confusão se origina da confusão inicial acerca do uso que pensas que teu corpo pretende fazer de ti. Toda essa confusão se origina de teres deslocado a ti mesmo e de teres abdicado de teu poder sobre as coisas que fizeste.

9.46 Vou repetir que se trata de tua tentativa equivocada de seguir o caminho da criação. Deus concedeu todo o poder às suas criações, e tu escolherias fazer o mesmo. Tua intenção não é má, mas é guiada pela culpa e pela falsa memória do ser separado. Por mais que tenhas desejado o anonimato e a autonomia com relação a Deus, ainda culpas a Deus por criar uma situação na qual pensas ter a permissão para ferir a ti mesmo. Perguntas: como pôde Deus permitir todo esse sofrimento? Por que Ele te tenta com forças tão destrutivas? Forças que estão fora de teu controle? Por que Deus não criou um mundo benigno e incapaz de ferir-te?

9.47 Assim é o mundo que Deus efetivamente criou: um mundo tão belo e tão pacífico que, quando olhares para ele mais uma vez, chorarás de alegria e esquecerás tua tristeza no mesmo instante. Não haverá mais uma longa lembrança de arrependimentos, nem sentimentos ruins por todos os anos em que não viste isso. Só haverá um alegre “ah!”, na medida em que recuperas o que te esqueceste por tanto tempo. Tu irás apenas rir dos jogos infantis que jogavas, e não terás mais arrependimentos que terias pela tua infância. Tua inocência se destacará claramente aqui, e nunca mais duvidarás que o mundo que Deus criou pertence a ti, assim como tu pertences a ele.

9.48 Todas as tuas imensas divagações serão vistas pelo que são. Será revelado que tinhas apenas dois desejos: o desejo de amar e o desejo de ser amado. Por que esperar para ver que esses desejos são tudo o que te chama ao comportamento estranho que exhibes? Aqueles que sucumbem ao abuso meramente estão pedindo mais alto pelo mesmo amor que todos buscam. Eles não devem ser julgados, pois aqui todos sois abusadores, começando pelo abuso que fazem de si mesmos.

9.49 As tentativas de modificar o comportamento abusivo são praticamente inúteis em um mundo que se sustenta no uso. Os fundamentos do mundo devem mudar, e o estímulo para essa mudança está dentro de ti. Todo uso termina com a união, pois foi pelo uso que trocaste a união. Em vez de reconhecer tua união, um estado em que tu és íntegro e completo, pois estás unido a tudo, decidiste manter-te separado

e usar os demais para apoiar tua posição separada. Vês a diferença entre essas duas posições? De que maneira teu caminho é melhor que o caminho que Deus criou para ti, um caminho completamente livre de conflito? Apesar de tuas tentativas mais audaciosas para permanecer separado, necessitas usar teus irmãos e irmãs até mesmo para manter a ilusão de tua separação. Não seria simplesmente melhor pôr fim a essa farsa? Admitir que não foste criado para a separação, mas para a união? Começar a abandonar teu medo da união, conforme abandonas efetivamente o uso também?

- 9.50 Como o mundo seria diferente se tentasses, ao menos por um dia, substituir o uso pela união! Antes que possas começar, contudo, devemos expandir as lições que estás aprendendo por meio da observação de teu próprio ser. Agora queremos descortinar a ilusão de que podes ser usado pelo teu corpo, pois esse aparente uso é o que leva a todas as demais ideias de uso.

CAPÍTULO 10

Uso e compreensão

10.1 Em primeiro lugar, consideremos o que o corpo usaria. Embora te sintas seu escravo e sob o peso de seu controle, quem é o *tu* que o corpo controlaria? Como pode forçar-te a fazer algo diferente daquilo que escolhes fazer? Aprende bem essa lição, pois nela está a cura para toda doença e a esperança de toda cura. Embora pareça que o corpo te diz o que sentes e te faz agir de acordo com seus sentimentos, como pode ser assim? O corpo, em si mesmo, é neutro. Mas enquanto atribuis a ele a capacidade de proporcionar-te prazer, o corpo também te proporcionará dor. Tu não podes escolher um sem o outro, porque a escolha é a mesma. O corpo é uma ferramenta feita para que o uses para manter a ilusão de tua separação. Seu poder aparente se deve unicamente ao fato de que pensas que depositaste teu poder nele. Se isso fosse verdade, ele de fato deteria muito poder. Mas aquilo que fizeste não pode ser investido com o poder da criação, sem que te unas a ele. Pensas: como poderias estar mais conectado a qualquer coisa do que a teu próprio corpo? Se nem mesmo estás unido a essa presença que chamas de teu lar, como pode ser esperado que te unas a outros?

10.2 Agora devemos retornar ao conceito de relacionamento, pois o pensamento de corpos juntos em uma união mais estreita do que a união que sentes com o corpo que consideras teu, é realmente ridículo. A união ocorre no relacionamento, não na forma física. A união não é a obliteração de uma coisa para fazer outra: a união faz com que cada um seja íntegro e, nessa integridade, um com tudo. Na realidade, essa união nunca deixou de existir, mas enquanto não reconheces sua existência, seus benefícios não estarão disponíveis para ti. Por mais que eu quisesse que fosse assim, o simples fato de eu te dizer a verdade de tua existência não é suficiente para tornar-te consciente daquilo que ocultaste de ti mesmo por tanto tempo. Posso meramente te dizer onde buscar, e economizar para ti incontáveis anos de busca onde a

verdade não está, se apenas estiveres disposto a buscar onde eu te indique que a encontrarás.

10.3 Há aspectos do que estou te dizendo que acolhes prontamente e outros que não compreendes e esperarias um pouco antes de implementá-los. O que não compreendes, na realidade, é a completude. Todas as coisas existem em completude, incluindo o sistema de pensamento que fizeste para proteger a ilusão que manténs com tanto apreço. Teu sistema de pensamento é completamente alheio à verdade, mas completamente consistente como um sistema. Não podes abandonar um princípio e reter outro, pois ao reter uma parte, reténs tudo. Isso levará a um aparente fracasso em aprender o que quero que aprendas. Não podes falhar em aprender aquilo que Deus quer que eu te ensine, mas tampouco podes aprendê-lo por partes. O sistema de pensamento da verdade é tão completamente consistente quanto o sistema de pensamento da ilusão, e não podes tomar apenas o que queres e deixar o resto. Assim, continuaremos a apontar as diferenças entre os dois sistemas de pensamento para que tuas ideias possam começar a mudar, até que finalmente teu coração assuma o comando e faça a única escolha que deves fazer. Teu coração, que não deve ser confundido com a bomba que faz o corpo funcionar e sim identificado como o centro de teu ser, não possui um sistema de pensamento à parte do teu, e deve existir na realidade em que tu pensas estar.

10.4 O começo de toda transformação está na fonte, e isso é tão verdadeiro para a ilusão como para a verdade. Tu vês teu corpo como teu ser, e teu ser como a “fonte” de tudo que fizeste e sentiste em todos os teus dias sobre esta terra. Ainda assim, tua verdadeira Fonte está no centro de teu Ser – o altar para o teu Criador –, o Ser que compartilhas em unidade com Cristo. Cristo é a “parte” de Deus que reside em ti, não em separação, mas na eterna completude em que Deus e tu existíeis juntos na verdade.

10.5 Para aqueles de vós que estais nessa jornada há muito tempo, assim como para aqueles que estais apenas começando, esse abandono do corpo como teu lar e como a fonte de tudo o que vós sois é o maior obstáculo a ser superado. À medida que observas o corpo e ousas pensar em uma vida sem ele, te deparas com a sua realidade repetidamente. Justamente quando começares a deixar de estar ciente do corpo, podes ser acometido por dores de cabeça, dores nas costas e outras

enfermidades aparentes. Esse é o ser separado que fizeste, te chamando de volta ao corpo para provar-te que é intransponível. Nesse ponto, muitas pessoas tentam se livrar dessas enfermidades por meio do pensamento e, quando não o conseguem, veem o fracasso como mais uma prova de sua sujeição ao corpo. Sê vigilante quanto a todas as tentativas de fazer o corpo desaparecer e materializar milagres com o pensamento. Esse desejo meramente te mostra que não conheces a fonte da cura, e que não estás pronto para ser curado.

10.6 O fato de que ainda não estás pronto não significa que não estarás pronto, assim como perder algo não significa que esse algo tenha deixado de existir. No entanto, teu ser separado citaria todas as provas de seu fracasso em ser qualquer outra coisa além de separado, e rapidamente te apontaria a impossibilidade de ser diferente do que tu és: um corpo. Esse é o “fato” que ele constantemente sussurra em teu ouvido, a mentira com que tenta fazer-te acreditar que tudo mais que aprenderias aqui é igualmente impossível. Tu escutas essa voz porque tem sido tua companhia e professora constantes em tua separação, sem reconhecer que o que ela te ensinou é a estar separado. Sê advertido de que essa voz tentará interferir constantemente enquanto deres qualquer mérito àquilo que te diz.

10.7 Pensa em outra pessoa, em um professor ou em teu pai ou tua mãe, alguém cuja “voz” tu escutas conforme passas teus dias. Queiras tu ouvir ou não essa voz, seja essa voz sábia ou tola, sua simples repetição a mantém em tua memória. Essa pode ser a voz que diz: “Mantém tua postura reta” ou “Tu és especial” ou ainda “Tu nunca chegarás a nada”. Possivelmente, muitos de vós usastes a terapia para silenciar as mensagens negativas que ouviste e, depois de muito esforço, conseguistes substituir o que era negativo por mensagens de natureza mais positiva. E essas são apenas mensagens de uma fonte externa! Teus próprios pensamentos são muito mais persistentes e insistentes que elas. Eles têm estado contigo há mais tempo e mais constantemente. A vigilância é necessária para desalojá-los.

10.8 Eu te digo isso não para desencorajar-te, mas para encorajar-te a não desistir. Teu propósito agora é o mais santo possível, e todo o céu está contigo. Tudo o que é necessário é tua constante disposição. A única coisa que pode fazer-te fracassar é se tu desistires. Dou a ti esses exemplos que te fariam dizer: “Não será fácil”, mas te digo que tampouco será difí-

cil, se te lembrares apenas disso: tua disposição é tudo o que é necessário. Quando teu ser separado sussurrar a ti: “teu corpo é apenas um fato”, tudo o que precisas dizer a ti mesmo é: “eu continuo disposto a acreditar de outra maneira”.

10.9 Sê vigilante também quanto ao teu desejo por recompensa. À medida que te sentes mais próximo de Deus e de teu verdadeiro Ser, à medida que fores mais consciente de ti mesmo como uma pessoa “boa” e que ainda quer ser melhor, começarás a buscar tuas recompensas. Mais adiante, tu te recordarás desses momentos, sorrirás e gargalharás da inocência desses desejos, que apenas revelam que tu estás meramente no início deste currículo. Querer recompensa por ser bom, por fazer mais esforço, por estar mais próximo de Deus que teu irmão ou tua irmã, são todos desejos de teu ser separado, que deseja algo para si mesmo e por todo seu esforço. Isso é apenas um estágio pelo qual passarás, ainda que alguns possam demorar-se aqui. Permanecerás aqui até que reconheças que todos são bons e que não podes merecer mais graças de Deus do que teu irmão. Permanecerás aqui até que compreendas que Deus já deu tudo a todos.

10.10 Mais uma vez, apenas afirma tua disposição. Uma disposição de acreditar que tens tudo o que necessitas, apesar do “fato” de que não parece ser assim. Tua disposição é tudo o que é necessário para que atravesses esse estágio e passes para o seguinte. Sê encorajado e não desencorajado pelo fato de que Deus não te concede todos os teus desejos aqui. Pois esses ainda não são teus desejos verdadeiros, e as recompensas que escolherias aqui são como pó, quando comparadas àquelas que reconhecerás à medida que avanças.

10.11 Falemos um pouco aqui de milagres. Dito de maneira simples, milagres são uma consequência natural da união. Mágica é a tua tentativa de fazer milagres *por ti mesmo*. Nos estágios iniciais de teu aprendizado, serás tentado a jogar um jogo de faz-de-conta. Ainda que não acredites que não és teu corpo, farias de conta que tu não o és. É possível que sejas tentado a acreditar que, porque finges que não és um corpo, podes fingir que não sentes a dor de uma dor de cabeça ou o frio de um dia de inverno, e esse fingimento pode até mesmo fazer com que sintas um pouco menos de dor ou um pouco menos de frio. Entretanto, essa tentativa de enganar a ti mesmo é acolhida por teu ser separado, que sabe que fingir algo não o torna realidade.

10.12 Essas tentativas de enganar a ti mesmo baseiam-se na tua falta de entendimento, mais do que na tua falta de fé. Tu não continuarias tua leitura se acreditasses que és teu corpo e nada além disso. Há muito tempo sabes que tu és mais do que apenas carne e osso. Crer não é teu problema. Teu problema é compreender. Embora acredites em Deus, não compreendes a Deus. Embora acredites em mim, não compreendes como essas palavras vêm de mim. Embora acredites no céu e em uma vida após a morte, não compreendes o que são nem onde estão. E acreditar em algo que não compreendes faz com que te sintas peculiar, na melhor das hipóteses, e insano na pior. Queres acreditar e, por isso, acreditas. Mas também queres estar “certo” sobre aquilo que acreditas. O aspecto conveniente de tua crença em Deus, em mim, no céu e na vida após a morte, é que acreditas que aqui não pode ser provado que estás errado. Se estiveres errado, meramente apodrecerás depois de morrer e ninguém saberá quão errado estavas! Se estiveres errado, ao menos acreditaste em algo que te trouxe conforto e que, no fim das contas, nunca te prejudicou.

10.13 Contudo, não se pode dizer o mesmo com tanta facilidade sobre o conceito de não estar separado. A única coisa que achas realmente difícil de acreditar, é que estás em união com teus irmãos e tuas irmãs neste exato momento. Acreditar em Deus sem compreender a Deus é uma coisa. Acreditar em união com teu próximo, sem compreender a união nem o teu próximo, é outra coisa. Essa crença não necessariamente te trará conforto e pode causar-te dano. E se acreditares na bondade de teu próximo, e essa crença não for justificada? E se confiares e descobrires que tal confiança é indevida? E se fores apenas ingênuo e feito de bobo? E se estiveres equivocado?

10.14 Um medo semelhante ataca teu coração quando consideras desistir de tua crença no corpo. Acreditar que tu não és teu corpo, enquanto caminhas dentro dele, é algo muito diferente de acreditar em Deus. Aqui, todas as provas disponíveis te diriam que estás equivocado. Todas as provas que te proveem teus olhos e ouvidos, assim como as da ciência, te diriam que és teu corpo. Mesmo a história pareceria comprovar esse fato conforme olhas para trás e recordas que até mesmo Jesus morreu antes de poder ressuscitar como espírito.

10.15 Estou aqui para ensinar-te, mais uma vez, porque eu fui a vida exemplar. Acreditas que, quando caminhei pela terra, eu era um cor-

po, ou acreditas que eu era o Filho de Deus antes de ter nascido em forma humana, enquanto existi na forma humana e depois de ressuscitar? Isso é corretamente denominado o mistério da fé: Cristo morreu, Cristo ressuscitou, Cristo voltará. O que está faltando nessa recitação? Cristo nasceu. Em lugar algum no mistério da fé é afirmado que Cristo tornou-se um corpo.

10.16 A ti não foi dito que o corpo não existe, apenas que ele não é o que tu és. Como todas as ferramentas que fizeste, é uma ilusão, pois não precisas de ferramentas. Entretanto, enquanto acreditares que precisas, é muito real para ti. Desistir totalmente do corpo é uma escolha que não precisas fazer. À medida que teu aprendizado avança, compreenderás que isso é possível, mas pode haver razões para não fazer essa escolha. Contudo, nesse ponto, tudo que te é pedido é que vejas teu corpo pelo que é – tanto em termos do propósito para o qual o fizeste, quanto em termos da maneira que podes ser guiado agora a usá-lo em benefício de todos.

10.17 A escolha para muitos parece ter sido: “preferes estar certo ou ser feliz”? Apenas o ego escolheria estar certo em vez de felicidade. À medida que observas teu corpo, observa também suas ações em termos das escolhas que faz. Pergunta a ti mesmo: “Que escolha pode ter levado a essa situação ou evento?”, pois *antes* do fato sempre terá existido uma escolha. Nada acontece ao Filho de Deus por acidente. Essa observação ajudará a colocar a responsabilidade de tua vida de volta em tuas mãos, onde ela pertence. Tu não és indefeso, nem estás à mercê de forças fora de teu controle. A única força fora de teu controle é a tua própria mente, e isso não precisa ser assim. Quando começares a perguntar a ti mesmo qual escolha poderia levar à felicidade no lugar dessa, começarás a ver uma diferença na resposta de teu corpo àquilo que parecem ser eventos externos e, então, uma mudança nos próprios eventos externos.

10.18 É possível que tua mente ainda prefira estar certa a ser feliz, por isso, é importante que permitas que teu coração seja o teu guia ao fazer essa nova escolha. Quando estiveres em uma situação de que não gostas, mais uma vez, oferece tua disposição para encontrar alguma felicidade nela. Essas instruções para o teu coração começarão a fazer diferença em teu estado mental.

10.19 O que chamarias de teu estado mental é mais uma atmosfera geral,

um ambiente, um estado de ânimo, e essa configuração é determinada pelo teu coração. Aos pensamentos de teu ser separado isso importa bem pouco, e tais preocupações seriam consideradas irrelevantes para o seu bem-estar. Sua sobrevivência, *por si só*, é sua única preocupação. Essa preocupação não se resume a necessidades como alimento e abrigo, mas sim à sobrevivência do sistema de pensamento do ser separado. A felicidade não é uma prioridade aqui, mas estar certo é muito importante. O ser separado preferiria ser sério e melancólico, em vez de despreocupado e alegre. Encarar a vida com seriedade é uma de suas principais estratégias, que reconhece a sua própria seriedade como algo necessário para manter sua separação. A alegria é verdadeiramente a maior ameaça para o ser separado, pois ela vem da união e reforça a atração à união às custas da atração à separação.

10.20 Tu não reconheces a rapidez com que o ser separado corre para sabotar todo movimento que afaste da separação e aproxime da união. Muitos de vós reconhecestes vossa tendência a minimizar vossas chances de felicidade e a maximizar vossas chances de infelicidade por meio das escolhas que faríeis. Recordais os momentos de felicidade com nostalgia, e perguntais a vós mesmos o que fizestes de errado e por que não conseguistes manter esse estado de felicidade. Podem existir muitas razões que expliquem o desaparecimento de vossa felicidade, mas na solidão que acompanha sua perda, te perguntarás, ao menos brevemente, por que tiveste que escolher pela praticidade. Mesmo assim, se o ser separado puder olhar para trás e constatar que escolheu estar certo em vez de ser feliz, apesar de sua infelicidade, irá parabenizar a si mesmo e dizer: “Eu fiz a coisa certa.” Ele verá a si mesmo como vencedor a respeito dos tolos sonhos de felicidade, e dirá quão satisfeito está por ter recuperado seu bom senso antes que fosse tarde demais.

10.21 Cada um de vós está ciente do limiar que, uma vez transposto, não há como fazer um caminho de volta. Tal limiar é frequentemente uma felicidade tão plena, que uma vez que a tenhas experimentado, dirias: “Nunca mais entrarei em desespero”. Para outros, esse limiar é o oposto, uma experiência de dor tão grande, que prefeririam morrer a permanecer dessa maneira. Os viciados também apenas escolhem um limiar diferente em que, depois de experimentarem o entorpecimento do ser separado por meio de drogas, álcool, ou mesmo trabalho ou

compras constantes, recusam-se a voltar à realidade do ser separado. Se não puderem deixá-la, irão bloqueá-la. Alguns, diante desse limiar, regressam. Negam a si mesmos a alegria, a dor, ou o entorpecimento que impossibilitariam o regresso, e se consideram afortunados por não ir ao lugar onde a mudança se tornaria inevitável.

10.22 O ser separado está tão acomodado no medo, que os medos conhecidos de sua existência lhe parecem preferíveis aos medos desconhecidos de qualquer outro tipo de existência. Não lhe ocorre que é possível escolher outra opção que não deixa espaço para medo algum, pois a ausência de medo é algo que nunca conheceu.

10.23 Se o corpo é o aspecto superficial de tua existência, e o medo fica logo abaixo dessa superfície, observa a vantagem desse exercício: coloca teu corpo à tua frente, onde possas ser seu observador silencioso. À medida que observas como tuas mãos realizam seu trabalho, ou como a sombra se forma no chão conforme caminhas de um lado para outro, estarás aprendendo a única separação que pode ser útil para ti.

10.24 Tua primeira descoberta significativa será a de que nada do que ouves vem através dos teus ouvidos. Descobrirás que estás cheio de pensamentos: pensamentos *sobre* o teu corpo, o mesmo tipo de pensamentos que poderias ter sobre o corpo de outra pessoa. A diferença será que esses pensamentos não parecerão ter sido originados em tua cabeça. Pode ser que reconheças, pela primeira vez ou de uma maneira diferente, que sempre ouviste teus pensamentos sem a ajuda de teus ouvidos. Podes estar dizendo agora: “Naturalmente, essa é a maneira como ouvimos nossos pensamentos, essa é a natureza do pensamento.” Entretanto, já consideraste a natureza de teus pensamentos, ou meramente os tomaste como certos?

10.25 Os pensamentos não são vistos nem ouvidos e, contudo, te acompanham constantemente, e mais ainda quando conduzes teu experimento desapegado do corpo. É por isso que conduzimos esse experimento. Não importando se consideras que tenhas tido êxito ou tenhas fracassado totalmente na condução desse experimento, reconhecerás novamente que teus pensamentos, mais do que teu corpo, definem quem tu és. Não importando se vagueiam sem destino ou se forem bastante focados, teus pensamentos são, muito mais do que o corpo que observas, a fonte de tudo o que tu és e tudo o que fazes.

10.26 Talvez rias de ti mesmo por participar desse experimento tolo, mas

reconhecerás que o desejo de rir de ti mesmo é bastante genuíno e não provém da maldade. Haverá um ser mais feliz que parece pensar que esse jogo é divertido, e que não estará nem um pouco preocupado com o seu êxito. Essa risada, assim como o senso de diversão que a originou, também surgirá sem a participação do corpo.

10.27 Logo desenvolverás uma capacidade de ver sem os teus olhos do corpo. Isso também, no início, parecerá um jogo tolo, um truque de tua imaginação. No início, observarás apenas aquilo que podes “ver”: teus braços e tuas pernas, tua sombra que se forma enquanto caminhas, mas, cada vez mais, verás o corpo como um todo. Tu o verás por trás, à medida que o segues ao longo do seu dia, sem ao menos reconhecer, no início, que isso está acontecendo. E descobrirás que, na medida em que observas, te tornas mais consciente daquilo que te rodeia e mais consciente de que teu corpo é parte de tudo que está acontecendo. Ali estão teu corpo e outros seis atravessando a rua. Ali está teu corpo sentado a uma mesa de trabalho, em um prédio entre muitos outros. Reconhecerás quão raramente estavas consciente até agora da rua onde caminhavas, dos prédios que havia a cada lado, do céu aberto acima, ou de todos os “outros” que viajavam contigo. Tu te sentirás mais, e não menos, integrado ao todo, e esse sentimento te surpreenderá.

10.28 Segue adiante agora, pois esse é apenas o começo. Experimenta pela simples diversão de fazê-lo, sem deixar espaço para o desalento. Não se trata de um teste e não podes falhar. Estás meramente brincando. Brinca ao observar-te de cima. Podes olhar para ti mesmo dessa “altura”? E podes apressar-te e colocar-te à frente para ver teu corpo vindo em tua direção?

10.29 Esse corpo, que afirmas ser teu “ser” é apenas uma forma. Como pode ser que não enxergues isso?

10.30 O que sentirás, na medida em que avanças, é o sentimento da visão de túnel do ser separado dando lugar à visão expandida do Ser unificado. Enquanto *sentes* isso acontecendo, começarás a reconhecer sentimentos que tampouco estão ligados ao corpo. Assim como os pensamentos que não vês nem ouves com os teus olhos e ouvidos do corpo, essas sensações também não dependerão dos sentidos do teu corpo.

10.31 Notarás bastante resistência a esse experimento. Acreditarás que és muito sério para jogar esse jogo, e que tens coisas melhores a fazer. Entretanto, por mais que resistas, a ideia foi implantada e, te encontrarás

participando dela em momentos aparentemente “contra tua vontade”, apesar de tua determinação de não o fazer. Quando começares a sentir os efeitos do experimento, encontrarás o medo também, especialmente se lemares o jogo muito a sério. Haverá ocasiões em que não queres rir quando sentires o ímpeto de fazê-lo, e outras vezes, após um curto instante de visão expandida, receberás com gratidão a volta da tua visão de túnel. Sentirás alívio ao tocar o solo com os pés e ao comprovar que o limite de teu corpo ainda está intacto. No entanto, te lembrarás do impulso de rir gentilmente de ti mesmo, assim como da visão expandida. Tu te lembrarás de que, por um momento, teu corpo não parecia ser um limite que te continha dentro de suas limitações. Então, tu te lembrarás de que este é apenas um Curso em relembrar, e que essa memória é a linguagem do coração.

10.32 Neste ponto, muitos de vós vos rebelareis, pensando que não era isso que procurais. Talvez, queiras apenas ler sobre este Curso, sem ter a obrigação de realizá-lo. Queres mantê-lo em teoria e não o aplicar. Pedirás a informação e dirás que, na realidade, preferirias não viver a experiência. Querias apenas o guia de viagem, e não a viagem em si. Isso é o que muitos de vós buscais, e muitos de vós ainda resistis a compreender que recebestes mais do que aquilo pelo que barganhas-tes. Uma porta foi alcançada e um limiar transposto. O que tua mente ainda negaria, teu coração não pode fazê-lo. Uma pequena centelha de memória retornou a ti e não te abandonará ao caos que pareces preferir. Essa memória continuará chamando-te a reconhecê-la e a permiti-la crescer. Puxará teu coração com a maior gentileza. Seu sussurro será ouvido em teus pensamentos. Sua melodia tocará em tua mente. “Volta, volta”, dirá a ti. “Volta para casa, volta para casa”, cantará. Saberás que existe um lugar dentro de ti onde fazes falta, és esperado, estás seguro e és amado. Um espaço foi aberto para um pouco de paz na casa de tua insanidade.

CAPÍTULO 11

Livre-arbítrio e disposição

- 11.1 Os exercícios neste Curso de Amor são poucos, e estão inseridos dentro do próprio Curso, e não separados dele. Existem poucas razões para adotar esse método. A primeira é a tua atitude com relação à instrução, e o fato de que não a desejas verdadeiramente. O que desejas é aquilo que não pode ser dado de nenhum outro lugar além de tua própria Fonte. Mais uma vez, reconheces esse aspecto da criação, e isso ajudou a solidificar tua posição contra a união e tua falta de desejo pela instrução. Isso se deve à tua confusão sobre tua fonte. Toda tua extrema determinação de agarrar-te à tua individualidade tem origem nessa confusão. Se tua “fonte” fosse verdadeiramente o teu corpo e o cérebro aquilo que o faz funcionar, então, de fato, terias que aprender as coisas *por ti mesmo*, pois todo verdadeiro aprendizado deve vir de tua Fonte.
- 11.2 Pensas que tua fonte e teu Criador sejam duas coisas separadas, e muito raramente te lembras de que não és teu próprio criador. Fizeste essa separação com base na ideia de que aquilo que te criou não pode ser um contigo. Mais uma vez, isso apenas indica a tua falta de reconhecimento do que a criação realmente é. E, no entanto, quando praticas a criatividade, reconheces que ela é uma celebração do criador e, quando honras artistas de todos os tipos, honras apenas esse fato. Toda poesia carrega a marca de seu criador, assim como cada obra de arte que contemplas e chamas de obra-prima, e assim como aquelas criações de pequenas mãos que penduras na porta da geladeira ou na parede do escritório. Tu não criaste teu Ser, mas fazes da vida uma recriação de ti mesmo e, ao fazê-lo, tentas provar que “tu” és a tua própria fonte.
- 11.3 Essa é uma das razões pelas quais não gostas da ideia de que aqueles que pretendem instruir-te sabem mais do que sabes agora, e a razão pela qual comesças cada novo curso de aprendizado sentindo-te

como se tivesses menos. Tu, então, comesas a tentar adquirir aquilo que te falta, para que deixes de ter menos que os demais. Alguns de vós podeis confiar em vossas próprias habilidades de aprendizado e vos apressais para conquistar esse novo território, assim como o haveis feito em ocasiões anteriores. Estes leriam cada livro tão rapidamente quanto possível, com um marca-texto à mão e, quando chegam à última página, terminar com o aprendizado do que aquele livro teria a ensinar, para passar correndo para o próximo. Aqueles de vós menos confiantes podeis desistir antes de começar, para evitar fracassar mais uma vez. Mesmo aqueles que sentem o poder dessas palavras em seus corações e prometem passar lenta e cuidadosamente por cada página e seção, dedicando-se totalmente àquilo que esse texto pede que façam, correm o risco de se esforçarem demais para serem meticolosos, em vez de simplesmente desejarem aprender.

- 11.4 Tentei limitar cada um desses riscos ao limitar os exercícios a uns poucos e simples que permanecerão contigo quando toda a pressa, o medo de fracassar e as tentativas extremas já tiverem passado há muito tempo. Cada exercício é apenas uma ideia, e ideias não deixam a sua fonte. Todas as ideias aqui expostas são simplesmente ideias de união, vindas para substituir as ideias de separação. Isso acontecerá por si mesmo sem que compreendas, desde que permaneças disposto a permitir que as ideias habitem dentro de ti e não tentes impedi-las. Reconhece que tanto as ideias de êxito como as de fracasso são prejudiciais aqui. Sentir que tiveste êxito em aprender tudo sobre o amor é tão ridículo quanto acreditar que falhaste em aprender o que o amor é. Nenhuma das duas opções é possível, e tua percepção contrária impedirá a entrada de qualquer ideia de união.
- 11.5 Não se pode ensinar o que o amor é. Lembra-te de que tua tarefa aqui é remover as barreiras que te impedem de reconhecer o que o amor é. Essa é a meta de aprendizado deste Curso: tua consciência do que o amor é, e nenhum curso terreno pode levar-te além dessa meta. Apenas tua disposição é necessária.
- 11.6 A disposição, então, deve ser abordada e distinguida daquilo que acreditas que seja. Disposição e fé caminham juntas. Verás apenas aquilo em que depositas a tua fé. Este Curso pede pela tua disposição para que deposites tua fé em algo novo. Depositaste tua fé naquilo que fizeste e, enquanto isso permanecer assim, não estarás disposto a

renunciar o domínio que as ilusões têm sobre ti. Pode ser fiel a apenas um sistema de pensamento. Um é o sistema de pensamento do ser separado e se baseia na separação. O outro é o sistema de pensamento da criação e se baseia na união. Tua fé naquilo que fizeste foi abalada agora, e reconheces que gostarias de depositar tua fé em outro lugar. Gostarias de fazer isso, mas tens tuas dúvidas, e é nesse ponto que ficas confuso sobre a questão da disposição.

11.7 A disposição não surge da convicção, mas traz convicção. A disposição é a tua declaração de abertura, não necessariamente de crença firme. Enxergas o livre-arbítrio e a disposição juntos e, embora sejam o mesmo, a aplicação de cada um é bem distinta.

11.8 Guardas teu livre-arbítrio cuidadosamente, sabendo que isso é o que possibilitou a separação. Tu o consideras tua única proteção de Deus, a única coisa que te permite ser diferente daquilo que Deus quer que sejas. É teu direito “concedido por Deus” à independência, aquilo que te permitiu afastar-te de Deus, da mesma maneira como uma criança que atinge a idade adulta tem o direito de sair da casa dos pais.

11.9 Pensar que deves proteger qualquer coisa de Deus é insano, e sabes que isso é assim. No entanto, consideras o livre-arbítrio a única coisa que possuis que Deus não pode tirar de ti, por isso ainda não desistes de protegê-lo. Não te importa que seja insano pensar que Aquele que te deu tudo tentaria tirar qualquer coisa de ti. Embora ainda vejas a ti mesmo como um corpo, não podes deixar de pensar que Deus é um Deus vingativo, cuja vingança final é tua própria morte. Enquanto ainda acreditares que és um corpo, é mais fácil aceitar que tua expulsão do paraíso foi uma decisão de Deus, e não uma decisão tua. Pensas que podes ser grato a Ele por algumas coisas e culpá-Lo por outras. Sim, talvez esse Deus que acreditas conhecer tenha te dado tudo, mas Ele também pode tirar tudo isso de ti e, no fim, Ele certamente o fará. Ele, então, te julgará e determinará se deves ser recompensado por uma vida de bondade ou punido por uma vida de maldade. Ele poderia, ou não, aceitar-te de volta. Um Deus assim pareceria depositar pouca fé em ti e merecer pouco de tua fé em troca.

11.10 Assim, depositas pouca fé em Deus e aprecias teu livre-arbítrio, o verdadeiro deus do ser separado. Pensas, às vezes, que esse foi um erro de Deus, o único ponto fraco em Seu plano, um ponto que queres usar. Outras vezes, pensas que se trata apenas da maldição de Deus sobre

ti, feita para te levar à tentação da vida de desespero que vives. Mas tua percepção mais forte de teu livre-arbítrio é a de seu poder. Não importando o que Deus queira de ti, podes usar teu livre-arbítrio para rebelar-te e fazer tuas próprias escolhas, escolhas diferentes daquelas que teu Criador faria por ti. Esse direito de tomar tuas próprias decisões, e o poder de ostentá-las diante de Deus, é a única coisa que faz com que teu pequeno ser separado se sinta poderoso.

11.11 Tu não vês que o que escolhes fazer com o teu livre-arbítrio não importa a Deus em absoluto, pois o objetivo que escolheste para seu uso é a única coisa que teu livre-arbítrio não pode proporcionar: tua separação de teu Criador. Ele permanece como Ele é, assim como tu permaneces como tu és.

11.12 É verdade que teu livre-arbítrio é poderoso, pois é parte, ainda que apenas parte, daquilo que te permitiu acreditar em teu estado separado. Embora pudesses ter usado teu livre-arbítrio para criar à semelhança de teu Pai, ao escolher separar-te Dele – algo que nunca poderia acontecer na verdade – escolheste, em vez disso, não fazer nada com teu livre-arbítrio, exceto essa única escolha insana. Tua disposição para fazer uma nova escolha é o que fará com que teu livre-arbítrio volte a ser como a vontade de teu Pai, que é uma com teu livre-arbítrio na verdade.

11.13 Tua vontade de proteger teu livre-arbítrio é a razão pela qual devemos distinguir a disposição de tua percepção de livre-arbítrio. Teu livre-arbítrio é o último baluarte de teu exército separado, a última linha de defesa, o lugar onde a batalha final acontecerá. Antes que essa batalha final chegue, tua disposição para mudar a tua mente com relação à necessidade de que ela seja travada é o que desejam teu Pai e este Curso.

11.14 Deus jamais arrancará teu livre-arbítrio de ti, e tampouco travará batalhas para conquistá-lo para Si Mesmo. Essa batalha final está em tua própria mente, e é uma invenção das ilusões que fizeste. Abandona essa profecia feita por ti, e reconhece que a disposição não anula o livre-arbítrio. Entretanto, mesmo enquanto não podes desistir de tua proteção totalmente, é suficiente começar com uma escolha temporária, embora uma escolha definitiva seja necessária para que sintas o deslocamento da causa e deixes de preocupar-te com o efeito. Por ora, o que desejas são efeitos, sem reconhecer que a causa deve se deslocar

para mudar os efeitos que queres obter. Isso não importa agora. A ti é dada a oportunidade de tomar uma decisão temporária que pode ser rescindida a qualquer momento. Tua disposição temporária será suficiente para começar a modificar as causas e, assim, trazer alguma sanidade à tua mente e ao teu coração inquietos.

11.15 Qual é essa disposição que te é pedida? Ela pode se apresentar de muitas maneiras e adotar muitas formas. Pode ser chamada de disposição para mudar tua opinião ou para te permitir estar aberto a novas possibilidades. Pode ser chamada de uma mudança de atitude, ou a disposição para – mesmo que seja por apenas um instante – retirar o teu medo e a tua proteção. Mas o que essa disposição realmente faz é permitir que teu pedido seja ouvido, teu pedido para amar e ser amado. É uma disposição para receber amor de tua Fonte e para ser amado por quem tu és. Acaso isso é pedir muito?

11.16 É um pedido que não nasce da fraqueza e sim da força, e que sai em busca da verdade, e não da ilusão. É um pedido cuja resposta virá a ti rapidamente nas asas de anjos, uma vibração que teu coração sentirá, pois os anjos também são um contigo. Pode parecer solidão, intensificada pelo breve instante em que esperas a sua chegada e sentes o vazio que foi aberto para a sua vinda.

11.17 Esse é um pedido em que não precisas fazer nada, exceto permanecer fiel a ele. Não necessitas pensar nele, mas apenas deixá-lo ser. Não necessitas expressá-lo em palavras, pois as palavras não podem expressá-lo, assim como tampouco podem ensinar-te o que é o amor, ou que o amor simplesmente é. Tu não necessitas concentrar-te sobre onde se encontra o amor, pois o amor te encontrará. Não necessitas concentrar-te em dar amor, pois não podes dar aquilo que ainda não conheces e, quando o conhecer, não necessitarás dá-lo, pois se estenderá naturalmente de ti na forma de milagres chamados amor. O amor é o único que preencherá teu vazio e aquilo que nunca te deixará vazio novamente, à medida que se estende de ti para teus irmãos e irmãs. O amor é o único que não te deixará insatisfeito. O amor é o único que substituirá o uso pela unidade.

11.18 De maneira simples, existes em razão de teu relacionamento com o amor. O amor é a unidade que buscas. Tendo escolhido a separação em vez da união, apenas escolheste o medo em vez do amor. Quando abandonas o medo e convidas a unidade a voltar, simples-

mente envias um convite ao amor, dizendo: “tu és bem-vindo aqui”. O que é um jantar festivo se o amor não estiver presente? Uma mera obrigação social. Mas um jantar festivo em que o amor é bem-vindo se torna uma celebração. Tua mesa se torna um altar ao Senhor, se enche de graça e o Senhor está contigo.

CAPÍTULO 12

A origem da separação

- 12.1 A palavra *amor* é parte do teu problema com este Curso. Se eu trocasse a palavra amor por algum termo técnico que soasse sofisticado, e dissesse que esse é o elemento que conecta o mundo em unidade, seria mais fácil para ti aceitá-lo. Se eu dissesse que não conheces nada a respeito desse termo sofisticado, e que é por isso que acreditas em tua separação, em vez de em tua unidade com todas as coisas, seria bem mais provável que assentirias com tua cabeça e dirias: “Eu ignorava isso, assim como todos os demais”. Se um cientista te dissesse que foi descoberta uma energia benigna que prova tua conexão com tudo no universo, e desse a ela um nome pomposo, dirias: “Uma nova descoberta foi feita e estou disposto a acreditar que possa ser verdade, especialmente se os outros também acreditarem que é”.
- 12.2 Tu te sentes um pouco enganado quando te é dito que o amor é a resposta. Tu te sentes um pouco criticado quando te é dito que não conheces o amor. Tu te sentes um pouco iludido quando pensas que o amor possivelmente não está limitado àquilo que pensavas que fosse. Pensas que é típico de textos espirituais que te dizem que o amor é a resposta, como se isso não tivesse sido dito antes. Essa mensagem foi pregada há muito tempo e, ainda assim, o mundo continua o mesmo. Sendo assim, como essa poderia ser a resposta correta? A vida é complicada demais para que o amor seja a solução.
- 12.3 Quão rapidamente voltarias para o cinismo e para a crença de que já tentaste e falhaste. Pois todos vós acreditais que já tentastes essa ideia chamada amor, e todos acreditais que tendes provas que demonstram que não é a resposta de forma alguma. Quais são vossas provas? Vossa própria incapacidade de ser feliz e a infelicidade do mundo que vedes.
- 12.4 Dissemos anteriormente que o único significado possível para o teu livre-arbítrio é a tua escolha entre aquilo a que te unes e aquilo que esco-

lhes deixar fora de ti. Entretanto, debes compreender que nada que não seja parte de Deus merece unir-se a ti, nem tampouco *pode* fazê-lo. Aquilo a que tentaste unir-te é o motivo de tua infelicidade. Pois tentas unir-te àquilo que não pode ser unido, e tentas separar-te de tudo que poderia unir-se a ti e de tudo que preencheria teus espaços escuros e solitários com a felicidade que buscas.

12.5 Talvez este Curso pareça desviar-se muito do propósito que atribuis a ele, pois buscas algo específico nele, apesar de não saber disso. Buscas o descanso e a tranquila alegria que vêm apenas do amor. Buscas a segurança e a proteção de um lar amoroso, mesmo que se trate apenas de um lar filosófico. Buscas a terna segurança da certeza, não de tua mente, mas de teu coração. Há uma parte de ti que pensa: “Se eu apenas pudesse ter certeza...”, e se detém aí, pois nem mesmo tens certeza para que buscas segurança. E, entretanto, sabes que o que mais te cansa é a tua incapacidade de ter certeza a respeito de qualquer coisa. E tu estás realmente cansado.

12.6 A vontade de Deus para ti é a felicidade, e disso podes ter certeza. Alinhar tua vontade com a de Deus é apenas fazer desse estado de certeza teu lar. Isso é apenas um desejo que se torna realidade, e quando for tudo o que desejas, se realizará. E na realização desse desejo, chegará teu descanso e te livrarás de toda carga pesada que carregavas.

12.7 Admite agora teu desejo de descansar, um desejo que poderia fazer-te chorar e fazer-te desejar dormir um sono eterno. Se tu apenas compreendesses a energia necessária para manter o mundo de tuas ilusões em seu lugar, compreenderias o descanso que simplesmente resultaria de desistir de tua necessidade de fazê-lo. Teu desejo por certeza é parte de tua resistência a qualquer ideia que pareça estar relacionada à mudança. Tu te empenhas para conservar o pouco que pensas saber e, entretanto, lá no fundo, reconheces que não sabes nada com a certeza que buscas.

12.8 Incerteza de qualquer tipo é dúvida sobre teu ser. É por isso que este Curso tem o propósito de estabelecer tua identidade, pois dela virá todo o resto. Assim, este Curso parece pedir por mudanças em todos os níveis e, no entanto, a partir de uma única mudança, todas as outras se seguiriam, e sem nenhum esforço de tua parte. E mesmo essa única mudança não é uma mudança em absoluto, pois meramente busca remover todas as mudanças que apenas pensas ter feito à criação de

Deus. Essa mudança apenas busca devolver-te a teu verdadeiro Ser.

- 12.9 Teu Ser descansa totalmente imutável dentro do Cristo em ti. Restabelecer teu relacionamento com teu irmão é o que te mostrará teu Ser. Tens apenas um irmão que, porém, veste muitas faces na tua percepção de quem ele é e, enquanto não o conheceres, não poderás conhecer teu Ser. Esse único irmão pode unir-te a todos aqueles que percebes como outros, pois todos os outros são um com ele, assim como contigo. Essa é a única união que deve acontecer para gerar todas as outras.
- 12.10 Essa é a única desunião causada pela tua decisão de escolher a separação, e trata-se apenas de uma separação de teu Ser. Eis aqui o ponto mais difícil de se comunicar, pois contém uma contradição, a única contradição que criou o mundo que vês e a vida que vives. Apesar de ser impossível que algo tenha dado errado na criação de Deus, algo deu errado! Tudo o que precisas fazer é olhar ao teu redor para saber que isso é assim e, em vez de ser desencorajado por essa notícia, suspiras de alívio, pois sabias que isso era verdade e, no entanto, sentias que esse era um segredo mantido oculto de ti. É como se te dissessem continuamente: “tudo está bem”, embora saibas que isso não é verdade. E, se “tudo” está bem, então deve ser apenas tu que estás errado.
- 12.11 Toda a criação parece fluir em perfeita harmonia. As estrelas iluminam o céu, o sol e a lua cumprem a função que lhes foi dada, os animais do mar, da terra e do ar são exatamente aquilo que seu Criador lhes criou para ser, as montanhas se erguem em toda sua majestade, os rios fluem e as incontáveis areias do deserto são levadas pelo vento em um movimento sem fim. Tudo parece ser aquilo que é e o que sempre foi, exceto, talvez, pela marca do homem sobre tudo. Ainda assim, a lua continua sendo a lua, mesmo depois de ter sido aterrissada pelo homem. A terra continua sendo a terra, apesar de vossas rodovias, ruas e pontes. E em algum lugar desconhecido para ti, a paz continua sendo a paz, apesar de vossas guerras, e a felicidade continua sendo a felicidade, apesar de vosso desespero.
- 12.12 E, no entanto, o que dizer de ti? Tu também pareces ter permanecido o mesmo por incontáveis eras. Talvez acredites que, há muito tempo, evoluíste de uma forma diferente daquela em que habitas agora, mas, certamente, de acordo com as leis da evolução, mudaste tão pouco quanto as aves do céu e os peixes do mar. Entretanto, de alguma maneira, sabes que,

em toda a criação, apenas a humanidade, de alguma forma, não é aquilo que deveria ser. Em um lindo dia e em um lindo lugar, podes ver que o paraíso da criação ainda existe, mas em lugar algum consegues encontrar o ser que Deus criou à Sua imagem.

12.13 Faz algum sentido para ti que isso tenha acontecido? Ou que houvesse um tempo em que caminharam pela terra seres que revelavam a imagem de Deus e que, quando estes deixaram de ser vistos aqui, a imagem de Deus se perdeu para sempre da terra? Seria possível que apenas um tenha vindo, partido e deixado esse vácuo para sempre não preenchido? Uma grande brecha no próprio universo?

12.14 Mas apenas um era necessário para pôr um fim à separação e nele se unem todos os demais. Pois o que, em toda a criação, poderia ser afetado pelo teu livre-arbítrio, exceto teu próprio ser? Apenas um era necessário para, em seu próprio livre-arbítrio, unir sua vontade à de seu Pai para que isso fosse feito por todos. Isso é tudo o que a correção ou a expiação significam, e tudo que necessita de tua aceitação. Une-te a teu irmão que fez essa escolha por todos, e te reunirás com o Cristo em ti.

12.15 Mentes unidas não podem pensar separadamente e não têm pensamentos ocultos. Elas não são, de fato, mentes no plural de forma alguma, mas sim uma só mente. O que este Curso diz é que, em algum momento que não existe no tempo, o filho de Deus escolheu a separação. Se o filho de Deus naquele momento tinha uma ou muitas formas não importa, pois sendo uma ou muitas formas, continuava existindo uma só mente, a mente do filho de Deus unida à mente de seu Pai. A muitos de vós foi ensinado esse mistério da fé. Pai, Filho e Espírito Santo são Um. Se tivesses de fato aprendido aquilo que te foi ensinado, a separação já não existiria.

12.16 Essas palavras, *Pai, Filho e Espírito Santo*, assim como a palavra *amor*, são apenas símbolos representando ideias que representam aquilo que é. O fato de que fizeste de teu Pai uma figura singular, de alguma maneira maior que o Filho, e aceitaste o Espírito Santo como algo muito fora de tua compreensão, apenas exemplifica a natureza do erro que precisa de correção. Embora as palavras, assim como os símbolos, não possam explicar plenamente aquilo que não pode ser simbolizado, oferecem um início a ser completado por meio das memórias de teu coração. Assim continuamos, reconhecendo que essas

palavras podem expressar a verdade apenas dentro de sua capacidade como símbolos, e que, além de onde esses símbolos podem levar-te, descansa a verdade dentro de teu Ser.

12.17 Todos vós vistes a maneira como um pensamento que parece haver surgido do nada pode vos afetar. Uma ideia, nascida em um dia, não parece ter estado ali no dia anterior. Talvez seja a ideia de fazer uma viagem ou de ter um bebê, de voltar à escola ou de deixar um emprego. Essa ideia recém-nascida pode parecer ir e vir, ou pode tornar-se uma obsessão, mas de toda forma, não deixa sua fonte. E, sem o nascimento da ideia, os resultados da ideia não viriam a existir. Podes ter mil ideias em um dia e dez mil no outro, tantas que nunca poderias acompanhar todas e, no entanto, elas continuam existindo dentro de ti, e não se desgarram para se tornar algo à parte de ti. Imagina isso acontecendo e verás quão absurda essa situação seria. Poderia uma viagem acontecer por si mesma? Para quem ela aconteceria?

12.18 Tu podes, contudo, muito bem dizer que uma ideia pareceu ter adquirido vida própria e te obrigou a fazer coisas que nem mesmo sonharias fazer. As pessoas frequentemente se recordam de suas vidas e imaginam como foram de um lugar para outro, e algumas podem ver que uma ideia se enraizou e mudou o que parecia ser um destino já escrito.

12.19 Na medida em que é possível descrever a separação com palavras, isso é o que aconteceu: uma ideia de separação entrou na mente do filho de Deus. Como qualquer outra de vossas ideias, essa ideia não deixou sua Fonte e tampouco mudou a essência de sua Fonte em absoluto. Embora uma ideia de férias de aventura, quando materializada, poderia remodelar a vida daquele que dela participa, não mudaria quem a pessoa é, quem seu pai é, ou a natureza da família em que ela nasceu. Tudo que mudaria seria a forma de sua vida, o que aconteceria nela, talvez os lugares em que aconteceria ou as pessoas que fariam parte dela. Em resumo, os aspectos externos da vida.

12.20 Da ideia da separação veio a ideia de um aspecto externo da vida. Antes da ideia da separação, tal coisa não existia, e continua não existindo, exceto como uma extensão da ideia original. Assim como falamos que teu desejo de proteger ou controlar se origina no conceito do medo, e reconhecemos que, sem o medo, tal desejo não existiria, assim também é com o aspecto externo da vida. Sem a ideia original de se-

paração, o aspecto externo da vida não existiria. Assim como o medo não é real, ainda que pareça ser, a separação tampouco é real, embora também pareça ser.

- 12.21 O Pai não impediu que a ideia de separação acontecesse, e não poderia fazê-lo, assim como tu também não poderias impedir que uma ideia ocorra a ti. Da mesma maneira que uma ideia tua, uma vez nascida, continua a existir, assim também aconteceu com a ideia da separação. Mas, assim como tuas ideias não adquirem vida própria, mesmo que às vezes pareça ser assim, essa ideia também não tinha a capacidade de ser mais do que era, *exceto* na medida em que o filho escolheu participar dela.
- 12.22 Assim, a participação do filho na ideia de separação pareceu originar uma vida totalmente reformulada, um destino diferente daquele que já estava escrito. No entanto, tal participação não poderia resultar de nada além da ideia original, e não poderia acontecer na realidade, mas apenas no aspecto externo da vida que a precedeu. A ideia da separação não mudou nada na realidade, mas tornou-se um drama encenado em um palco tão real, que parecia ser realidade.
- 12.23 A separação só é dolorosa para aqueles que acreditam que ela pode acontecer na verdade. Que significado teria a rejeição de um filho ou a morte de um pai ou uma mãe para aqueles que não acreditam na separação? Acaso acreditas que Deus acredita na separação? Ele não a conhece e, porque não a conhece, não existe. E porque Ele não a conhece, não foi ferido por ela. Ele não conhece a rejeição ou a morte. Não conhece a dor ou a tristeza. Seu filho permanece com Ele em seu lar eterno, como sempre unido a Ele, em completude eterna.
- 12.24 No entanto, embora a extensão do filho em um mundo externo seja bastante real, ela é tudo que é verdadeiramente real dentro dele. O filho não poderia criar se não fosse à semelhança do Pai, que criou tudo ao estender a Si Mesmo. Nem a extensão do Pai nem do Filho diminuiu o Pai ou o Filho de maneira alguma. Substitui a palavra Pai pela palavra Criação e observa se esse conceito fica mais claro para ti. Como poderia a extensão contínua da Criação, sua criação permanente, diminuir a si mesma e se tornar menos do que era no princípio? Aquilo que chamamos de Pai é apenas a face celestial da criação, a personificação daquilo que não pode ser personificado na verdade. Achas difícil de acreditar que a Criação possa ser benevolente e gentil, ou

apenas um outro nome para o amor, mas isso é assim. Deus é apenas o ponto inicial da criação, o criador da criação e, no entanto, a própria Criação também. O Filho e o Espírito Santo, assim como a Criação, surgiram do ponto inicial de Deus. Deus também é o ponto inicial do Filho e do Espírito Santo, o Criador do Filho e do Espírito Santo e, no entanto, Ele também é o Filho e o Espírito Santo.

- 12.25 Agora, leva esse padrão adiante, pois o padrão da extensão de Deus é o padrão da criação e, portanto, o padrão do universo. O Filho se estendeu na criação, e tu és essa extensão, tão santo quanto ele. A ideia da separação apenas parece tornar o filho de Deus suscetível à divisão, e esses símbolos em forma de palavras apenas parecem separar o Pai, o Filho e o Espírito Santo da Criação ou uns dos outros.

CAPÍTULO 13

Observação e experiência

13.1 Nunca *compreenderás* completamente o que a unidade significa, mas prometo a ti que chegarás a *sentir* o que a unidade significa. É na direção dessa meta que trabalhamos neste Curso, pois uma vez que tiveres experimentado o *sentimento* de unidade, não necessitarás compreendê-la. Esse é o único propósito dos exercícios que te pedem que observes teu corpo. São a preparação para o que está por vir: a preparação para sentir aquilo que não é de teu corpo. Nosso próximo exercício dá um passo a mais na mesma direção, e é meramente uma extensão do primeiro. Nesse exercício, começarás a reconhecer que teus irmãos e irmãs não são os seus corpos, assim como tu não és o teu corpo. Essa é uma extensão natural de observar teu corpo em ação, pois, conforme teu corpo parece interagir com outros e conforme observas essa interação, “verás” a ti mesmo e aos outros em uma nova luz. Teu corpo parecerá mais conectado com os corpos daqueles com que interage, pois serão agrupados enquanto os observas. Não será apenas aos outros que observarás, mas a ti mesmo e aos outros, colocando a ti e a “eles” juntos, onde vós pertenceis. Essa aparente junção de corpos é apenas um primeiro passo que te levará além da ilusão dos corpos para a junção de espírito.

13.2 À medida que observas, sempre com o teu coração e não com a tua mente, e comesças a incluir os demais em tua observação, te peço para concentrar-te apenas em uma coisa. Esse é um exercício simples e também agradável. Ele apenas pede que te faças apenas uma pergunta: “o que já conheces do espírito da pessoa que observas?” Ficarás surpreso com o conhecimento que já tens e com a alegria que te traz recordar-te disso.

13.3 Esses são apenas exercícios de recuperação da memória e, quanto mais os praticas, recuperarás cada vez mais a memória verdadeira. Não apliques esforço algum a esses exercícios, especialmente naquele de recordar-te do espírito. Apenas deixa que as impressões venham a

ti e, quando estas te fizerem sentir vontade de sorrir, sabe que sentes que estás recuperando a memória. Se, ao tentar recuperar a memória do espírito, sentires tua testa franzindo em concentração, estás esforçando-te e deves suspender o exercício nesse momento. Contudo, se o praticas com um mínimo de constância, brevemente se tornará rotina para ti, pois desejarás experimentar continuamente o prazer que proporciona.

- 13.4 Embora talvez desejes definir o que sentes em palavras, o objetivo desse exercício não é atribuir palavras a sentimentos, nem as usar para descrever o espírito. É melhor deixar essa experiência sem palavras, pois, se não o fizeres, logo estarás designando determinados atributos a um espírito e não a outro, apenas para diferenciá-los. O propósito aqui é mostrar-te que eles não podem ser diferenciados, nem comparados ou tampouco definidos da mesma maneira em que definiste seus corpos no passado.
- 13.5 Logo descobrirás que o que te recordas do espírito é o amor. No início, quererás atribuir-lhe muitos nomes e podes até mesmo não o reconhecer como amor, porque chegará desprovido de todo o anseio e a tristeza que frequentemente associas a ele. Embora o sentimento de amor que te inunda possa parecer coragem de um, e gentileza de outro, e, embora isso tudo faça parte do que és encorajado a sentir, simplesmente te é pedido que deixes os sentimentos vir e, com eles, o reconhecimento de que, ao mesmo tempo em que não há dois espíritos que pareçam idênticos, tampouco são “diferentes”. O amor de cada um te preencherá de felicidade, porque já é completo e não tem necessidades e, portanto, tampouco tem qualquer sentimento de anseio ou tristeza. Sendo completo, não te pedirá nada, mas parecerá oferecer-te um acolhimento caloroso, como se fosses um amigo há muito perdido que regressa ao lar.
- 13.6 E assim tu és. Essa é uma nova “prova” que, apesar de não ser científica ou verificável, te oferecerá a evidência que buscas para confirmar a verdade daquilo que te é dito aqui. Tudo o que é necessário para obter essa nova prova é confiar em teu próprio coração. Estás disposto a acreditar naquilo que teu coração quer te dizer?
- 13.7 Esse exercício não deve tomar tempo, nem fazer com que percas teu ritmo, e tampouco interromper o fluxo de tua conversa. Tudo que ele te pede para fazer, é que te tornes consciente do espírito e permitas

que essa consciência habite em ti. Se sentires resistência para praticar esse exercício, lembra-te de que já sabes que és mais do que teu corpo, e pergunta a ti mesmo se faz algum sentido não fazer o possível para que possas tornar-te consciente desse “mais” que sabes que és.

13.8 Embora, no início, não o reconheças porque não tens nenhuma experiência, mas apenas a memória de te sentires dessa maneira, eventualmente reconhecerás que as memórias que recuperas do espírito dos demais incluem memórias que também são tuas, memórias que são do teu próprio Ser. Pois não existe espírito que não seja parte de ti, ou tu parte dele. Se fores distraído por essas memórias, não as afastes como se fossem interrupções em teu dia, mas sabe que tudo aquilo que te distrai do pequeno ser que acreditas que és, merece os minutos que dedicarias a contemplá-lo.

13.9 Que outras objeções poderias ter, se aqui te pedimos apenas para que não sigas nenhuma instrução que não venha de teu próprio Ser? Convidamos o retorno daquilo que conheces, e deixamos teu verdadeiro Ser te guiar gentilmente de volta para onde queres estar, e já estás na verdade.

13.10 Teu ego resistirá fortemente às tuas tentativas de escutar teu coração, e chamará isso de todo tipo de tolice, de perda de um tempo que poderia ser dedicado a coisas melhores. Entretanto, o tempo não é necessário, tampouco o dinheiro ou o uso de qualquer outra coisa que valorizas. E não há nem mesmo a menor possibilidade de que possas parecer tolo em razão daquilo que te é pedido a fazer.

13.11 Algumas de tuas ideias preconcebidas dos outros, ou de ti, podem ser abaladas? Oh sim, e com razão. Com alegria as deixarás ir e, se confiares em ti mesmo, também deixarás ir todas as provas que armazenaste contra teu irmão ao longo da tua vida.

13.12 Inicialmente, acharás difícil aceitar a inocência e a impecabilidade dos demais e de ti mesmo e, no entanto, tuas lembranças não conterão nenhum indício de crimes, erros ou enganos passados. Ninguém haverá causado qualquer dano, nem a ti ou a qualquer outra pessoa. Não haverá motivos para a culpa nessa memória. Nela, não existe vergonha ou medo, nem qualquer tipo de mágoa. Pois aqui o perdão já foi realizado e, quando a memória do perdão retornar a ti, poderia a memória de teu Pai e de teu próprio Ser estar muito distante?

CAPÍTULO 14

Relacionamentos especiais, terrenos e humanos

- 14.1 O propósito da vida que compartilhas aqui com teus irmãos e irmãs tem sido desafiar a criação de Deus. Agora, vosso propósito unificado deve transformar-se no propósito de vos lembrar quem sois dentro da criação de Deus, e não no mundo que fizestes. Pensa nisso apenas um minuto, e começarás a ver a enorme diferença que existe entre esses dois propósitos.
- 14.2 Não é verdade que fizeste da criação um inimigo? Acaso te sentes parte dela e um com tudo o que ela contém? Se isso não for assim, fizeste de ti mesmo um inimigo da criação. Tentas ser diferente de todos os demais e, com esse propósito, proclamas que uma parte da criação é melhor que outra. Portanto, tentas fragmentar a criação assim como fragmentaste teu próprio ser. E do lugar privilegiado que estabeleceste e em que vês a ti mesmo como o epítome da criação de Deus, vês o resto da criação como se destinado a servir a teus fins. E como teu *objetivo* ou meta é a separação e ser diferente de todos os demais, é a essa meta que queres que a criação se submeta, uma meta impossível de ser alcançada, assim como também é impossível a tua separação daquilo que pensas ser diferente de ti.
- 14.3 Não podes ter sentimentos de superioridade sem fazer inimigos. O mesmo ocorre quando queres tornar-te inferior, e sempre tentas colocar a ti mesmo em um desses extremos. E todo esse esforço e conflito surgem apenas porque insistes em ser separado. Não podes deixar de estar em guerra com aquele que é teu inimigo. Onde há guerra, não pode haver paz. Guerra não é simplesmente a existência de atividade externa. A atividade externa é apenas o efeito de uma causa que permanece interna, e toda guerra é apenas uma guerra contra ti mesmo.
- 14.4 Não vês que a tua ideia de que o céu só pode ser alcançado após a

morte serve à tua meta de separação? Se tua crença no céu fosse verdadeira, teu desafio à criação seria real, e somente tua morte provaria quem é o vencedor. Pois, se após a morte, teu Deus criador te concedesse um paraíso que não é deste mundo, um lugar separado para honrar teu especialismo e separação de tudo mais que Ele criou, então estarias justificado e o propósito de tua guerra se tornaria santo. Seria provado que estás certo e a criação errada.

14.5 Isso faria sentido? Que criador criaria um mundo onde a realização mais elevada da vida sobre esse mundo seria deixá-lo para trás a fim de ganhar a vida? Que criador criaria um mundo que não tivesse o propósito de existir em harmonia? Harmonia é vida. Que criador criaria uma vida temporária e reservaria a vida eterna como uma recompensa para a morte?

14.6 Se podes enxergar a insensatez de tal criador e tal criação e, ainda assim, continuas acreditando neles, então debes acreditar em um deus que é insano. Tu, que te orgulhas da tua racionalidade e senso prático, pensa se uma criação assim poderia conter qualquer tipo de razão. Por que, então, acreditas nela?

14.7 Tu, que fizeste um deus de razão e intelecto, pensa agora cuidadosamente no que tua razão e teu intelecto fizeram por ti. Quão terrível seria realmente reconhecer que, apesar de teus determinados esforços, uma criação assim não poderia fazer sentido algum? Aqueles que viraram as costas a Deus e recusaram-se a acreditar em semelhante disparate, simplesmente recusaram-se a fazer com que a razão desse sentido a algo sem sentido, sem enxergar que existe uma alternativa.

14.8 A ti não é pedido que acredites no inacreditável, nem que desconsideres tudo aquilo que a razão te diria. Apenas o oposto é verdade. Em vez disso, te é pedido que abandones as leis do caos e adotes as leis da razão. Que abandones as leis da ilusão em favor das leis da verdade.

14.9 Não penses que a razão se opõe ao amor, pois o amor provê a fundação para a razão. A fundação de teu mundo insano é o medo. A fundação do Céu, teu verdadeiro lar, é o amor. O mesmo mundo baseado nessas fundações diferentes teria inevitavelmente um aspecto muito diferente.

14.10 Tuas ideias sobre o amor, contudo, servem à tua meta de separação, tão ordenada e convenientemente, quanto a tua ideia do céu também serve à tua meta de separação. Pois exiges que o amor te

diferencie e te torne especial. Muito mais é exigido daqueles a quem amas do que de quaisquer outros de teus irmãos ou irmãs. Esse *mais* que exige tem o único propósito de alimentar a tua ideia de que és especial. Buscas constantemente verificar se aquele a quem amas te ama de volta e, se isso não for comprovado, sentes que tens razão para reivindicar feridas que não podem ser curadas e exigir reparações que não podem ser pagas. Tu, então, manténs aquele que amas na maior submissão e chamas essa submissão de relacionamento.

14.11 Isso pode ser visto mais claramente naqueles relacionamentos que já foram “tudo” para ti em um momento e te decepcionaram depois. Pode ser a memória de qualquer relacionamento, e cada um de vós tem um. Pode ser de pais e filhos, de melhores amigos, de casamento ou de casal, e até mesmo entre um mentor e um estudante. Não importando sua configuração, esse relacionamento verdadeiramente te trouxe alegria. Nele, eras feliz e sentias que não precisavas de nada além disso. Era um relacionamento tão intenso que, em seu auge, começaste a ver sua continuação inalterada como a principal meta de tua vida. Sem ele, não valeria a pena viver e, portanto, era necessário conservá-lo a todo custo.

14.12 Esse é um exemplo clássico que te revela muito acerca de ti mesmo e do mundo que fizeste, se estiveres apenas disposto a olhá-lo com olhos que veem verdadeiramente. É a lente de aumento que te permitirá ver teu mundo em toda sua louca confusão. Pois aquilo que te gerou tanta alegria parecia ter vindo ao custo da dor e de deixar-te mais sozinho e desamparado do que antes. Como isso poderia ser dito a respeito do amor? E como poderia ter te decepcionado tanto? E como, se fosse real – como certamente parecia ser –, poderia provar qualquer coisa, salvo que o amor não é uma resposta e, certamente, não uma resposta para ti?

14.13 Temos que começar pelo que é óbvio, um ponto simples que alguns de vós negastes e que outros de vós não pudestes negar. O que faz com que esse relacionamento se destaque em tua mente e pareça tão doloroso em tua memória, é o fato de que ele era muito real, de uma maneira diferente de qualquer de teus relacionamentos anteriores e posteriores. Nenhum outro relacionamento te afetou dessa maneira. Nunca tiveste tanta certeza do valor de um relacionamento para ti. Qualquer coisa que pudesse te fazer sentir tão

alegre, tão seguro, acalentado e amado não poderia deixar de ter um valor incomparável. Nisso estavas certo. Não foi uma ilusão que te fez sentir assim. Esse não era o amor que se passa por amor neste mundo, mas alguma outra coisa inteiramente diferente. Ao menos por um breve momento, foi amor verdadeiro, pois nada além do amor pode ser a causa de alegria, ou tampouco oferecer um porto seguro em um mundo insano.

14.14 É a tua resposta ao amor que nos interessa agora, pois o retorno do amor está próximo e não queres dar a mesma resposta novamente.

14.15 Queres manter tudo aquilo que consideras valioso. Isso faz perfeito sentido para ti, pois a fundação de teu mundo é o medo. Se a fundação de teu mundo fosse o amor, desejarias compartilhar tudo aquilo que consideras valioso. Talvez penses que o desejo de guardar as coisas para ti tenha origem em algo diferente do medo. Poderias definir esse desejo como orgulho ou segurança, ou mesmo aceitar que é vaidade, antes de defini-lo como medo. Mas isso é medo.

14.16 Só o medo gera os sentimentos de falta que o acompanham, a pedra angular da fundação de teu mundo separado. Não reconheces que criaste um universo para ti mesmo, um universo que deves manter e que, sem teu esforço, desapareceria. Esse universo é tu mesmo, e tu és tudo o que existe nele. Não acreditas que, se percesses, o mundo perderia algo completamente singular? Tu és único e insubstituível: não há ninguém igual. Dentro de ti repousa tudo aquilo que esperas contribuir e criar. Nas ações e interações de tua vida repousam todos os efeitos que esperas ter sobre aquilo que permanece aqui. Sem ti, as pessoas e eventos que influenciarias se comportariam de um modo totalmente diferente, e os resultados seriam distintos daquilo que supostamente deveria ocorrer. Ainda que não conheças teu propósito, ao menos uma parte de ti acredita que isso é verdade, pois deve haver uma razão para tua existência, ainda que não consigas sequer imaginar qual seria essa razão. Deves estar destinado a existir, pois de fato existes, e não consegues compreender que não existirias de forma alguma se não houvesse um motivo para a tua existência.

14.17 Acaso isso não é uma descrição de um universo? O que é um universo, senão ele mesmo e tudo que existe nele? Nada pareceria existir fora dele e, assim, deve ser único. Tudo que acontecesse den-

tro do universo dependeria dele.

14.18 Pensas ser muito consciente do pequeno espaço que ocupas no universo, e que é tolice afirmar que pensas o contrário. Entretanto, como somente aquilo que conheces faz parte de teu universo, acaso não vês que ele depende de ti e que, se depende de ti, então o universo é tu? Somente aquilo de que tens consciência existe no universo que tu és. Apenas aquilo que acontece a ti afeta teu universo. Teu universo é completamente diferente do universo dos demais, e completamente autônomo. As leis de teu universo são feitas para a manutenção de teu corpo, pois, sem ele, não existirias. E quando deixas de existir, teu universo também deixa de existir. Suas luzes se apagarão, e ele não mais existirá.

14.19 Que tarefa imensa designaste para ti mesmo! Não é de se estranhar que vivas com medo, quando tanto depende de ti. E tampouco é de se estranhar que, quando encontras um respiro, um lugar de descanso, de beleza e de amor, queiras reivindicá-lo como teu, sem permitir que ele te escape! Tal lugar também deve ser mantido dentro de teu universo, ou não o conhecerás e seus benefícios te escaparão e não existirão para ti. Desejarias poder unir-te a ele e torná-lo um contigo, mas como não sabes que isso pode ser feito e tampouco como fazê-lo, tentas realizar a “segunda melhor opção”, que é mantê-lo perto de ti, um universo gêmeo ainda existindo separado, mas próximo o suficiente para que possas contemplá-lo e sentir o benefício do seu calor em razão de sua proximidade. Mais do que isso não podes fazer, mas tentas ainda assim. Com correntes, queres vincular esse universo separado ao teu próprio universo, pois enquanto ele mantiver sua autonomia – e assim há de fazê-lo – nem mesmo sua proximidade é suficiente. Assim, tua próxima tentativa é uma espécie de intercâmbio. Como dois países, um rico em petróleo e o outro em grãos, estabeleces dependências que os manterão vinculados. Alguns de vós fazeis isso de maneira muito evidente e, ao longo dos anos, criais uma rede bastante intrincada, uma cilada ou armadilha que parece impossível de se desfazer por causa de suas interconexões. Outros experimentam esse plano de aprisionamento apenas em sua mente, à medida que tramam e planejam algo que nunca têm a oportunidade de pôr em prática. Outros, ainda, são mais recatados em seus planos, e os disfarçam para

que pareçam sacrifício e presentes dados, mas todos com o mesmo propósito em mente. O que ninguém reconhece é que o medo ocupou o lugar do amor.

14.20 Alguns podem reconhecer que têm medo de perder o amor, e até podem falar disso e tentar aliviar o medo, contraindo compromissos oficiais e realizando juramentos e promessas. Outros podem negar seu medo, e dizer que confiam naquilo que têm e na fidelidade daquele a quem amam. São poucos aqueles que não necessitam expressar sua fé e confiança, pois seus sentimentos permanecem fortes, apesar de seu medo. Pois mesmo aqueles que não temem a decepção, devem continuar com medo do grande enganador. Não importando se o chamam de vida ou de morte, ainda é a mesma coisa. É a possibilidade que não pode ser prevista, mas que está sempre lá: a morte pode levar seus amados prematuramente ou, se não prematuramente, certamente os levará.

14.21 E todos eles, os que admitiriam seu medo e aqueles que não o fariam, ainda acreditariam que o amor existe, apesar da reivindicação do medo, e se consideram afortunados por terem encontrado um amor que os proteja por algum tempo de tudo mais que temem. E, ainda assim, o maior medo de todos é justamente o da perda do amor. Tu, que deste tudo para ser sozinho e separado, temes, acima de tudo, aquilo ao qual deste tudo para alcançar. Pois o que é a perda do amor senão a confirmação de teu estado separado? O que é a perda do amor senão ser deixado sozinho?

14.22 A perda do amor vem de uma única fonte. Não importa se a chamas de medo ou de separação, ainda é a mesma coisa. Pois, em teu estado separado, pedes que o amor te torne especial para alguém e que esse alguém seja especial para ti. Pensas que esse é o propósito do amor e, então, o tornas algo que ele não é, e simplesmente chamas isso de amor.

14.23 Só em aparência o céu pode servir à tua meta de separação, e o mesmo é verdade para o amor. Não podes mudar o que o amor é, e tampouco o que o céu é. Tudo que parece fazê-los mudar é a função ou o propósito que queres lhes atribuir. És o único que deste ao céu o propósito de dar-te algo ao qual anseias, uma recompensa por uma vida vivida segundo tuas próprias regras, uma recompensa que alguns ganharão e outros não, o auge da realização, que pro-

vará, depois de partires, que estavas certo e que tiveste sucesso. Dás o mesmo propósito ao amor, mas exiges que cumpra a tarefa de recompensar-te aqui e agora. O amor, assim como o céu, é a tua prova de que és bom e digno, de que és especial e de que mereces uma recompensa por ser especial.

14.24 Assim, colocaste o amor e o céu juntos em uma paródia do significado da criação para cada um deles. Certamente caminham juntos e sabes disso, mas nem um nem outro tem o propósito que atribuíste a eles. O propósito que dás a cada coisa em teu mundo é o que dá o significado que tem para ti. E, como cada propósito que atribuis a qualquer coisa vem da fundação do medo que construiu teu mundo, todo e qualquer propósito é tão sem sentido e tão contrário à verdade quanto qualquer outro.

14.25 É por isso que este Curso não pode simplesmente falar de amor e aproximar-te dele mais do que já estás. Enquanto não reconheces o propósito verdadeiro das coisas, não podes conhecer o amor e nem teu próprio Ser.

14.26 Enquanto teu propósito ainda for tornar especial a ti e aos outros, não colocarás um fim à separação. E não podes simplesmente renunciar ao teu próprio especialismo. Pois, enquanto te agarraras ao especialismo dos outros, te agarras ao teu próprio. Não há razão para manter o especialismo de uma outra pessoa, a menos que te agarres ao teu também. E aquilo que dás aos outros, manténs para ti mesmo. Se tornas alguém especial, manténs o mesmo especialismo para ti e os vês como especiais em vez de ver a sua glória. O especialismo os mantém separados e, portanto, suscetíveis à perda. Como podes perder algo que é um contigo? Isso é impossível. Podes perder apenas aquilo que é separado. E o especialismo separa.

14.27 Esse é o problema que se acentua em teus relacionamentos de amor “especial”, o de ter experimentado verdadeiro especialismo, que não é especialismo de forma alguma, mas sim glória. Vossa união foi a causa, pois cada união te conecta ao teu irmão. Toda união te retorna ao teu relacionamento santo com teu irmão, que é o único que tens na verdade. Apenas esse relacionamento é real e nele estão incluídos todos os demais. Um não descarta nem substitui o outro. O que é real inclui a tudo. O que é irreal não é nada.

14.28 Tu, que não sabes como trocar teu estado separado pelo estado de

união, ainda assim o fizeste quando amaste livremente e sem medo. Nesse estado, tua memória de quem tu és retorna a ti, e és inocente e alegre e um com o próprio amor. O fato de essa memória não perder e esses sentimentos parecerem insustentáveis é apenas o resultado daquilo que descarta e substitui. Como dissemos antes, só existem duas emoções. Uma é o amor, a outra o medo. O medo, por tua própria escolha, substitui e descarta o amor. O medo é sempre mais forte quando valorizas algo que acreditas que possa ser ameaçado. O amor ameaça teu especialismo acima de tudo. Antes que tua mente consciente esteja ciente do que está acontecendo, tua memória do amor, da inocência e da alegria ameaça teu especialismo, teu ego e teu ser separado, que se apressa para substituir o amor. Nada além do medo pode tirar a memória do amor de ti ou substituir tão rapidamente a glória, que é a tua natureza, pelo especialismo, que não é a tua natureza.

- 14.29 Pensas que o amor é aquilo que mais valorizas e, por isso, resistes a qualquer ideia de que aquilo que vês como sendo amor não é o que pensas ser. Mas, enquanto igulares o amor às pessoas especiais a quem escolhes outorgá-lo, não conhecerás o amor. O que conhecerás é o especialismo, elevado ao nível do Todo Poderoso e colocado em Seu trono em uma coroa de joias.
- 14.30 Em teu mundo, o amor não tem significado a menos que esteja ligado a algo particular. E enquanto o amor estiver ligado a algo particular, o oposto do amor é trazido à existência. Enquanto te recusas a contemplar esse simples fato, não há esperança de mudança para ti nem para teu mundo. Tu, que pensas: “Que mal pode haver em amar essa pessoa mais que a todas as outras?”, pensa novamente. Pois não estás escolhendo amar, mas sim tornar especial. E estás apenas escolhendo fazer com que o oposto do amor seja real para ti e para aqueles que afirmas amar, assim como para aqueles que afirmas não amar.
- 14.31 Perguntemos, em vez disso, que mal pode haver em amar a todos como um? Se amares a todos igualmente, que perda pode haver para qualquer um, inclusive para aquele que escolheste tornar especial? O especialismo é tudo que é perdido. Essa é a visão da vida que não consegues imaginar que aconteça, e tampouco que traria alegria. Mas isso é o que deves começar a imaginar se desejas

aceitar a vinda do amor, em vez de rejeitá-lo mais uma vez. Pois ao recusar-te a renunciar ao especialismo, negas o Cristo em ti e negas o amor em si.

CAPÍTULO 15

O ser especial

- 15.1 Falamos muito de teu amor especial pelos outros, mas e sobre o especialismo que desejas para ti mesmo? Não vês como esses dois desejos estão intrinsecamente ligados? O desejo de dar e receber especialismo é o desejo que comanda a tua vida, e o mundo que vês apenas reflete esse desejo. O oposto do amor não existiria se não o tivesses convidado. Todo ódio, culpa, vergonha e inveja são apenas o resultado de teres criado um oposto para o amor por meio do especialismo. Todas as enfermidades atuais, assim como aquelas ao longo da história, dariam lugar ao amor se não fosse pela interferência de tudo aquilo que tornaria especial. Pensas que questões de sobrevivência regem o mundo, e isso é assim, mas não o regeriam se não fosse pela tua necessidade de ser especial. Os meios de transporte seriam apenas meios de transporte, em vez de um símbolo de posição social. Sem um desejo por especialismo, uma pessoa não teria nenhuma necessidade de posição social. A beleza seria o que é, e não o resultado do uso de produtos. Sem um desejo por especialismo, uma pessoa não teria a necessidade de produto algum. A prosperidade seria o estado feliz de todos, pois, sem o especialismo a ser alimentado, não haveria necessidade nem fome. Sem um desejo por especialismo, não haveria guerra, pois não haveria motivo algum para romper a paz. Nenhuma terra seria considerada mais sagrada para uns do que para outros, nenhum recurso seria retido e nenhum povo seria considerado subordinado.
- 15.2 Que mal existe em ser especial? Apenas todo o mal que vês no mundo.
- 15.3 Enquanto desejares o especialismo para ti mesmo, teu verdadeiro Ser permanecerá oculto e desconhecido e, como este é um Curso que busca revelar tua verdadeira identidade, o especialismo deve ser visto pelo que é para que deixes de desejá-lo. Podes ter o especialismo ou teu verdadeiro Ser, mas nunca ambos. É o desejo por especialismo que

faz com que teu pequeno ser exista. Esse é o ser que é facilmente ferido, o ser que acumula mágoas e se recusa a renunciá-las, o ser que está propenso à mesquinhez e à amargura, ao ressentimento e ao engano. Sê honesto ao examinar a ti mesmo e verás que isso é assim.

15.4 É mais difícil ver que esse desejo de ser especial não se limita àquilo que provocaria sofrimento à tua própria mente e ao teu próprio coração. Talvez o líder de uma nação empobrecida provoque sofrimento a outros com seu próprio desejo por especialismo, mas tu não. Sim, em escala maior, consegues ver que esse desejo pode causar muito estrago, mas, mesmo assim, não acreditarias que teu próprio desejo por especialismo ou por tornar alguém especial poderia fazer diferença a muitos ou, possivelmente, até mesmo a qualquer pessoa. Queres simplesmente amar teu par e teus filhos, teus pais ou teus amigos, e estarias bastante satisfeito se eles te considerassem especial e os tornasses especiais para ti. Lá fora, no mundo, pensas que és anônimo, e que eles também o são. Se, dentro da reduzida esfera daqueles a quem amam, não puderem sentir-se especiais – e tu também com eles –, então, que sentido tem estar aqui? Pois esse é de fato o sentido que deste à tua vida.

15.5 Assim, dentro dessa reduzida esfera, fazes o que for necessário para manter teu especialismo e o daqueles que fazem parte dela. Dependendo de tua cultura, o necessário pode significar poucas coisas, ou muitas e distintas para cada um. Dessa esfera de influência vêm tuas noções de sucesso, tuas ideias do que é necessário para ser bom, tuas noções do que significa tratar os outros bem. Tu não serias especial para essa pessoa se não tivesses determinada aparência, e não serias especial para aquela outra pessoa se não ganhasses determinada quantia de dinheiro. Não serias especial se não desses determinados presentes e oportunidades para essa pessoa, nem cumpriras tua responsabilidade de tornar essa outra pessoa especial se não o fizeres. É muito difícil fazer até mesmo uma pequena mudança nessa cultura – para não dizer impossível – pois, se seguisses teu próprio caminho e escolheesses tua própria imagem, teu estilo de vida ou atitude, poderias correr o risco de ser considerado especial nesse grupo, e tuas escolhas poderiam afetar tua capacidade de fazer com que outros se sintam especiais, da mesma maneira como estavam acostumados que tu fazias.

15.6 Quantos estão nessa esfera de influência? Vinte, cinquenta, cem?

E quantas vezes isso é multiplicado por cada um deles? E, no entanto, são apenas uma fração daqueles influenciados pelo teu especialismo. Na verdade, teu especialismo afeta a todos.

15.7 Teu desejo por especialismo te torna um escravo dos outros e os torna escravos de ti. Diminui tua liberdade, e sem nenhum fim. Pois aquilo que outros pensam de ti não te torna especial, assim como tampouco aquilo que pensas ou fazes por eles os torna especiais. Todas as noções de popularidade, sucesso e competição começam aqui. Todas as noções de lealdade também.

15.8 Pois agora chegamos a um eixo de teu plano para o especialismo, um eixo que é imprescindível superar se quiseres alcançar a meta de aprendizado estabelecida por este Curso. A lealdade se origina na fé, e onde depositas a tua fé é tão determinante de tua percepção como o é teu conceito de separação. Toda mudança parece questionar tua lealdade aos outros, e todas as escolhas são feitas com essa lealdade em mente. A lealdade, aqui, se origina de tua fé no medo e de tudo aquilo de que precisas te proteger. Pertencer a um grupo, a uma família ou a uma comunidade de pessoas que te apoiam é considerado necessário para a tua segurança. Ainda que muitos de vós não o tenhais, lutaís por isso e alcançá-lo tem sido a causa de muito sofrimento em teu mundo. Esse trabalho conjunto de apoio contra o medo apenas torna o medo real e torna a causa aparente da lealdade algo essencial.

15.9 Teu conceito de lealdade é o que dificulta que consideres a ideia de abandonar o esforço para manifestar o especialismo de outros, assim como o teu. *Tornar especial* parece ser uma responsabilidade que assumiste, e uma recusa a *tornar especial* parece ser um ato de deslealdade. Além disso, ao final, és leal não apenas ao teu grupo, mas à própria humanidade. Apesar das muitas doenças que fizeram sofrer a ti e àqueles a quem amas, questionar o direito da humanidade ao especialismo parece ser o ato supremo de deslealdade à tua própria espécie. Ao simples pensamento de que poderias mudar e ser diferente de outros de tua espécie, considerarias um ato de traição. Entregar tua lealdade ao teu Pai e às metas de aprendizado que este Curso estabeleceu não é senão um ato de traição ao mundo, tal como o conheces.

15.10 E isso é assim. E, por isso, tua fé e tua lealdade devem ser depositadas em algo novo, algo digno de tua diligência e algo que não deixará teus irmãos e tuas irmãs para trás, a uma vida de sofrimento e pecado.

- 15.11 Todo sofrimento e todo pecado vêm do especialismo e, portanto, é apenas o especialismo que debes deixar para trás. E existe uma maneira de fazer isso, uma maneira que não ferirá nenhum daqueles a quem amas, ainda que traia tudo aquilo que eles apreciam. Mas o que preferes trair: a verdade ou a ilusão? Não podes ser leal a ambas, e aí está teu problema. Pois, ao chegares ao ponto decisivo, olhas para trás e vês alguém que não podes trair e um outro sem cujo tratamento especial para ti não consegues viver, nem podes abandonar a esperança de recebê-lo. E, por isso, escolhes a ilusão em lugar da verdade e traís tudo aquilo que és, assim como traís a esperança que teu irmão depositou em ti como salvador do mundo.
- 15.12 Tu, que ainda fantasias que podes ter as duas coisas, abandona tua fantasia e reconhece que a verdadeira escolha está diante de ti. Não, essa não é uma escolha fácil, ou já teria sido feita há muito tempo, e haveria poupado muito sofrimento e posto um fim ao inferno. Mas tampouco é uma escolha difícil, nem uma escolha que na verdade tens que fazer sozinho. Essa escolha não pode ser feita sem teu irmão e, de fato, é a escolha sagrada de teu irmão, assim como seu direito de nascimento e teu também. Deves apenas estar aberto ao lugar onde nenhum especialismo pode entrar, e pedir a teu irmão que escolha por ti. Pois, na sua escolha, te unes a ele e a teu Pai. Nessa escolha, existe apenas uma vontade única pela glória, que não conhece o especialismo nem a separação. Nessa escolha está a vida eterna.

CAPÍTULO 16

O que escolhes em seu lugar

- 16.1 Apenas parecia que podias conseguir a glória que sentiste do amor de um e não de outro. Mas é impossível conseguir o amor *de* alguém da maneira que pensas. O amor tem apenas uma fonte! O fato de que essa fonte repousa dentro de cada um de vós não a torna muitas fontes, pois ainda que sejais muitos, todos possuíis apenas uma fonte. Essa fonte comum não torna nenhum de vós especial, mas torna a todos vós iguais.
- 16.2 Podes perguntar agora por que isso não parece ser assim, e a única resposta é que não queres que seja. Percebes somente aquilo que de-sejas, e teu desejo por especialismo faz com que não vejas a igualdade em lugar algum, pois o que é igual não pode ser especial.
- 16.3 Todos estais familiarizados com a “criança-problema” que busca amor e atenção de maneiras consideradas inapropriadas. Sabeis que essa criança não é menos do que nenhuma outra, e que busca o mesmo que as demais. Entretanto, se essa criança não mudar esse comportamento ao crescer, a rotulais de anormal ou de delinquente, e afirmais que o que busca não é amor, e que ela agora é menos que aquelas que antes eram iguais a ela. O que é igual não muda para se tornar diferente. A inocência não é substituída pelo pecado.
- 16.4 Aquilo que fazes aos criminosos, fazes apenas a ti mesmo e àqueles que afirmas amar com um amor especial. Pois não os vês na inocência imutável em que foram criados e onde permanecem, mas sim com os olhos do julgamento. O fato de teres julgado e achado que aqueles a quem amas são bons e dignos de teu amor, não torna o teu julgamento mais justificado do que o julgamento que condena um corpo à morte ou a uma “vida” na prisão.
- 16.5 Uma vida na prisão e um corpo condenado à morte é o que o julgamento faz a todos que acreditam que o que é igual pode se tornar diferente. Isso é tão verdadeiro a respeito do amor que reservas para

os especiais, como o é a respeito da condenação que reservas para outros a quem selecionaste. Pois o julgamento é o que é necessário para fazer com que um seja especial e o outro não.

- 16.6 Sem julgamento, não haveria separação, pois não verias nenhuma diferença entre ti e teus irmãos e irmãs. Teu julgamento começou com o teu próprio ser, e foi a origem de todos os conflitos. Sem diferenças, não há motivo para conflito. O julgamento torna diferente. Olha através daquilo que é igual e não o vê e, em seu lugar, vê aquilo que procura. Tu encontrarás aquilo que procuras, mas encontrá-lo não o torna verdade, exceto enquanto for a verdade daquilo que escolhes ver. Escolhes entre Deus e o ser que acreditas ter conseguido separar Dele, e tudo o que vês depende apenas dessa escolha.
- 16.7 Julgar é a função que a mente separada atribuiu a si mesma. É a isso que dedica toda a sua energia, pois é necessário julgar constantemente para manter o mundo que vês. O Espírito Santo pode substituir teu especialismo por uma função especial; mas essa função não pode ser tua enquanto escolhes o próprio julgamento como a tua função.
- 16.8 Apenas teu coração pode conduzir-te ao perdão que deve superar o julgamento. Um mundo perdoado é um mundo cuja fundação mudou do medo para o amor. Somente a partir desse mundo podes desempenhar tua função especial e trazer luz para aqueles que ainda vivem na escuridão.
- 16.9 Criança de Deus, vê como é importante que ouças teu coração! Teu coração não quer ver com julgamento nem com medo. Ele te pede que aceites o perdão para que possas dá-lo e para que, de agora em diante, possas contemplar o mundo perdoado com amor.
- 16.10 Volto a repetir que a razão não se opõe ao amor, como tua mente dividida quer fazer-te acreditar que seja. Pois tua mente dividida julga até mesmo o amor e se opõe a ele alegando que não tem juízo! Aqui podes ver o valor que dás ao julgamento, chegando até mesmo à ideia ridícula de que podes julgar o próprio julgamento. Tu te consideras capaz de fazer bons e maus julgamentos, e consideras que o amor seja incapaz de fazer qualquer um dos dois. O amor parece operar por conta própria, alheio ao que tua mente lhe pediria a fazer, e é por isso que o temes, mesmo embora anseies por ele. Isso é o que a mente dividida chamaria de razão: um mundo onde tudo tem dois lados, e dois lados que se opõem um ao outro. Como isso pode ser razão? A verdade não

se opõe a nada, e tampouco o amor o faz.

16.11 Mais uma vez, tua memória da criação te serve, mesmo que não tenha te servido bem. É essa memória que te diz que o amor não julga, e apenas tua mente dividida fez dessa memória aquilo que servirá ao seu propósito. Aquilo que tua mente dividida chama de deficiência, é tua graça salvadora. Renunciar àquilo que tua mente te diria em favor daquilo que teu coração já sabe é o único propósito deste Curso.

16.12 Apenas o perdão substitui o julgamento, mas o perdão verdadeiro te é tão estranho quanto o amor verdadeiro. Pensas que o perdão contempla o outro com julgamento e perdoa os erros que enumerarias. O verdadeiro perdão simplesmente olha além da ilusão para a verdade, onde não há nenhum pecado a ser perdoado, nenhum erro a ser desculpado. O perdão contempla a inocência e a vê onde o julgamento não a veria.

16.13 Essa forma de perdão parece impossível para ti, pois contemplas um mundo não perdoado, onde o mal ronda, o perigo espreita e nenhum lugar é seguro. Cada ser separado busca o seu próprio interesse, e se não cuidas de tua própria segurança, certamente perecerás. No entanto, embora observes com vigilância, sabes que não podes proteger-te e que não estás a salvo. Há apenas um de ti e muitos dos “outros”. Nunca podes manter a guarda suficientemente, nem obter uma garantia definitiva contra o desastre. Contudo, tu te agarras a todas as tentativas de fazê-lo, mesmo sabendo que não são efetivas.

16.14 Pensas que não podes abandonar tua vigilância, pois não conheces outra maneira para assegurar tua segurança e, mesmo que não possas garantir tua segurança contra tudo o tempo todo, acreditas que podes garanti-la contra algumas coisas em alguns momentos. E por essa proteção ocasional que não tem qualquer validade ou prova, renuncias ao amor!

16.15 Embora afirmes que precisas de provas antes que possas acreditar em algo ou aceitá-lo como um fato ou como a verdade, e certamente antes que possas agir em consequência disso, vives como se acreditas-se que o que nunca funcionou antes, de alguma maneira milagrosa, funcionará no futuro. As únicas evidências que tens são de uma vida de infelicidade e desespero, onde momentos ocasionais de alegria ou as poucas pessoas que amas dentre as muitas que não amas, são tudo aquilo que faz com que tua vida valha a pena. Pensas que pedir-te

para renunciar à cautela, à proteção e à vigilância que protegem esses momentos de alegria e as pessoas que amas, assim como a ti mesmo, é pedir-te para que vivas uma vida ainda mais arriscada do que a que vives agora.

16.16 Teu julgamento não tornou o mundo um lugar melhor! Se há algo que a história prova, é o contrário daquilo em que queres acreditar. Quanto mais o indivíduo, a sociedade e a cultura toleram o desejo de julgar, mais endeusados se consideram. Pois todos os que estais aqui sabeis que não vos cabe julgar, que julgar pertence a Deus e tão somente a Deus. Isso está firmemente vinculado à vossa memória da criação. Tentar usurpar o direito de julgar de Deus é um ato contra Deus e, como um filho que ousa desobedecer a seus pais, o ato de desobediência em si enche o desobediente de ousadia. Algo perigoso foi tentado e parece ter tido êxito. A ordem do universo se inverteu. O filho acredita ter “roubado” o papel do pai, sem ter se tornado um pai. Deus se tornou o inimigo daqueles que julgam, assim como o pai de um filho desobediente se torna inimigo na percepção do filho.

16.17 Mas o filho está equivocado. O filho cometeu um erro. E o filho acredita que esse erro rompeu o relacionamento com o pai. Essa crença em um relacionamento rompido com Deus é o que parece substituir o relacionamento santo, que não pode ser substituído. O julgamento, portanto, reforça a ideia da separação, tornando-a algo ainda mais obscuro do que era no início. Não se parece mais com uma escolha que o filho fez, mas parece ser uma ruptura irreparável que uma nova escolha não pode remendar.

16.18 Criança de Deus, isso não é e nunca poderia ser assim, pois o direito de julgar é o direito apenas do Criador, que julga toda a criação tal como foi criada e como permanece. Tu apenas pensas que mudaste aquilo que é imutável.

16.19 O julgamento não te dá segurança, e definir o mal não o anula, apenas o torna real para ti. Ainda assim, acreditas que o julgamento se baseia na justiça, e que a justiça inclui a punição daqueles que definiste como maus. Assim, equiparas a justiça à vingança e, ao fazê-lo, roubas da justiça o seu significado.

16.20 Aqueles que se erigem em julgamento invocam seu poder para que este faça aquilo que não pode fazer. Todo poder vem do amor, assim como toda justiça. Qualquer outra base para o poder ou para a justiça

que não seja o amor, zomba de ambos. *O poder define o que é certo* é um ditado que muitos de vós conheceis, e, mesmo aqueles que conhecem esse ditado, não acreditam nos fundamentos que representa. Tu afirmarás que tens provas para isso. Estão em todos os lugares. Os fortes sobrevivem e os fracos perecem. Os poderosos prevalecem e, assim, definem o que é certo para todos aqueles sobre os quais prevalecem. Aqueles que detêm o poder são aqueles que fazem as leis, e aqueles que não têm poder devem obedecê-los.

16.21 E, no entanto, tens tanto medo daqueles que não têm poder quanto daqueles que o têm. Os criminosos são temidos e evitados e, no entanto, o único poder que têm é aquele que eles mesmos geram. Queres que o poder venha unicamente dos canais legítimos e não queres que aqueles que não têm poder o possuam por meio das mesmas armas ou forças que, segundo afirmas, conferem poder àqueles que têm autoridade. Embora queiras que aqueles a quem outorgaste poder te protejam, também os temes, e eles, por sua vez, temem aqueles que não têm poder, que poderiam lhes tirar seu poder ou confrontá-los. Que tipo de poder é esse que precisa ser permanentemente defendido? O que os impotentes têm que te aterroriza, exceto a possibilidade de que não aceitem seu estado de impotência? E o que isso quer dizer, exceto aquilo que a história tem te mostrado: que os que têm poder e os que não têm não é determinado por uma força ou qualquer tipo de autoridade que podem ser outorgadas e retiradas. Possuem poder aqueles que o reivindicam. Aqueles que proclamam “eu sou”. Pois o poder começa com a rejeição da impotência. A rejeição da impotência não é senão um passo na direção de tua identidade, alcançada pelo despertar do amor pelo Ser.

16.22 Quanto sofrimento o mundo suportou em nome do julgamento, do poder e da justiça. Quanto sofrimento pode ser evitado ao se encontrar o verdadeiro poder, inerente à tua identidade. Pois tu não és impotente. Aqueles de vós que pensais ter os meios tradicionais de poder a vosso lado, não recorreis a vosso próprio poder, e então vos perguntais por que aqueles mais espiritualizados, tanto agora como no passado, parecem sofrer provas? No entanto, frequentemente, apenas aqueles que sofrem provas se levantam e reivindicam o poder que é seu, em vez de procurá-lo em algum outro lugar. Tua percepção simplesmente olha para o poder de maneira inversa e se pergunta por

que Deus teria abandonado um povo que parecia ser tão devoto.

16.23 Deus não abandona povo algum, mas o povo abandona a Deus quando abre mão de seu poder e não reivindica seu direito inato. Teu direito inato é simplesmente o direito de ser quem tu és, e não há nada no mundo que tenha o poder de tirar esse direito de ti. A única maneira que tens de perdê-lo é abrindo mão dele. E isso é o que fazes.

16.24 Deus não quer nenhum sacrifício de ti, mas, quando abres mão de teu poder, fazes de ti um cordeiro sacrificial, uma oferenda para Deus que Deus não quer. Tu te recordas das histórias de sacrifício da Bíblia e pensas como era bárbaro aquele tempo e, no entanto, repetes a mesma história, porém de forma diferente. Se um médico talentoso abrisse mão de seu poder de curar, certamente chamarias isso de desperdício, mas abres mão de teu poder de ser quem tu és e pensas que a vida simplesmente é assim. Abres mão de teu poder e então te curvas àqueles a quem cedeste tal poder, pois não há nada que temas mais que o teu próprio poder.

16.25 Esse medo se origina do uso que fizeste de teu poder. Sabes que teu poder criou o mundo de ilusão em que vives e, assim, pensas que outro deva ser capaz de fazê-lo melhor. Já não confias em ti mesmo para fazer uso de teu próprio poder e, por isso, te esqueceste dele e não reconheces o quanto é importante reavê-lo. Por melhor que queiras ser, seguirias resignadamente em tua vida, tentando cumprir as regras de Deus e dos homens, com o pensamento de um bem maior em mente. Se cada homem ou mulher fizesse o que quisesse, argumentas, a sociedade colapsaria e a anarquia reinaria. Pensas que és justo apenas quando decides que, se todos não podem fazer o que gostariam, então tu também deves abdicar de teus desejos em prol do bem comum. Em consequência, tens comportamentos “nobres”, mas que não servem a propósito algum.

16.26 Se não puderes reivindicar ao menos um pouco de amor para teu próprio Ser, tampouco poderás reivindicar teu poder, pois ambos caminham de mãos dadas. Não existe “bem comum” tal como o percebes, e não estás aqui para assegurar a continuidade da sociedade. Podes abandonar as inquietações que querem te ocupar, se apenas trabalhares para o retorno do céu e o retorno de teu próprio Ser.

CAPÍTULO 17

O não planejamento consciente

- 17.1 Ser quem tu és não é um luxo reservado para os ricos ociosos, nem para os muito jovens ou idosos. Ser quem tu és, é necessário para a completude do universo. Sem teu verdadeiro eu, haveria um vazio no universo, e isso seria impossível. Entretanto, existe uma maneira em que estás ausente.
- 17.2 Isso está relacionado à consciência e àquilo de que és consciente. Digamos simplesmente que o espaço que ocuparias sendo teu próprio Ser está guardado para ti por outra parte de tua consciência que nunca o abandonou. É a reunião desses dois seres que produzirá a completude do universo e o retorno do céu. *Quando dois se unem* pode ser usado apropriadamente aqui também no que diz respeito a relacionamentos. Tua escolha de separar-te de Deus é apenas uma separação de teu próprio Ser, e essa é verdadeiramente a separação que precisa ser curada para que retornes a Deus.
- 17.3 Foges dos pensamentos de uma consciência que transcende aquela da qual estás ciente por causa do medo. E, no entanto, sabes que não podes afirmar que estás ciente de tudo que existe no universo, ou mesmo que conheces totalmente teu próprio Ser. O que é amedrontador sobre o desconhecido é simplesmente o fato de que é desconhecido. Chegar a conhecer aquilo que antes te era desconhecido pode eliminar o medo, se assim o permitires.
- 17.4 A consciência da qual não estás ciente não é mágica, superstição ou insanidade. Entretanto, protege a ti mesmo do conhecimento dela, como se isso fosse mudar a natureza do universo em si. Mudará tua percepção do universo. Isso é tanto aquilo que desejas como aquilo que temes, assim como também desejas e temes conhecer a ti mesmo.
- 17.5 Existe uma suposição implícita de que já conheces tudo que é bom conhecer, e que conhecer ainda mais significaria que as coisas que seriam reveladas seriam aquelas que preferirias não conhecer e, por-

tanto, devem ser *ruins*. E, no entanto, toda a evidência de teus próprios pensamentos te revelará tua disposição para aceitar o que é *ruim* acerca de ti mesmo e do teu mundo. Assim, essa suposição de que o desconhecido deve ser ruim não pode ser válida, mesmo de acordo com teus próprios padrões de evidência. Contudo, em tua avaliação, o desconhecido não pode ser totalmente bom ou digno de teu conhecimento, pois o raciocínio que usas é leal ao mundo que vês. É por isso que mesmo o Céu, que rotularias como bom, não é totalmente bom segundo tua avaliação. Por que não é totalmente bom? Porque o definiste como carente de muitas coisas que julgas boas no mundo que percebes agora.

17.6 Entretanto, entraste por tua própria vontade em muitos estados desconhecidos. Alguns de vós casastes, tivestes filhos, consumistes drogas que alteram o estado mental ou tentastes feitos físicos extenuantes e até aterradores. Mas todos, sem exceção, por vossa própria vontade, entrastes no estado desconhecido do sono e experimentastes a perda de consciência que ele traz. Todos tivestes a experiência de sonhar enquanto estais dormindo. Alguns talvez afirmem conhecer tudo que há para se conhecer a respeito de dormir e de sonhar, de casar, de usar drogas ou ter filhos, mas nem mesmo aqueles que escutariam o que dizem os especialistas acreditam nisso.

17.7 Cada dia é uma experiência desconhecida que adentras, apesar de todas as tuas tentativas de prever aquilo que o dia poderia reservar para ti. E, contudo, embora possa parecer que te acostumarias a esse fenômeno, isso não é assim. Ainda fazes teus planos e lutas contra tudo aquilo que interfere com eles, mesmo sabendo de antemão que teus maiores esforços de organização frequentemente não servem para nada. Em *Um Curso em Milagres* te é pedido que “recebas em vez de planejar”, mas poucos de vós compreendeis o significado dessa simples instrução e tampouco aquilo que ela vos diz sobre o desconhecido.

17.8 O que essa instrução diz é que o desconhecido é benevolente. Ela diz que aquilo que não podes prever pode ser previsto para ti. Diz que poderias receber ajuda permanente, se simplesmente permitires que venha. O que ela diz, é que não estás sozinho.

17.9 Receber implica que algo está sendo dado. Receber implica uma disposição para aceitar aquilo que é dado. Essa disposição é aquilo que não ofereces. No entanto, isso se deve à tua falta de compreensão

acerca da natureza da criação e isso pode ser corrigido.

- 17.10 O pecado é simplesmente a crença de que a correção não pode ser feita. Esse é o erro que aconteceu na criação. É assim que o impossível se tornou possível. Se não estivesses tão determinado a acreditar que a correção não pode ser feita, a correção já teria ocorrido. Esse é o erro original que é tão necessário corrigir: tua crença no pecado ou, em outras palavras, tua crença de que aquilo que escolheste é irreversível.
- 17.11 Acaso isso não é evidente no julgamento em que confias e na maneira como tratas os criminosos, assim como a ti mesmo e àqueles a quem amas? Acreditas que se deve pagar pelos erros, não apenas uma, mas muitas vezes, e, independentemente de quão pesado seja o pagamento, este apenas “paga por” aquilo que foi feito e que nunca poderá ser desfeito. O que faz um pagamento, senão adquirir algo que então passa a te pertencer? O que adquiriste com todo teu esforço para consertar tuas transgressões? Adquiriste apenas culpa, e a guardas para ti, como uma companhia permanente e um julgamento sobre ti mesmo.
- 17.12 Vês agora por que aqueles que julgam não podem entrar no céu? O julgamento provém da crença no pecado e na irreversibilidade de todos os erros. Se não acreditas que podes reverter ou “retornar” ao estado em que existias antes do erro original, nunca o farás.
- 17.13 E, no entanto, tudo o que precisas fazer, é retornar. Ser um observador do teu corpo te preparou para isso. Regressa agora ao lugar que está guardado para ti. Não perdeste “teu lugar na fila” por teres perambulado. Ele está guardado para ti pelo mais amoroso dos irmãos, um irmão unido ao teu próprio Ser.
- 17.14 Nesse lugar, para onde podes retornar, não há julgamento ou medo e, portanto, é o receptáculo de tudo que surgiu do amor. Nele, todas as dádivas do amor são mantidas a salvo para ti. As dádivas do amor são dádivas da criação ou extensão, dádivas que deste e recebeste. Cada ato de amor se agrega ao espaço que é teu no universo e que tornou-se parte do todo contigo. Tudo aquilo que provém do medo não é nada e não existe à parte de teus próprios pensamentos.
- 17.15 Teus pensamentos, contudo, se tornaram muito severos e muito arraigados na crença em seu direito de julgar. Muitos de vós abandonastes a vossa crença no pecado, mas ainda vos agarrastes à vossa crença no julgamento, acreditando que um é diferente do outro. Não são diferentes e, enquanto não compreenderes isso, teus pensamen-

tos continuarão baseados no medo, e então o medo continuará sendo tua fundação. Pois o julgamento é apenas a crença de que o que Deus criou pode ser mudado e de que isso aconteceu.

- 17.16 O perdão, que substitui o julgamento, deve vir de teu coração. Perdoar baseado na lógica de tua mente, em vez de na compaixão de teu coração, é apenas considerar o perdão. Muitos de vós fareis isso, até mesmo decidireis perdoar apesar do vosso bom julgamento. Não vês que isso faz muito pouco sentido e quão insincero isso soa?
- 17.17 Sinceridade é sinônimo de plenitude de coração, um conceito que não compreendes, pois está além dos conceitos. Mas, agora, comecemos a integrar o teu aprendizado, à medida que avançamos em direção à completude. O primeiro passo em direção à completude é apenas entender isso: coração e mente não estão separados. Mente e coração unidos formam um coração pleno, ou plenitude de coração. Podes, então, perguntar-te por que este Curso os tratou como partes separadas de ti. Simplesmente porque é assim que os vês, e porque isso me permitiu abordar as diferentes funções que atribuíste a eles.
- 17.18 O que é o mesmo não pode ter funções diferentes. E, agora, tua mente e teu coração devem trabalhar juntos na função unificada que estabelecemos: a de devolver-te a tua identidade dentro da criação de Deus.

CAPÍTULO 18

A mente engajada

- 18.1 Muitos de vós acreditais que a criação de Deus incluiu a queda do paraíso, conforme descrito na história bíblica de Adão e Eva e nas histórias da criação de muitas culturas e religiões. Quando aceitas isso, assim como a história da separação, mesmo que não literalmente, aceitas a separação em si. Mais que uma história de um evento real, essa é uma história que descreve o problema. Não é nada mais do que a história do nascimento da percepção. E tua percepção da queda faz da queda uma maldição. Essa interpretação, entretanto, seria inconsistente com um Deus benevolente e com um universo benevolente. Essa interpretação aceita que a separação pode ocorrer; no entanto, isso não é possível. Acreditar na queda é acreditar no impossível.
- 18.2 Imagina que és parte de uma corrente de corpos que se seguram pelas mãos e circundam o globo. Eu estou entre aqueles cujas mãos tu seguras. Todos estão conectados, mesmo que cada um não esteja segurando as mãos de todos os outros. Se um elo da corrente fosse removido, a corrente já não formaria um círculo, mas *cairia*, e cada ponta ficaria suspensa no espaço. A corrente agora seria uma linha que pareceria ir de um lugar a outro, em vez de circundar e abranger a tudo. A separação pressupõe que podes romper a corrente. Isso seria tão impossível quanto é impossível que eu solte a tua mão.
- 18.3 Agora, imagina ainda que essa corrente mantém a Terra em sua órbita. É óbvio que a queda da Terra de sua órbita produziria consequências terríveis de natureza universal. É simplesmente menos óbvio que tu és parte daquilo que estabeleceu e mantém uma ordem universal, que és parte de um todo que seria completamente diferente sem a tua presença, da mesma maneira que o universo seria um universo completamente diferente sem a presença da Terra.
- 18.4 No entanto isso é o que pensas que fizeste de fato. Pensas que mudaste a natureza do universo e que fizeste com que fosse possível que

a vida exista separadamente e sozinha, sem nenhum relacionamento, nenhuma conexão e nenhuma unidade com o todo. Tu não fizeste isso. Tu não *caíste* da unidade. Não *caíste* de Deus.

- 18.5 Essa corrente que descrevi te ajuda a imaginar o lugar que guardo para ti, assim como guardaste o meu quando vim ao mundo em forma física. Mesmo que seja apenas uma ilustração, ela ilustra que nenhum de nós abandona o todo, e tampouco abandonamos uns aos outros.
- 18.6 Mesmo que te tenha sido ensinado que não és teu corpo, te é impossível negar o corpo aqui. Entretanto, podes mudar a função que atribuíste a ele e, assim, mudar sua maneira de funcionar. Se não o vires como o resultado de uma queda, como uma maldição, como uma punição de Deus, ou como teu lar, uma morada que te mantém separado, podes, então, começar a vê-lo como o que é: um instrumento de aprendizado que te foi dado por um criador amoroso. Antes da ideia de separação, não havia necessidade do aprendizado. Mas um criador amoroso não cria aquilo que possa ter uma necessidade não atendida. Assim que a necessidade de aprendizado surgiu, o meio perfeito para atender tal necessidade foi estabelecido. Tu simplesmente falhaste em vê-lo como tal.
- 18.7 Esse é um erro originado pela percepção, antes da qual não havia possibilidade de má interpretação, pois não havia um mundo externo a ser percebido. Um instrumento de aprendizado, quando não percebido como tal, tem poucas possibilidades de cumprir a função para a qual foi criado. Mas, quando a percepção muda, e algo é visto como aquilo que é, então não pode deixar de cumprir aquilo para o qual foi criado.
- 18.8 Um mundo externo é apenas uma projeção que não pode remover-te do mundo interno, onde existes em completude, como um elo na corrente da criação. Volta a imaginar essa corrente e teu Ser entre aqueles que a compõem, e imagina a vida que experimentas agora desenrolando-se de uma maneira parecida como a verias projetada em uma tela de cinema. Não abandonaste o teu lugar enquanto assistes a esse filme e experimentas suas imagens e seus sons, suas alegrias e tristezas. E, no entanto, tu também és parte da projeção, e é aí que tua consciência reside agora, aparentemente aprisionada na tela, vendo tudo a partir dos dois olhos daquele que está projetado ali. Novamente, isso é o que os exercícios deste Curso têm tentado ajudar-te a ver:

um mundo que podes observar e aprender nele e com ele pelo tempo que escolhes aprender o que a ideia da separação te ensinaria. Este Curso te prepara para fazer uma nova escolha, uma escolha de aprender da unidade.

- 18.9 Aprender da unidade requer mente e coração integrados, ou seja, requer plenitude de coração. Abordar esse aprendizado sem essa integração não funcionará, assim como tampouco funcionará a atenção de uma mente dividida. Nunca é demais enfatizar que aprendes aquilo que escolhes aprender. Para comprovar isso, tudo que necessitas fazer é observar o mundo que foi criado a partir do teu desejo de aprender o que a ideia de separação te ensinaria. Quando residias na unidade, não conseguias imaginar como esse mundo seria, assim como agora tampouco consegues imaginar como um mundo unido será. Tu não compreendias, da perspectiva da unidade, o que estavas pedindo, nem o grau de envolvimento que esse aprendizado exigiria. Para aprender o que a ideia da separação te ensinaria, necessitavas acreditar que existias em um estado separado. Assim, “esquecer” que na realidade resides em unidade era um requisito dessa condição que desejavas experimentar. E, então, essa condição tornou-se disponível.
- 18.10 Ainda que essa explicação faça pleno sentido, te é inacreditável, tendo em vista tua percepção de ti mesmo e o limitado alcance de poder que acreditas que tua tomada de decisão tem. A única maneira de tornar crível o inacreditável é mudando aquilo que experimentas. O estado no qual existes agora não só era inacreditável como também inconcebível para ti em teu estado natural. O que faltava para alterar teu sistema de crenças era a experiência, assim como também é o que falta agora.
- 18.11 A experiência de unidade mudará teu sistema de crenças e o dos demais, pois aquilo que aprendes em unidade é compartilhado. Entretanto, considerando que atualmente aprendes da separação, cada um deve experimentar a unidade individualmente, antes que seu sistema de crenças possa mudar, mesmo quando o que é aprendido é compartilhado em um outro nível.
- 18.12 Percepção de níveis é uma função do tempo e, assim, parece necessário muito tempo antes que uma mudança de natureza duradoura possa ocorrer. É por isso que os milagres economizam tempo, pois integram todos os níveis, colapsando o tempo temporariamente. O

tempo, na realidade, é uma medida do aprendizado, ou o “tempo” necessário para que o aprendizado passe de um nível para o outro através da experiência, pois aqui o aprendizado é experimentado no tempo.

- 18.13 Para que a base de tua experiência deixe de ser a do aprendizado na separação e comece a ser a do aprendizado em unidade, o aprendizado do que a unidade pode te ensinar deve nascer como uma ideia. Ouvir ou conhecer a ideia de outro não lhe dá nascimento. Assim, cada um deve experimentar o nascimento da ideia do aprendizado da unidade para que esta possa surgir de dentro e não deixe sua fonte. Uma ideia minha só pode tornar-se uma ideia tua através do teu relacionamento com ela. Tu apenas precisas experimentar essa ideia à tua própria maneira, a partir do desejo de saber – de onde nascem todas as ideias – para que dê vida a essa ideia.
- 18.14 Assim que uma ideia nasce, ela existe em relacionamento com o seu criador. Tudo o que permanece agora é uma escolha de participação. Na unidade, tudo aquilo que desejavas contava com a plena participação de uma mente e um coração unidos em plenitude de coração. Sabias que teu Ser era o criador, e amavas tudo o que criavas. Tu não desejavas e temias algo ao mesmo tempo, e teus desejos não mudavam de um momento a outro. Aquilo que desejavas, experimentavas plenamente com todo teu ser e tornavas um contigo. O fato de que não te permites desejar nada plenamente aqui é o que torna essa existência tão caótica e imprevisível. Uma mente e um coração em conflito é o que te impede de desejar qualquer coisa plenamente, e isso é o que te impede de criar.
- 18.15 Assim, a integração de mente e coração deve ser nossa meta para que cries o estado em que a unidade possa ser experimentada. Obviamente, isso depende de ti. Da mesma maneira que escolheste criar um estado de separação, deves escolher criar um estado de unidade.
- 18.16 Não pode surpreender-te o fato de que tua mente regia teu coração. Portanto, o que este Curso tem tentado fazer até agora é mudar rapidamente tua orientação da mente para o coração. Esse é um primeiro passo naquilo que parecerá agora uma tentativa de equilibrar duas coisas separadas, quando, na realidade, é uma tentativa de unir aquilo que apenas percebias como separado. Se o coração é o centro de teu Ser, onde então está a mente? O centro não é senão a Fonte em que todos existem como uma só mente. No entanto, dizer-te isso antes de termos

afrouxado algumas de tuas percepções acerca da supremacia da mente, teria sido tolo. A mente única não é o que percebias como *tua* mente. A mente única é apenas uma mente em que o amor rege, e onde mente e coração são um só. Daqui em diante, a isso denominaremos plenitude de coração, em vez de mente ou coração.

18.17 Uma mente que divaga é considerada algo muito normal, e pensamentos que saltam de um lado a outro caoticamente são considerados aceitáveis, e aparentemente tão inevitáveis para ti como o respirar. Quase tão normal quanto isso é considerada uma mente dividida, embora seja reconhecido que uma mente dividida dificulta a tomada de decisões. Já foi dito a ti que o único exercício para a tua mente que seria incluído neste Curso de Amor, é que dediques todo pensamento à união. Isso agora deve ser visto em duas dimensões, ao invés de uma. Além de dedicar o pensamento à unidade com o todo, deves dedicar-te a unificar o próprio pensamento.

18.18 Tu não reconheces qual foi o efeito de ter escolhido, com plenitude de coração, experimentar a separação. A plenitude de coração não é senão uma expressão plena de teu poder. Uma expressão plena de teu poder é criação. O que foi criado não pode ser des-criado. O que foi criado pode, contudo, ser transformado. A transformação ocorre no tempo. Assim, a transformação e os milagres devem trabalhar de mãos dadas.

18.19 A transformação de um estado de separação em um estado de unidade é, de fato, um milagre, pois essa transformação requer o reconhecimento de um estado que não podes reconhecer na separação. Ainda que isso seja um paradoxo, não é impossível, pela simples razão de que nunca deixaste o estado de unidade que não reconheces. Por isso, tua falta de reconhecimento pode ser superada ao lembrar-te da verdade do que és.

18.20 Unificar o pensamento não é apenas uma questão de foco ou de concentrar-se com determinação, ainda que ambos sejam passos na direção correta. Unificar o pensamento é também uma questão de integrar o pensamento ou a linguagem de teu coração com aquilo que percebes mais naturalmente como pensamento: as palavras e imagens que “passam” pela tua mente.

18.21 Falamos brevemente aqui de emoções, e o fizemos apenas para distinguir entre teus sentimentos de amor e teus sentimentos de falta

de amor ou medo. Algo sobre o qual falamos ainda menos até agora, contudo, é sobre o que a emoção encobre, e sobre a quietude que se encontra subjacente. Eu me referi à verdadeira linguagem do coração como comunhão, ou união do nível mais elevado, dizendo que recuperar a memória de quem tu és, é o meio pelo qual a comunhão pode voltar a ti. Então, aquilo de que falamos agora é a integração entre recordação e pensamento.

18.22 Ainda que tenhamos falado que o que defines como emoção é a reação do corpo perante um estímulo, não falamos sobre o estímulo em si. Antes de fazermos isso, devemos esclarecer um pouco mais a função do corpo como um instrumento de aprendizado. Teu corpo parece experimentar tanto o prazer como a dor; entretanto, como um instrumento de aprendizado, é neutro. Não experimenta, apenas te comunica aquilo que pode ser experimentado. Tu, então, transmites uma reação de volta a ele. Esse relacionamento circular entre ti e o corpo é o relacionamento perfeito para o propósito do aprendizado, já que tanto a experiência como a reação à experiência servem para aprender, e também porque o aprendiz pode escolher ambas. Não é, contudo, um relacionamento perfeito quando percebes o corpo equivocadamente como teu lar, e não como um instrumento de aprendizado. Por teres percebido o corpo equivocadamente como teu lar, em certo sentido, não existe um “tu” a quem o corpo possa enviar seus sinais. E, assim, o corpo parece estar no comando e ser tanto aquele que experimenta como aquele que interpreta a experiência. Além disso, essa percepção equivocada do corpo permite que sua função deixe de ser reconhecida. Assim, não reconhecias o que na verdade causa dor, e tampouco o fato de que podes rejeitar a experiência da dor. E o mesmo é verdade para o prazer.

18.23 A determinação de prazer e dor é feita com o julgamento do ser separado, que não apenas acredita que é o corpo, mas também que está à sua mercê. Entretanto, o corpo não tem nenhuma misericórdia a oferecer para o ser separado. É apenas um instrumento de aprendizado. Mas tu não reconheceste isso e falhaste em aprender que tudo que experimentas como doloroso é o resultado de sentimentos de falta de amor, e que tudo que experimentas como prazeroso são sentimentos de amor. Isso parece contradizer o que foi dito antes acerca da dor experimentada a partir do amor, e de tua disposição de agarrar-te ao

amor, apesar da dor que experimentas. No entanto, a dor não vem de teus sentimentos de amor, mas de sentimentos de perda do amor.

18.24 A causa de toda a tua angústia é a ausência de alguém que receba e rejeite os sentimentos de dor e os substitua por sentimentos de amor. Não penses que reages à dor de qualquer tipo, com o amor de teu verdadeiro Ser, que a dissiparia. O Ser que excluístes do ciclo do aprendizado é o Ser do amor.

CAPÍTULO 19

Unicidade e dualidade

- 19.1 Não houve má intenção na criação do corpo como um instrumento de aprendizado, e, como um instrumento de aprendizado, foi criado perfeitamente. O problema está naquilo que tu, em teu esquecimento, fizeste do corpo. Apenas por acreditar que tu eras o corpo, surgiram ideias de glorificar o corpo. Glorificar um instrumento de aprendizado não faz sentido algum. Ainda assim, ao criar o instrumento perfeito com o qual poderias experimentar a separação, todos os problemas desse tipo foram previstos e, ao mesmo tempo, instrumentos corretivos foram criados. Tu não poderias experimentar a separação plenamente sem um senso de ser alguém separado, e não poderias experimentar nada plenamente sem teu livre-arbítrio. Um ser separado, dotado de livre-arbítrio, operando em um mundo externo, assim como um ser espiritual desejando a experiência da separação, naturalmente levariam a uma situação onde existiria todo o espectro de experiências disponíveis para um ser separado.
- 19.2 O complexo conjunto de critérios necessários para criar um mundo de separação foi, no instante da criação, previsto e suprido em uma forma consistente com as leis da criação. Embora este mundo tenha sido criado com amor, assim como toda a criação, ele também foi criado para prover a experiência desejada. Assim nasceu o medo, pois um ser separado é um ser amedrontado, por sua própria natureza. Como poderia ser diferente?
- 19.3 Tu, que te cansaste dessa experiência, regozija-te, pois podes escolher uma nova experiência. Teu livre-arbítrio não foi tirado de ti, e o poder da criação tampouco te abandonou. Dentro das próprias leis da criação repousa a solução.
- 19.4 A solução repousa na transformação, e é por isso que tu ainda és necessário aqui. Por trás do mundo ilusório que fizeste para glorificar o ser separado, repousa o mundo que foi criado para o teu

aprendizado e que, por isso, existe em verdade. Não é, de forma alguma, o único mundo, mas ainda assim é o céu, pois o céu deve estar onde tu estás. Uma escolha, feita com plenitude de coração, de abandonar todas as ideias de glorificar o ser separado e de permitir que o mundo seja o que é, começará a transformação. Isso requer a primeira unificação: a unificação de mente e coração, após a qual a unificação com Deus retorna naturalmente à tua consciência, pois essa unificação te retorna ao Cristo em ti e à única mente unida com Deus, que nunca deixaste. Então, o poder da criação, retorna a ti para ajudar a todos os seres separados a lembrar-se da união.

19.5 Embora tudo isso possa soar como ficção científica para ti, reconhece que aceitas muitas coisas em todas as áreas de tua vida, desde a religião até a própria ciência, que soam como ficção. No entanto, não se espera de ti que acredites em tudo que te digo apenas por fé. A experiência é necessária para que mudes tuas crenças e nelas deposite tua fé com segurança. O primeiro passo para levar-te a uma experiência de outro tipo é a tua disposição para aceitar que estás aqui para aprender, e que teu corpo pode proporcionar-te os meios para isso.

19.6 A graça que te salva é que mesmo um ser separado anseia por união e conhecimento do seu Criador. Assim, juntamente com esse anseio, um meio foi suprido para satisfazê-lo e, em sua satisfação, está o fim da separação.

19.7 Eu fui parte desse meio, mas apenas parte. A satisfação pode ser encontrada em todos e em cada um de teus irmãos e irmãs, pois, em cada um, o Cristo está disponível para ser visto e experimentado, assim como estava em mim. É em teus relacionamentos santos que a união pode ser encontrada e experimentada e, portanto, são eles que alimentam teu desejo de união com tudo e com todos, assim como teu desejo de conhecer teu Criador. No entanto, para que esse anseio seja satisfeito, deve ser puro, livre de medo e de julgamento e buscado com plenitude de coração. Não são os meios que te faltam, mas o desejo pleno de coração.

19.8 Permite-me falar brevemente do papel que desempenhei, para que assim possas compreender melhor o papel que te espera. Vim para dar cumprimento às escrituras. Tudo o que isso significa, na realidade, é que certa comunidade foi levada a esperar minha vinda. Eles me aguardavam com expectativa e, por isso, encontraram em mim o que

esperavam encontrar. O que meus irmãos e minhas irmãs viram em mim, me permitiu ser quem eu era, mesmo enquanto na forma humana. Digo-te verdadeiramente que, se tu pudesses agora ver qualquer de teus irmãos e irmãs como me viam aqueles que aguardavam meu nascimento, eles também se lembrariam de quem são. Essa é a função que te peço que aceites, para que possas oferecer a outros aquilo que me foi oferecido.

19.9 Cada um de teus irmãos e irmãs é tão santo e tão amado por Deus quanto eu. Acaso não podes testemunhar que eles são os amados de Deus, assim como testemunharam por mim há muito tempo? Tu ainda não tens sido capaz de fazer isso, pois tens desejado o especialismo para ti mesmo e alguns outros, em vez de desejar que todos sejam amados. Mas agora, talvez, estejas pronto.

19.10 O ser separado não pode reaprender a unidade, exceto através da união. Aqui, a união é alcançada em relacionamento. Ver teus irmãos e tuas irmãs como aqueles outrora viram a mim é o caminho para alcançar o relacionamento da mais elevada ordem e reaprender comunhão, a linguagem do coração. É por isso que te foi pedido que experimentes o espírito de teus irmãos e irmãs, em vez de apenas relacionar-te com seus corpos, como sempre fizeste. Eu não fui visto como um corpo por aqueles que acreditavam em mim, embora eu tivesse um corpo para me ajudar a aprender, assim como tu o tens.

19.11 Meu testemunho comprovou tua chegada, assim como as escrituras atestaram a minha. Embora algumas de minhas palavras tenham sido distorcidas ou mal interpretadas, ainda podes revisita-las e verás que isso é assim. Eu não me proclamei superior ou diferente dos outros, mas chamei cada um de vós de irmão e irmã e vos recordei do amor de nosso Pai e de nossa união com Ele.

19.12 No entanto, tua crença em teus irmãos e irmãs nunca será total sem a reunião de mente e coração, que produz o estado de plenitude de coração. Esse estado não foi alcançado de forma permanente por todos aqueles que acreditavam em mim, e a perfeição não é exigida de ti. De fato, como pode ser visto claramente nos registros que te foram deixados, os apóstolos não alcançaram esse estado durante minha vida, pois me viam como diferente e buscavam em mim o poder. Somente depois de minha ressurreição, o Espírito Santo desceu sobre eles e lhes revelou o seu próprio poder, ao unir mente e coração com

crença. Eles, então, se reuniram comigo ao unir-se com Cristo. Por isso, debes aprender a ver a ti mesmo como vês teus irmãos e irmãs e a depositar tua crença não em diferenças, mas em igualdade.

19.13 Para atingir isso, existe ainda uma outra camada para a unificação do pensamento, e isso traz à luz outra razão para nossa confiança no coração. O pensamento, tal como o conheces, constitui um aspecto da dualidade. Não pode ser de outro modo em teu estado separado. Deves pensar em termos de “eu” e “eles”, “morte e vida”, “bem e mal”. Isso é pensamento. O pensamento se expressa em palavras, e as palavras separam. É apenas ao combinar mente e coração, com o foco colocado em permitir que o coração seja o guia, que o amor pode combinar-se com o pensamento, de uma maneira que permita realmente transcender o pensamento tal como o conheces. Essa transcendência é uma função da plenitude de coração.

19.14 Essa é, em essência, a razão pela qual os grandes pensadores não foram capazes de decifrar o enigma, o mistério do divino, e pela qual chegam à conclusão de que Deus é incognoscível. Deus é cognoscível de dentro do mistério da própria não dualidade. Seria impossível que tu fosses um ser que anseia pelo conhecimento de teu Criador sem que esse conhecimento estivesse disponível. Na criação, todas as necessidades são satisfeitas no mesmo momento em que se tornam necessidades, e é por isso que não existem necessidades. Se tudo que necessitas já foi provido, não faz sentido ter necessidades.

19.15 A filosofia aplica o pensamento ao mistério, e é por isso que a filosofia se torna um emaranhado de palavras. É difícil para ti aceitar que aquilo que mais necessitas conhecer não pode ser alcançado por meio dos mesmos métodos que tens usado para conhecer outras coisas. E, cada vez mais, estás disposto a trocar experiência por conhecimento de segunda-mão, e a acreditar que podes chegar a conhecer através das experiências dos demais. Entretanto, no caso de chegar a conhecer aquilo que agora se apresenta diante de ti; ou seja, vir a conhecer teu próprio Ser, é óbvio que a experiência de outro não te trará esse conhecimento, nem mesmo a minha. Se isso fosse assim, todos aqueles que leram a respeito da minha vida e de minhas palavras teriam aprendido aquilo que aprendi com a minha experiência. Embora muitos tenham aprendido bastante de outros, esse tipo de aprendizado é apenas um ponto de partida, um portal para a experiência.

- 19.16 Pensar sem pensamento ou conhecer sem palavras são ideias muito estranhas a ti e, na verdade, enquanto permaneceres aqui, aplicarás palavra e pensamento até mesmo às experiências que estão além dos pensamentos e das palavras. Entretanto, o amor frequentemente te aproximou de um estado de existência em que não há pensamentos nem palavras, e poderá voltar a fazê-lo. À medida que te unes a teu próprio Ser em unidade, tudo aquilo que criaste e recebeste em amor retorna ao seu lar em ti, e te deixa em um estado de amor no qual o que não tem palavras nem forma está muito próximo.
- 19.17 Teu único conceito da unicidade tem uma só forma, uma só entidade. Há uma ou duas cadeiras. Uma mesa ou quatro. Tua ênfase está na quantidade e um é considerado menor que qualquer outro número. Entretanto, por outro lado, quando existe apenas um de uma determinada coisa, isso é muito valorizado. Desse modo, Deus é “Deus” devido, ao menos em parte, àquilo que consideras como Sua singularidade. Consideras primitivos aqueles que adoram muitos deuses, embora aqueles que creem em um deus sinônimo de criação estejam mais próximos de uma verdadeira imagem de Deus do que aqueles que o veem como uma figura solitária. Não obstante, unicidade e unidade caminham juntas, sendo a unidade da criação parte da unicidade de Deus, e a unicidade de Deus parte da unidade da criação. Uma mente treinada pela separação não pode conceber isso, pois todos os conceitos nascem a partir dos pensamentos separados da mente. Entretanto, essa mesma mente ainda era capaz de conceber um criador. Uma mente capaz de conceber um criador, combinada a um coração que anseia pelo conhecimento de tal criador, e pela união com ele, pode superar a necessidade dos pensamentos separados do sistema de pensamento do ser separado. Mas deves ser treinado para fazer isso. E, assim, teu treinamento começa. E começa com a oração.
- 19.18 Como dito no início, orar é pedir. Simplesmente pediste pelo teu estado separado, e assim foi feito. Agora, apenas necessitas pedir pelo retorno da unidade para que assim seja. A condição ou o estado de ser a partir de onde pedes é o que necessita de ajuste e, por isso, necessita de treinamento antes que possas estar ciente da resposta que receberás. Está claro que podes pedir por aquilo que não conheces. Esse não é o problema. O problema está naquele que pede. O ser separado, embora capaz de pedir, dificilmente é capaz de acreditar na resposta

ou de aceitá-la. Essa falta de crença em uma resposta é aquilo que o capacita a pedir. Agora que comesas a desprender-te do conceito do ser separado e a acreditar na possibilidade de uma resposta, descobrirás que tens mais medo de pedir. Tudo o que o teu pedido ou a tua oração espera, é que acredites no amor sem medo que sempre respondeu.

19.19 Do caos mais profundo e mais obscuro de tua mente chega a possibilidade de luz. Isso se parece um pouco com viajar para trás, ou com a revisão da vida que alguns experimentam após a morte. Para lembrar-te da unidade, deves, em certo sentido, retroceder até ela, desfazendo no caminho tudo que aprendeste desde que a conheceste pela última vez, de modo que tudo que permaneça seja o amor. Esse desfazer, ou expiação, já começou e, uma vez começado, não pode ser impedido e, portanto, inevitavelmente, já está realizado.

19.20 Meus irmãos e minhas irmãs em Cristo, não vos impacientes agora. Estamos na reta final, e tudo aquilo a que ansiais está mais próximo do que nunca. Falar de “retroceder” certamente vos impacientará, mas não é um retrocesso que se parecerá em absoluto com aquilo que tentastes fazer anteriormente. Embora, em um certo sentido, trate-se de um pedido para rever tua vida, é a última revisão que será necessária antes de abandonar o passado completamente. Até agora, todas as tuas tentativas de retroceder que fizeste foram como tentativas de pagar uma dívida que nunca terminará. Este retroceder te deixará livre de débitos e, portanto, livre na verdade.

19.21 Esse retroceder é a jornada sem distância. Não necessitas sair em sua busca e, na verdade, não podes fazê-lo, pois o passado não habita em ti. Em vez disso, o que necessitas fazer, é buscar um lugar de quietude, de onde aquilo que precisa ser revisto possa surgir, como se fosse um reflexo que surge de um poço profundo. Aqui, o que necessita ser curado virá brevemente à superfície e deixará as profundidades ocultas, onde a luz não poderia atingir e onde a cura não poderia chegar. Aquilo que emerge para a cura necessita apenas de um gesto de amor de teu coração, um relance fugaz de compaixão, o mais breve momento de reflexão, antes que se dissipe e mostre um novo reflexo.

19.22 Na realidade, esse retroceder está mais próximo de uma reflexão do que de uma revisão, ainda que, se o considerasses uma re-visão de teu próprio ser, estarias bastante correto. Isso se assemelha ao juízo final, tal como foi descrito: uma distinção entre o real e o irreal, entre

a verdade e a ilusão. Apesar da similaridade entre o que isso produzirá e a descrição do juízo final, o julgamento não é o meio nem o fim desse acerto de contas.

19.23 Mudar a tua percepção é o propósito mais elevado de que és capaz atualmente. Embora nossa meta final seja ir além da percepção até o conhecimento, um primeiro passo nessa direção é mudar teu meio de percepção para o meio da mente certa. Tua disposição para aceitar-me como teu professor te ajudará a aceitar minha visão como tua e, assim, estar na mente certa. A maneira como tens percebido a ti e a teu mundo até agora não tem sido a maneira da mente certa, e comesças a reconhecer isso. Portanto, agora é apropriado que reconheças que tua mente e tua percepção podem ser mudadas. Isso é necessário antes que possas olhar para trás de uma nova maneira, em vez de simplesmente repassar o mesmo que repassaste um milhão de vezes, encontrando motivos para recriminação, acusação e culpa. Olhar para trás em julgamento não é o que é necessário aqui. Apenas o oposto disso fará avançar nosso propósito de unir mente e coração.

19.24 O Espírito Santo existe em tua mente certa, e é a ponte que permite trocar percepção por conhecimento. Conhecimento é luz, a única luz em que podes verdadeiramente ver. Não desejarás verdadeiramente unir tua mente a teu coração, em plenitude de coração, até que vejas com clareza. Um dos propósitos das distinções que fizeste entre mente e coração é que permitem manter uma parte de ti isenta de culpa. O que quer que aconteça, tua noção dividida de ti mesmo te permite tanto proteger como ocultar. O erro sempre está em outro lugar. A parte de ti que está isenta de culpa é sempre livre para redimir o ser cheio de culpa. Essa ideia de autorredenção tem sido, há muito tempo responsabilizada por fazer com que a união, mesmo com o teu próprio Ser, não seja desejada por ti. O conceito de que, em unicidade, não há necessidade de acusação ou culpa, ou mesmo de redenção, é inconcebível para a mente separada, mas não para o coração.

CAPÍTULO 20

Plenitude de coração - O abraço

20.1 Teu anseio agora atingiu um ponto febril, um ardor em teu coração, muito diferente daquilo que sentias antes. Talvez até tenhas a sensação de que teu coração se expande, estendendo-se em direção ao céu, quase até explodir em seu desejo por união, um desejo que não compreendes, mas certamente sentes.

20.2 Este é um chamado para que te entregues agora ao meu abraço e te deixes ser confortado. Deixa tuas lágrimas caírem e o peso de teus ombros descansar sobre os meus. Deixa-me embalar tua cabeça sobre o meu peito, enquanto acaricio teu cabelo e asseguro-te que tudo vai ficar bem. Reconhece que isso é o mundo inteiro, o universo, o todo do todo, em cujo abraço tu literalmente existes. Sente a gentileza e o amor. Bebe na segurança e no descanso. Fecha teus olhos e começa a ver com uma imaginação que está além do pensamento e das palavras.

20.3 Tu já não és o objeto que vê os sujeitos do reino. Tu és o coração do reino. A beleza do reino revelada. O filho amado, que suga o seio da rainha mãe terra, um filho de uma mãe, sem nome e inominável. Nenhum “eu” reside aqui. Renunciaste à visão de teus olhos e ao “eu” de teu ego. Livre das limitações, já não és algo belo, mas a própria beleza.

20.4 A “coisitude” acabou e tua identidade já não reside na forma, mas flui da própria vida. Tua beleza é a reunião dos átomos, a ordem no caos, o silêncio na solitude, a graça do cosmos. Nosso coração é a luz do mundo.

20.5 Somos um só coração.

20.6 Somos uma só mente. Uma só força criativa reunindo os átomos, estabelecendo a ordem, abençoando o silêncio, agraciando o cosmos, manifestando a luz do coração. Aqui vivemos como um só corpo, vivenciando a comunhão, o deleite da alma, em vez da alteridade. É um mundo sem emendas, uma tapeçaria em que cada fio é vibrante e forte. Um cântico em que cada tom é puro e indivisível.

- 20.7 Voltamos ao abraço. E agora teus braços acolhem a mim também, pois um abraço, ainda que comece com um que busca o outro, completa-se em reciprocidade, em contato compartilhado, a fusão de um no outro. O abraço faz dois serem um.
- 20.8 E agora começamos a ver com os olhos do nosso coração. Já não olhamos para *fora*, mas sim para *dentro*. Todas as paisagens e horizontes formam-se dentro do abraço. Toda a beleza reside aí. Toda luz é fundida e infundida dentro do abraço. Dentro do abraço, nossa visão clareia e o que vemos é conhecido, mais que compreendido.
- 20.9 Aqui, o descanso vem à fadiga e a afasta gentilmente. O tempo acabou, e não há nada que devas fazer. O ser substitui a identidade e dizes: *eu sou, eu sou*, e não há nada fora de mim. Nada fora do abraço.
- 20.10 A partir daqui, tua vida se torna imaginal, um sonho que não exige que deixes teu lar, teu lugar de segurança e descanso. Tu és gentilmente embalado enquanto teu espírito se eleva, finalmente sonhando sonhos felizes. À medida que o amor te envolve em braços que te aninham, sentes o batimento do coração do mundo bem abaixo de tua cabeça repousada. Ressoa em teus ouvidos e se move através de ti, até que não haja mais distinção. Somos o batimento do coração do mundo.
- 20.11 Isso é criação. Isso é Deus. Isso é nosso lar.
- 20.12 Existimos no abraço do amor como as camadas de luz que formam o arco-íris, indivisíveis e curvadas internamente, uma sobre a outra. O amor cresce de dentro, assim como uma criança cresce dentro do útero de sua mãe. Para dentro, para dentro, para o abraço, a fonte de todo princípio, o cerne e a totalidade de toda vida. O todo existe sem ser perturbado pelo que será. Ele é.
- 20.13 O tempo das parábolas chegou ao fim. Um novo tempo sem tempo algum está à espera. Nada é semelhante a coisa alguma. A semelhança, assim como a coisitude, foi suplantada pela unicidade. A unicidade prevalece. O reino de Cristo está ao alcance.
- 20.14 Eu estou vivo, e tu acreditas nisso, ou não estarias aqui. No entanto, tu não pensas em mim, nem me imaginas como alguém que vive. Cristo reina no reino em que vivo, assim como Cristo reinava dentro de mim na terra. Na gruta desta terra, onde meu corpo morto foi colocado, o Cristo em mim me devolveu ao abraço. Já não soava o batimento singular do coração do homem Jesus. O batimento do meu coração era o batimento do coração do mundo.

- 20.15 Imagina um corpo em uma gruta, uma gruta na terra, a terra no planeta, o planeta no universo. Cada um sendo o berço do outro. Nenhum é passivo. Nenhum está morto. Todos compartilham o batimento do coração do mundo e descansam um dentro do outro, dentro do abraço do outro e do abraço do amor de Deus, da criação de Deus, do batimento do coração de Deus. O batimento do coração de Deus é a Fonte do mundo, a Alma do mundo, o Som do mundo em harmonia, a existência sem início e sem fim. Um só abraço. O todo em tudo. Nenhum menor e nenhum maior, pois tudo é tudo. Um é um.
- 20.16 Já não há razão para alienação nem para o sentimento de abandono que muitos de vós sentíeis. Estás agora dentro do abraço, onde todas essas feridas são curadas.
- 20.17 O mundo não existe à parte de ti e, por isso, deves reconhecer tua conexão compassiva. O mundo não é um conjunto de edifícios de cimento e ruas pavimentadas, nem de pessoas frias e sem coração, dispostas tanto a fazer-te mal como a fazer-te bem. É simplesmente o lugar em que interages com tudo o que vive dentro de ti, compartilhando o mesmo batimento do coração. O batimento do coração do mundo não existe à parte de Deus. Portanto, o batimento do coração do mundo está vivo e é parte de ti. Essa conexão com o coração é a conexão que pretendemos devolver-te. Esse reconhecimento de que o mundo não é uma *coisa*, assim como tu tampouco és uma *coisa*. Tua identidade é compartilhada e una em Cristo. Uma identidade compartilhada é uma qualidade da unicidade. Uma identidade compartilhada é uma identidade única. Quando te identificas com Cristo, te identificas com a identidade única. Quando reconheceres a unicidade de tua identidade, serás um com Cristo. Cristo é sinônimo de unicidade.
- 20.18 Quem poderia ser deixado fora do abraço? E quem, dentro do abraço, poderia estar separado e sozinho?
- 20.19 Acaso nunca te sentiste como se quisesses envolver o mundo com teus braços e trazer-lhe consolo se pudesses? Isso podes fazer. Não com braços físicos, mas com os braços do amor. Nunca choraste pelo estado do mundo, como o farias por uma pequena criança que necessita de amor? Nesse momento, não teria o mundo perdido sua qualidade de coisa? E não perdeu também seu caráter pessoal? Acaso não derramas lágrimas por aquilo que vive, respira e existe junto

contigo? E o “tu” que derrama essas lágrimas é um ser pessoal? Uma coisa? Uma massa de carne e osso? Ou será que tu, assim como o mundo pelo qual chorarias, és desprovido de coisitude e de um ser pessoal. E quando pulaste de alegria diante da beleza do mundo, acaso o mundo não pulou contigo, devolvendo graça por graça?

20.20 Seria possível ter um conceito de totalidade, de *tudo*, e que isso não exista? E como poderia existir à parte de ti? A unicidade com Cristo, querido irmão e querida irmã, não é nada mais do que esse conceito realizado. E também nada menos.

20.21 Essa lição é apenas tão complicada quanto o mais complexo entre vós necessita que seja. Mas, para alguns, pode ser simples, tão simples quanto reconhecer a unicidade do abraço. Dentro do abraço, podes abandonar todos os pensamentos. Dentro do abraço, podes até mesmo deixar de pensar em coisas santas, em homens e mulheres santos, e até em seres divinos, até mesmo no Deus único. O abraço não é santo? Não o são o nascer e o pôr do sol? Não é a menor das aves do céu tão santa quanto a poderosa águia? A folha de grama, o grão de areia, o vento e o ar, o oceano e sua espuma, todos eles vivem pelo batimento do coração universal e existem dentro do abraço. Não é santo tudo que podes imaginar, quando imaginas com amor? Não é ainda mais santo tudo o que não podes imaginar?

20.22 A santidade é tudo que existe dentro do abraço. Como poderias ser menos que sagrado? Tu existes na santidade.

20.23 O primeiro passo para lembrar dessa santidade é esquecer. Permite esquecer-te de que não te sentes santo e de que o mundo não parece ser sagrado. Permite que teu coração se lembre de que tu és santo e de que o mundo é sagrado. Mil coisas podem tirar-te dessa lembrança. Esquecer as “coisas” pode deixar-te livre para lembrar.

20.24 Esquece-te de ti mesmo e recuperarás a memória. Além de teu ser pessoal e da identidade que atribuíste ao teu ser pessoal, está teu ser. Essa é a face de Cristo, onde todos os seres residem. Essa é tua verdadeira identidade.

20.25 A gratidão é a natureza de teu ser. Não poderia ser de outra maneira, se reverência e magnificência te envolvem no abraço. Teu coração entoia um cântico de gratidão por tudo o que és. Tu és a beleza do mundo e a paz habita em ti.

20.26 A paz é o fundamento de teu ser. Não uma paz que implica em

ausência, senão uma paz que implica em completude. A totalidade é pacífica. Somente a separação cria conflito.

20.27 O amor é a fonte de teu ser. Fluis do amor, um fluxo infinito. Tu és, portanto, eterno. És puro e inocente porque fluis do amor. Aquilo que flui do amor é imutável e não tem fronteiras. Tu és ilimitado.

20.28 O poder é a expressão de quem tu és. Porque tu és imutável e infinito, és todo-poderoso. Apenas a falta de expressão leva à impotência. Nenhuma expressão verdadeira é possível até que saibas quem tu és. Saber quem tu és e não expressar quem tu és com todo teu poder é o resultado do medo. Conhecer a segurança e o amor do abraço é não conhecer causa alguma para o medo e, assim, assumir teu verdadeiro poder. O verdadeiro poder é o poder dos milagres.

20.29 Milagres são expressões de amor. Poderias considerá-los atos de cooperação. A santidade não pode ser contida, e está fora de teu poder estabelecer limites para ela. Sentir a santidade do abraço é liberar seu poder. Embora expressão e ação não sejam o mesmo, é essencial compreender o relacionamento que existe entre elas.

20.30 As expressões de amor são tão inumeráveis quanto as estrelas no universo, tão abundantes quanto a beleza, tão multifacetadas quanto as pedras preciosas da terra. Digo mais uma vez que igualdade não significa mediocridade nem uniformidade. Tu és uma expressão única do mesmo amor que existe em toda a criação. Portanto, tua expressão de amor é tão única quanto teu Ser. É através da cooperação entre expressões únicas de amor que a criação continua e os milagres se tornam acontecimentos naturais.

20.31 Essa cooperação é natural quando o medo é rejeitado. Há muito tempo que abraças o medo e rejeitas o amor. Agora ocorre o inverso. Essa inversão da verdade mudou a natureza de teu universo e as leis segundo as quais ele opera. As leis do medo eram leis de luta, limite, perigo e competitividade. As leis do amor são leis de paz, abundância, segurança e cooperação. Tuas ações e os resultados de tuas ações em um universo de amor serão naturalmente diferentes de tuas ações e dos resultados de tuas ações em um universo de medo. Estabeleceste as leis do universo quando escolheste o medo. As leis do universo de amor são dadas por Deus.

20.32 Aceitar teu verdadeiro poder é aceitar tua autoridade concedida por Deus por meio de teu livre-arbítrio. Quando supliquei a meu Pai,

dizendo: “*Eles não sabem o que fazem*”, expressava a natureza de meus irmãos e irmãs causada pelo medo. Aceitar teu poder e tua autoridade concedida por Deus é saber o que fazes. Deixa que o medo seja eliminado dessa área de teu pensamento, para que possas ver a aplicação da ação cooperativa. Enquanto tiveres medo de tua própria capacidade de saber o que fazes, não poderás ser plenamente cooperativo.

20.33 O resto do universo, ao existir em um estado de livre-arbítrio compassivo e livre de medo, sabe o que faz. Não existem forças opostas que não estejam de acordo acerca de sua força oposta. Não há átomos em batalha. Não há moléculas que competem por dominância. O universo é uma dança de colaboração. Apenas te é pedido que voltes a te unir à dança.

20.34 O abraço te devolveu à sintonia com o batimento do coração, com a música da dança. Não tens sabido o que fazes nem o que fazer, apenas em razão do medo, apenas por não estares em harmonia com o batimento do coração único. O mundo, o universo, é teu parceiro, e somente agora ouves a música que traz a graça para todos os teus movimentos, todas as tuas ações, todas as tuas expressões de amor. Embora isso possa parecer linguagem metafórica, não é. Escuta e ouvirás. Ouve, e não poderás deixar de regozijar-te na dança.

20.35 Até agora, não tens sido capaz nem sequer de imaginar como seria saber o que fazes. Esperas ter momentos de clareza acerca daquilo que estás fazendo em um determinado momento, do que fizeste ou do que esperas fazer no futuro. Mas mesmo esses momentos de clareza são fragmentados. Raramente têm qualquer relação com o todo. Saber o que fazes é o resultado de existir dentro do abraço. Sabes que fazes a vontade de Deus, porque és um com essa vontade.

20.36 A amargura e a incerteza são substituídas pela esperança. A esperança é a condição do iniciante, para quem é novo no reconhecimento de que tem um lar dentro do abraço. É a resposta que diz a tudo o que acabas de ler: “Ah, se fosse verdade. Se apenas pudesse ser verdade.” Observa a mudança total entre esse “se apenas” e os “se apenas” do medo de que falamos anteriormente. Se depositas nesses “se apenas” metade da fé que depositavas nos “se apenas” do medo, toda a certeza de que falei será tua.

20.37 Saber o que fazes constitui um saber do momento presente. Não se trata de planos. Trata-se de saber, a cada momento, exatamente quem

tu és, e atuar a partir dessa identidade amorosa; e trata-se de saber que, ao fazê-lo, estás em harmonia e contas com a plena cooperação de todo o universo.

20.38 Esperança é uma maneira de atuar como se o melhor resultado possível que podes imaginar pudesse realmente acontecer. Esperança é uma disposição para aceitar o amor, assim como a graça e a cooperação que fluem do amor. Esperança é uma disposição para pedir ajuda, acreditando que esta chegará. A esperança é a razão e o resultado pelo qual oramos. A esperança reconhece a bondade do universo e não vê utilidade nas coisas. Tanto o inanimado como o animado são invocados e confiados para servir. Todo o uso é substituído pelo serviço, e a apreciação substitui a insensibilidade com que antes o uso ocorria.

20.39 Todo serviço é colaborativo e depende de uma crença em mutualidade. Todo o medo de que o que é bom para um poderia não ser bom para o todo é substituído por uma compreensão de que cada um é digno de seus desejos. A *noção de “cada um”* substitui a *noção de “coisa”*, mas não substitui a unicidade. Todo o medo de que aquilo que um recebe significa que há menos para outro é substituído pela compreensão da abundância. Receber substitui todas as noções de tomar ou obter. Tudo que é recebido é para o benefício mútuo de todos e não tira nada de ninguém. Não há limite para o amor e, portanto, não há limite para nada que flua do amor. O que beneficia a um beneficia a todos.

20.40 Receber é um ato de mutualidade. Deriva de uma lei básica do universo, expressa no ditado de que o sol brilha e a chuva cai sobre bons e maus igualmente. Todos os dons de Deus são concedidos e distribuídos igualmente. Tua crença de que isso não é assim é a causa do julgamento. Todos aqueles que acreditam ter “mais”, caem na armadilha da superioridade moral. Todos aqueles que acreditam ter “menos”, caem vítimas da inveja. Ambos “caem” da graça e limitam sua capacidade de receber. Nenhum dom é recebido, quando todos os dons são julgados. Embora o dom ainda seja dado, o julgamento muda a natureza desse dom, ao limitar sua capacidade de servir. Um dom que alguém sente que não pode “usar” é descartado. Assim, muitos de teus tesouros permaneceram estéreis.

20.41 Aquilo que foi dado a cada um de vós é aquilo que servirá a vosso propósito. Não poderias ter dons mais perfeitos, pois teus dons são

expressões do amor perfeito de teu Pai por ti. Olha bem para dentro e sente o contentamento de teu coração. Tua construção não foi um erro. Tu não és defeituoso. Tu não és necessitado. Não serias diferente do que és, exceto quando te entregas a fazer julgamentos. Olha profundamente, e verás que o que considerarias tuas imperfeições é igualmente escolhido e te é tão caro quanto todo o resto.

20.42 Não desejarias ser diferente de quem tu és. Podes saber que isso é verdade, ou podes viver em fantasias, desejando aquilo que outro tem, ou algum sucesso, fama, ou riquezas que parecem ser impossíveis de alcançares. E, no entanto, quer saibas ou não, isto é verdade: tu não desejarias ser diferente de quem tu és. Aqui repousam tua paz e tua perfeição. Se não desejarias ser diferente de quem tu és, então deves ser perfeito. Essa é uma conclusão ao mesmo tempo lógica para a mente e plausível para o coração, e aceitá-la é um passo em direção à plenitude de coração.

20.43 Acreditar em tua perfeição e na igualdade de teus dons traz paz, pois te libera de tentar adquirir aquilo que anteriormente acreditavas que te faltava. Isso te libera do julgamento, pois sabes que teus irmãos e irmãs também são seres perfeitos. Quando começares a vê-los assim, o que receberás deles será muito maior do que qualquer coisa que antes terias desejado tirar deles.

20.44 Teu pensamento começará a mudar para refletir teu reconhecimento da recepção. A recepção e o acolhimento estão altamente conectados. Descobrirás que todos os dons que reconheces em teus irmãos e irmãs estão à tua disposição, da mesma maneira que oferecerás livremente teus dons para servi-los. Servir, em vez de usar, é uma enorme mudança no modo de pensar, sentir e agir. O mundo se tornará, imediatamente, um lugar mais amável e mais gentil. E esse é apenas um começo.

20.45 Não obstante, servir é diferente de tuas ideias de serviço. Tuas ideias de serviço estão ligadas às tuas ideias de caridade. Tua ideia de caridade se baseia na condição em que uns têm mais e outros menos. Por isso, deves manter-te consciente dessa distinção entre os conceitos de servir e serviço. Será útil que mantendas em mente que a ideia de *servir* está sendo utilizada para substituir a ideia de *usar*, e que é o seu oposto. Substitui o pensamento de *tomar* pelo pensamento de *receber*. Implica que todos os dons do universo estão à tua disposi-

ção, e que, através de ti, podem ser dados também aos outros. Implica disposição, em vez de resistência. Substituir teus pensamentos e teus sentimentos de esperar resistência pelos de esperar disposição é outra mudança-chave que conduzirá à plenitude de coração. Substituir tuas ações de resistência e uso por aquelas de disposição a servir e a ser servido, auxiliará não apenas a ti e à tua serenidade, mas também trará serenidade ao mundo.

20.46 Antes que comeces a resistir à ideia de que podes ter algo a ver com a paz do mundo, reconhece que tu naturalmente reagiste com resistência. Deves substituir tua disposição a acreditar em tua insuficiência e tua pequenez pela tua disposição a acreditar em tua capacidade e grandeza. Não lumbres das preocupações de teu ego, mas do calor do abraço. Não lumbres da tua identidade pessoal, mas da tua identidade compartilhada.

20.47 Tuas preocupações pessoais são preocupações que foste ensinado a acreditar que tens. São pequenas preocupações, e estão entre as razões para a tua crença na tua incapacidade de efetuar mudanças em tua própria vida e, certamente, na vida maior do universo. Deves compreender que, quando pensas em tua vida pessoal, em tuas preocupações pessoais, em teus relacionamentos pessoais, estás separando a ti mesmo do todo. Essas preocupações são uma questão de percepção, e são coisas que tua mente foi treinada para ver, como se estivessem dentro de seu alcance. É como se tivesses isolado uma pequena seção da vida e dito: “Estas são as coisas que se relacionam à minha existência e a mim, e são tudo aquilo com que preciso me preocupar”. Mesmo quando pensas em expandir tua visão, consideras essa expansão irrealista. Não podes fazer tudo. Não podes produzir a paz mundial. Mal consegues manter tuas preocupações pessoais em ordem. Teu esforço para fazê-lo é tudo que está entre ti e o caos.

20.48 Teu coração tem um alcance diferente, uma perspectiva diferente. É a perspectiva que se tem de dentro do abraço, do ponto de vista do amor. É a visão dos moribundos, que reconhecem que nada mais importa além do amor. Reconhecer isso não deriva de sentimentos, de pesares, nem de desejos ilusórios. É a perspectiva que se obtém a partir do abraço, o retorno ao batimento do coração único, o retorno ao que é conhecido. Poderias chamar esse conhecimento de sabedoria, e considerá-lo um ideal de pensamento alcançável. No entanto, não diz

respeito ao pensamento em absoluto, pois está além do pensamento. Não é sabedoria, mas sim a verdade. A verdade é aquilo que existe. O falso é ilusão. O amor é tudo que importa, pois o amor é tudo que existe.

CAPÍTULO 21

O Amor é

21.1 O Amor é.

21.2 O amor é eterno e tu ainda não chegaste a compreender seu significado nem o significado da eternidade. Isso se deve a que, como um ser particular, estás sujeito ao tempo. Podes reconhecer o eterno, mesmo em tua forma temporária, caso sejas capaz de renunciar à tua particularidade. A particularidade tem a ver com massa, substância e forma. Teu Ser está muito além de tua imaginada dependência no particular. O particular diz respeito a partes, e partes é tudo o que vês. Eu te recordo do que foi dito antes sobre os relacionamentos existirem além das particularidades. Repito que o relacionamento existe *entre* uma coisa e outra, e que é na interseção entre as partes que a santidade daquilo que está entre elas é encontrada. Nos aprofundaremos nisso mais adiante, mas por ora te devolvo, por meio do abraço, ao relacionamento santo, mas em uma forma ampla.

21.3 O relacionamento santo em sua forma ampla é eternidade, a eternidade do abraço. Se o abraço é a fonte de tudo, o batimento do coração único, então é a própria eternidade. É a face do amor, sua textura, sabor e sensação. É amor conceitualizado. É um conceito abstrato mais que particular, mesmo que tenha uma estrutura aparente que teu coração pode sentir. Conceitos que não podem ser sentidos com teu coração não têm uso para ti agora, pois têm o propósito de sua utilidade e não de seu serviço. Conceitos que tocam teu coração te servem por meio desse toque. Eles também começam a te ajudar a desprender-te da necessidade de comparar, pois não há necessidade de comparar aquilo que teu coração pode sentir. Quando teu coração consegue sentir, não necessitas que nenhum julgamento te diga a diferença entre uma coisa e outra. Podes, então, começar a deixar de contar com os olhos de teu corpo para distinguir o verdadeiro do falso, o real do irreal.

21.4 O amor te chama através do coração. Deus te chama através de

teu coração. Teu coração não esteve aberto aos chamados do amor, em parte por causa do teu uso dos conceitos. Os conceitos têm sido utilizados para ordenar teu mundo e para ajudar tua mente a levar em consideração tudo o que há nela. Tua mente não necessita dessa ajuda. Começar a conceitualizar de maneiras que toquem teu coração libertará tua mente de sua dependência em conceitos pensados, permitindo, assim, que coração e mente *falem a mesma linguagem ou se comuniquem de uma mesma maneira*.

21.5 Tem havido uma divisão entre a linguagem de tua mente e de teu coração. Tua mente insiste em pensar e aprender de certa maneira, uma maneira contrária à linguagem de teu coração e, por isso, assim como acontece com duas pessoas de países diferentes que falam idiomas diferentes, tem havido pouca comunicação e muito mal-entendido. Ocasionalmente, os problemas associados à falta de uma linguagem em comum são colocados de lado, quando as ações necessárias em uma determinada circunstância demandam colaboração. Vês isso em momentos de emergência ou em crises de todo tipo. E, como no caso das duas pessoas de países diferentes que não se entendem, trabalhar juntas diminui momentaneamente as barreiras da linguagem, e uma solidariedade temporária se forma por meio da ação comum. Nessas ocasiões, dois estranhos que não se conhecem podem reconhecer que “o coração do outro está no lugar certo”. O “lugar certo” no caso das duas pessoas, assim como no caso da mente e do coração, é o lugar onde não há divisão. Atualmente, a unificação de mente e coração que produz ação correta, ocorre principalmente em situações de crise, devido à falta de uma linguagem compartilhada. A formação de uma linguagem compartilhada pode, assim, ser vista como uma ajuda para a unificação.

21.6 O abraço agora pode ser comparado ao ponto de partida de uma linguagem compartilhada, uma linguagem compartilhada por mente e coração, assim como por todas as pessoas. É uma linguagem de imagens e conceitos que tocam o coração único e servem à mente única.

21.7 O conflito entre mente e coração ocorre também por uma outra razão, ainda que esse conflito tenha em suas raízes o problema da linguagem, como determinado pela percepção. Trata-se de um problema de significado. Mente e coração interpretam o significado de maneiras diferentes. Não tens a menor ideia da enormidade desse

conflito, nem do que ele significa para ti, mas te asseguro de que, enquanto mente e coração interpretarem o significado de maneiras diferentes, não encontrarás paz. No passado, aceitaste essas diferentes interpretações como naturais. Vês que existem duas maneiras de olhar para uma situação, mesmo que não rotules uma das maneiras de olhar ou de perceber como sendo a da mente, e a outra como sendo a do coração. E tu *aceitas* essa situação que induz ao conflito. Aceitas que tua mente veja uma verdade e teu coração outra e, ainda assim, atuas! Atuas sem acordo ou resolução. Atuas sem unidade. E, exatamente como se fosses duas pessoas atuando com base em verdades diferentes em uma mesma situação, é inevitável que o conflito continue. Não importa o caminho que segues – o caminho da mente ou o caminho do coração – não chegarás onde queres ir até que eles se unam. Poderias imaginar três caminhos: um caminho que representa a mente, um caminho que representa o coração, e um caminho que representa a plenitude de coração. Isoladamente, nem o caminho da mente nem o do coração te levará aonde te levará o caminho da unidade, e a jornada não será a mesma.

21.8 A maior causa do conflito que surge entre mente e coração é a percepção de diferenças internas e externas no significado. Em casos extremos, isso é considerado um conflito moral, um exemplo sendo aquele em que o indivíduo sabe a coisa “certa” a fazer, mas, em vez disso, atua de acordo com o que é aceito em sua comunidade. Em um caso assim, os significados externo e interno da mesma situação são considerados diferentes. Isso é bastante fácil de se ver em circunstâncias extremas, mas é uma situação que existe, constantemente e em cada instância, até que a unidade seja alcançada. Enquanto a unidade não for alcançada, não compreendes que atribuis significado a tudo, e que não há nada nem ninguém fora de ti que possa determinar o significado por ti.

21.9 A última coisa que deves compreender é que o significado não muda. Embora apenas tu possas determinar o significado, e embora apenas uma abordagem com plenitude de coração determinará o significado verdadeiro, a verdade é a verdade, e não muda. No entanto, só a unidade te permite ver a verdade e reivindicá-la como tua descoberta e tua verdade, assim como a verdade universal. Ver a verdade te devolve à unidade e à verdadeira comunicação ou comunhão com teus

irmãos e irmãs em Cristo. *Teus irmãos e irmãs em Cristo* é uma expressão que sempre teve o propósito de simbolizar a unidade daqueles que conhecem a verdade única.

- 21.10 Conhecer a verdade única não diz respeito a conhecer um determinado dogma ou um conjunto de fatos. Aqueles que conhecem a verdade não veem a si mesmos como certos e aos outros como errados. Aqueles que conhecem a verdade, a encontram para si, ao unir mente e coração. Aqueles que conhecem a verdade se tornam seres de amor e de luz, e veem a mesma verdade amorosa em tudo e em todos.

CAPÍTULO 22

A interseção

- 22.1 Falaremos muito mais sobre imaginar agora, e é possível que, a princípio, resistas a essa instrução. Imaginar é muito frequentemente associado ao devaneio, à ficção, ou ao faz de conta, e todas essas funções estão implícitas a certas partes de tua vida e em certos momentos que consideras apropriado. Por favor, assegura a ti mesmo, assim como te asseguro, que este é um momento apropriado, um momento essencial para tal atividade. Aquilo que pensas sobre imaginar e a imaginação mudará com a tua mudança de perspectiva a respeito do uso. Já não estarás usando tua imaginação, e sim permitindo que tua imaginação esteja a teu serviço.
- 22.2 Deixaremos que as imagens sirvam como instrumentos de aprendizado. Elas potencializarão nosso uso da linguagem, fazendo com que se torne uma só linguagem, tanto para a cabeça quanto para o coração. Começaremos falando sobre o conceito de *interseção*, e o concebemos como uma *via* de passagem que estabelece uma parceria ou um relacionamento. Embora tenhamos dito anteriormente que o relacionamento não é uma coisa nem outra, mas uma terceira coisa, ainda não falamos sobre como esse relacionamento se manifesta na forma. Faremos isso agora.
- 22.3 Uma imagem principal dessa ideia é fornecida pelo eixo. Uma linha atravessa um círculo e o círculo gira em torno dessa linha, ou eixo. Imagina um globo girando em torno de seu eixo. Sabes que o globo representa a Terra. Algo que visualizas com menos frequência, é o relacionamento entre o globo e o eixo, embora reconheças que o eixo permite que o globo gire.
- 22.4 Uma segunda imagem, igualmente valiosa, é a imagem de uma agulha que atravessa um tecido. Por si só, a agulha pode manter dois pedaços de tecido juntos. Ao acrescentar uma linha, que atravessa o buraco da agulha, pode ligar muitas partes em muitas configurações

diferentes.

- 22.5 Uma agulha também pode atravessar algo como uma cebola, perfurando muitas camadas. Embora tal perfuração não tenha nenhum valor intrínseco em termos de propósito, ela fornece uma imagem de uma linha reta que atravessa não apenas uma, mas várias camadas de outra substância.
- 22.6 A interseção é frequentemente considerada uma divisão entre dois em vez de um relacionamento entre muitos. Entretanto, as ilustrações usadas aqui concentram-se mais em um atravessamento do que em uma ideia de divisão, e ajudam a mostrar que mesmo aquilo que é dividido pela interseção permanece inteiro.
- 22.7 A imagem da interseção simplesmente visa representar o ponto de interseção do mundo contigo, o ponto onde teu caminho se cruza com o de outros, onde encontras situações em tua vida diária, em que experimentas essas coisas que te fazem sentir ou acreditar de certa maneira, e é nesse ponto de interseção que, não apenas o relacionamento, mas também a parceria é encontrada. A parceria do eixo com o globo, assim como a parceria da agulha e linha com o tecido, é facilmente vista. Nesses dois exemplos, a parceria cria algo que não existia antes, ao prover uma função e um propósito para cada elemento. No caso da agulha e da cebola, a parceria é menos evidente, porque a função e o propósito não são evidentes. Por isso, a parceria se equipara mais a uma interseção produtiva, do que apenas à interseção em si.
- 22.8 O significado é interpretado de maneira similar. As interseções que criam função e propósito são consideradas cheias de significado. As interseções que parecem não ter função nem propósito são consideradas sem significado. O ato de atravessar, em si, é visto como se fosse de menor importância.
- 22.9 Entretanto, é o atravessar que cria a interseção. Tudo que há dentro de teu mundo e de teu dia deve passar por ti para ganhar realidade. Mesmo que possas pensar nisso como tudo que há fora de ti, por favor, ao pensar nisso, usa as palavras que te dei: *tudo que há dentro de teu mundo*. No ato de atravessar, atribuis significado a tudo que há dentro de teu mundo. O significado que atribuis se torna a realidade do objeto ao qual atribuíste significado. Acreditas que tua função é dar significado àquilo que faz interseção contigo de uma maneira que consideras relevante. No entanto, é no atravessar que o significado ocorre por si

só.

22.10 Além disso, a parte de ti através da qual tudo que há dentro de teu mundo passa e a tua consciência a esse respeito, determinam o significado que o atribuis. Tu te pareces muito mais com as camadas da cebola do que com o globo, já que tudo que há dentro de teu mundo necessita atravessar camadas, com uma aparente falta de propósito para o atravessamento.

22.11 Poderias, por um momento, pensar que o eixo é um funil através do qual a eternidade é derramada e que um coração pleno é o que permite a passagem livre de tudo que é provido.

22.12 Em contraste, abordar a interseção com enfoque nas camadas faz com que te sintas como se forças externas estivessem te bombardeando. Essas forças devem passar por um ou outro de teus cinco sentidos – que poderias considerar coletivamente como camadas –, e não lhes é permitido nenhum outro acesso. Essas forças devem, então, ser direcionadas. Frequentemente, muito esforço é empregado para impedir que essas forças perfurem teu coração, o centro de ti mesmo. Tu, em vez disso, as desvias, usando tua mente, que poderia ser considerada outra camada, para enviá-las para vários compartimentos ou, continuando com o tema da cebola, para uma das várias camadas de ti mesmo. Essas camadas protegem teu coração e uma grande porcentagem delas está ligada à negação, com a criação de espaços onde as coisas entram e simplesmente se instalam. Essas “coisas” não são realmente coisas, mas sim tudo aquilo para o qual não encontraste significado. Uma vez que se considere que tua função é atribuir significado em vez de receber significado, aquilo que consideras sem significado se instala, e aquilo que consideras além do significado também se instala. Poderias imaginar a ti mesmo como o criador de um dicionário inacabado, e imaginar tudo o que está instalado como sendo aquilo a que decidiste que atribuirás significado em algum momento posterior.

22.13 A categoria “sem significado” poderia incluir coisas tais como os acontecimentos de tua rotina diária, os encontros casuais, as doenças ou os acidentes, enquanto na categoria “além do significado” está o relacionamento que partiu teu coração, a dor, a pobreza, a guerra, os eventos que pareceram mudar teu destino, a busca por Deus. Ao usar a palavra *instalar*, quero dar a entender que essas coisas não passaram por ti e, mediante ao ato de atravessar-te, formaram um relaciona-

mento e uma parceria contigo.

- 22.14 Embora o atravessar pareça implicar um ponto de entrada e saída, o relacionamento desenvolvido durante o atravessar continua. Assim como o vento ou a água, que atravessa um ponto de entrada e saída, tem um impacto e um movimento, aquilo que passa através de ti também provê o movimento de tua jornada. Aquilo que passa através de ti é transformado pelo relacionamento contigo, da mesma maneira como tu certamente és transformado pelo relacionamento com ele.
- 22.15 Quando renuncias ao cargo automeado de “doador-de-significado”, deixas que as coisas sejam o que são e, por lhes ser permitido serem o que são, seu significado é naturalmente revelado. Isso requer um enfoque de atravessamento e uma renúncia da ideia de deter as coisas para que possam ser examinadas sob um microscópio, bem à parte de seu relacionamento contigo ou com qualquer outra coisa.
- 22.16 Imagina a ti mesmo detido dessa maneira e sendo examinado à parte de qualquer outra coisa dentro de teu mundo. Seria mais sábio para qualquer um que quisesse aprender algo sobre ti, observar-te dentro de teu mundo. Ainda serias a mesma pessoa em um laboratório? Continuas sendo quem tu és quando outro te leva para dentro de sua mente e atribui um significado a ti?
- 22.17 Fizeste de ti mesmo um laboratório, aonde trazes tudo para que seja examinado, categorizado, testado e arquivado. Esse é o cenário que te separa de todo o resto em teu mundo. Tudo tem significado apenas de acordo com o que significa para ti, e não pelo que é.
- 22.18 Evidentemente, fala-se aqui de dois tipos de significado. Ao primeiro tipo nos referimos anteriormente como o de encontrar a verdade. É sobre o segundo tipo que falamos aqui: encontrar uma definição, um significado pessoal. Consegues ver a diferença?
- 22.19 O pessoal e o individual é o “eu” que estamos dissolvendo. Pensa por um momento em como contas uma história ou relatas eventos que aconteceram em tua vida. Tu personalizas. É provável que relates o que um conjunto de circunstâncias significou “para ti”. Pensar dessa maneira é pensar com o pequeno “eu”. “Eu vi.” “Eu senti.” “Eu pensei.” “Eu fiz.” O ser separado, individual e pessoal está no centro de todas essas histórias. É literalmente impossível alguém conceber uma história sem o “eu”. Entretanto, deves aprender a fazê-lo, e essa tarefa te é dada como um exercício.

22.20 Começa a imaginar que a vida passa através de ti, em vez de ser detida para ser examinada em sua interseção contigo. Começa a imaginar que vês o mundo sem a ênfase colocada em teu ser pessoal. Começa a formar frases e eventualmente a contar histórias sem usar o pronome “eu”. No início, parecerá que isso despersonaliza o mundo e o torna menos íntimo. Parecerá que estás fugindo de uma responsabilidade primordial de atribuir significado a tudo. Em vez de resistir a isso, esforça-te para deixar de atribuir significado. Começa de maneira muito simples. Passa do amplo para o específico. Por exemplo, quando saís de tua casa pela manhã, de maneira geral, poderias pensar: “*que dia maravilhoso*”. O que essa frase diz é que observaste o teu entorno e imediatamente o julgaste. É um dia maravilhoso “para ti”. O dia tem tudo, ou quase tudo, que consideras agradável em um dia. Substitui um pensamento assim por: “a grama está verde. As aves estão cantando. O sol aquece.” Simplesmente relatando.

22.21 Quando te é perguntado algo como: “Como foi o teu dia?”, responde, sempre que possível, sem usar a palavra “eu” ou “meu”. Deixa de referir-te a pessoas ou coisas em termos de posse, dizendo: “meu chefe”, “meu marido”, “meu carro”.

22.22 Essa eliminação do “eu” pessoal é apenas um primeiro passo para retornar-te à consciência da unidade, um primeiro passo para ir além do significado como definição e chegar ao significado como verdade. Por mais estranho e impessoal que te pareça a princípio, asseguro-te que o sentimento de impessoalidade será rapidamente substituído por uma intimidade com teu entorno que nunca sentiste antes.

22.23 Essa intimidade em si te permitirá ver o teu “ser” como uma parte integral de tudo que existe dentro de teu mundo, em vez de ver-te como o ser pessoal pequeno e insignificante que geralmente aceitas como teu “ser”. Pela eliminação do pessoal, o universal se torna disponível. A medida que o universal se torna disponível, não terás nenhum desejo pelo pessoal. Ainda assim, descobrirás que aquilo que consideras como tua individualidade ou tua singularidade continua intacto, mas que é diferente de como sempre imaginaste que fosse. Descobrirás que cumpres um grande propósito, e que tens um maravilhoso papel a desempenhar em um grande plano. Não te sentirás traído por perder teu ser separado. Tu te sentirás livre.

CAPÍTULO 23

Liberdade do corpo

- 23.1 Conhecimento e amor são inseparáveis. Quando isso é reconhecido, fica óbvio que o amor é a única sabedoria verdadeira, a única compreensão verdadeira, o único conhecimento verdadeiro. O amor é o grande professor. E teus relacionamentos de amor são o meio para aprender amor.
- 23.2 As lições aprendidas do amor muito contribuirão para dissipar teus medos remanescentes acerca da perda de tua individualidade que acreditas que acompanhará a perda do teu ser separado. Pois, assim como cada um de vós descobriu quando amou alguém: quanto mais amas e desejas possuir quem amas, mais reconheces que aquele que amas não pode ser possuído. Embora em um relacionamento de amor busca-se o conhecimento maior e, com um parceiro disposto, isso seja alcançado, o parceiro nesse tipo de relacionamento ainda transcende o conhecimento total. O relacionamento se torna o conhecido. Enquanto é de tua natureza buscar por mais, também é da natureza da vida existir em relacionamento e tornar-se conhecida através do relacionamento. É assim que o conhecimento vem a ser. Conhecer através do relacionamento não é a “segunda melhor opção”. É como a vida é. É como o amor é.
- 23.3 Assim, embora teu parceiro em amor transcenda o conhecimento total, isso também é “como é”. Como deve ser. O amor inviolado. Cada um de vós é amor inviolado. Ainda assim, em relacionamento, talvez sejais capazes de “ler os pensamentos um do outro”, de reconhecer a mais leve alteração de humor, de terminar as frases um do outro. Sabes que o outro daria sua vida por ti, que estaria à altura de qualquer ocasião que necessites, que compartilharia todos os teus medos e alegrias.
- 23.4 Amor sem parceiro também compartilha um conhecimento por meio do relacionamento. A pessoa amada pode estar do outro lado do

país, separada pela distância, por escolhas anteriores ou por feridas do passado, e, no entanto, o relacionamento continua.

23.5 Em todos os relacionamentos de amor, tanto com parceiro como sem parceiro, aquele que chegas a conhecer, o único que não transcende o conhecimento total, é teu Ser.

23.6 O mesmo acontece com o teu relacionamento com Deus. Como em qualquer relacionamento de amor, o desejo de conhecer a Deus pode ser arrebatador. Ainda assim, embora Deus transcenda o conhecimento, teu relacionamento com Deus é como conheces tanto a Deus como a teu Ser.

23.7 Deixa-me recordar-te de um recurso de aprendizado chave sobre o qual falamos algumas páginas atrás: *não desejarias ser diferente de quem tu és*. Não importando quanto ames alguém, esse amor não faz com que queiras *ser* a outra pessoa. Esse amor faz com que queiras ter um *relacionamento* com a outra pessoa. Isso deveria revelar-te algo sobre a natureza do amor.

23.8 Quando te apaixonas obsessivamente, é possível que queiras que a outra pessoa seja *tu*, mas raramente o contrário acontece. Isso é o que fez com que criasses Deus à tua própria imagem e tentasses fazer o mesmo com os outros. Esse é o resultado de ver a ti mesmo como uma imagem, em vez de como um ser que existe em relacionamento. Isso vem do ego, e não do Ser verdadeiro.

23.9 O que anseias é a re-união. No entanto, reunião também é relacionamento, pois união é relacionamento. Imagina uma multidão de pessoas em uma pequena sala. Isso não é relacionamento. Quando te sentires tentado a pensar que um relacionamento está ligado à proximidade física, pensa nesse exemplo. Agora imagina comunidades de fé. Ao redor do mundo, as pessoas estão unidas na crença, e não apenas na crença religiosa. A ideologia, a política e a profissão unem pessoas. Os “partidos” e as “associações” são formados para estimular a ideia de unidade através de crença compartilhada. Eles não são necessários, como demonstra a realidade de que só se formam depois do fato. A crença estimula a forma, com a intenção de que a forma estimule a crença.

23.10 Isso também é verdadeiro em relação ao corpo. Pensa na maneira como a palavra *corpo* é usada e isso ficará claro. O *corpo* político. Um *corpo* de conhecimento. A crença estimulou a forma com a intenção

de que a forma estimulasse a crença. Assim, crença e forma têm um relacionamento simbiótico. A compreensão desse relacionamento *de amor* pode ajudar-te a experimentar a liberdade do corpo, que é uma extensão, na forma, de tua crença no “eu” pessoal.

- 23.11 Crença estimula a união. União não estimula a crença, pois, na unidade, a crença já não é necessária. A crença estimulou a união de átomos e células na forma requerida pela crença no ser separado. Outro tipo de crença pode estimular a criação de um outro tipo de forma.
- 23.12 Se a forma é uma extensão da crença, podes entender por que aquilo em que acreditas é essencial para a maneira como vives com a forma. Estamos falando aqui de maneiras de pensar semelhantes àquelas que chamas de indução e dedução. No passado, os exercícios frequentemente começavam com uma alteração das crenças sobre a forma. Aqui, adotamos uma abordagem oposta: começamos com exercícios para modificar a tua crença na tua identidade e finalizamos com exercícios para modificar tua crença na forma. Isso é consistente com nosso foco principal, que é aprender a partir do coração. A mente vai do pequeno ao grande; o coração, do grande ao pequeno. Apenas os que vivem em plenitude de coração veem a conexão de tudo.
- 23.13 Eu repito: *outro tipo de crença pode estimular a criação de um outro tipo de forma*. Uma crença com plenitude de coração na verdade sobre teu Ser é o que é necessário para fazer com que isso seja assim. É o que é necessário agora. Isso mudará o mundo.
- 23.14 *Outro tipo de crença* é tudo o que os milagres são. Isso é tudo que faz com que sejas um trabalhador de milagres. Que mudes as tuas crenças é o milagre que buscamos, o resultado que buscamos com este Curso.
- 23.15 Evidentemente, tua crença em quem e em que tu és, é a base para toda a tua fundação, uma fundação anteriormente construída sobre o medo. Claramente, a crença no corpo foi facilmente traduzida em uma crença na validade do medo. Quando estiveres livre dessa percepção equivocada, dessa crença incorreta, teu corpo será liberto. Deixará de ser um objeto de uso para tornar-se um meio de serviço.
- 23.16 Libertar tua percepção de tua crença quase imutável na forma permitirá todas as mudanças na forma necessárias ao milagre. A forma não é uma constante, mas um resultado. Embora acredites que a crença seja o resultado da forma, isso não é assim. A forma é o resultado da

crença. Portanto, a crença não apenas é capaz de mudar a forma, mas também é necessária para fazê-lo.

23.17 A história te mostrou que o que acreditas ser possível se torna possível. A ciência provou o vínculo entre o investigador e os resultados da investigação. Ainda assim, ainda achas difícil acreditar que o possível depende daquilo que podes imaginar que é possível. Deves deixar de ver a dificuldade e começar a ver a facilidade com que se torna realidade aquilo que podes imaginar.

23.18 Não tens capacidades que não te sirvam, porque elas foram criadas para servir-te. A habilidade de imaginar é uma capacidade dada livre e igualmente a todos. A imaginação está ligada à verdadeira visão, pois exercita as capacidades combinadas de mente e coração. É semelhante à percepção, e pode guiar o caminho ao mudar a maneira como percebes a ti mesmo e ao mundo à tua volta.

23.19 Além da imaginação está a centelha que te permite conceber aquilo que nunca foi concebido antes. Essa centelha é inspiração, a infusão do espírito. Tomar a criação da forma no sentido inverso leva a essa conclusão: o espírito precede a inspiração, a inspiração precede a imaginação, a imaginação precede a crença e a crença precede a forma.

23.20 O espírito é o teu vínculo mais direto com a Fonte única. O espírito vem diretamente da Fonte, enquanto a forma é um subproduto do espírito. Portanto, a forma está um passo mais afastada, ou distante, da Fonte. Entretanto, trabalhando novamente no sentido inverso, a forma que criaste ainda é um passo necessário no retorno à Fonte. O passo necessário é transcender a forma, reconhecendo-a e aceitando-a pelo que é, e depois trabalhando no sentido inverso para mudar tua crença, permitir que a imaginação te sirva e que o espírito te preencha.

23.21 Tu poderás, então, seguir adiante novamente, levando a forma além de seus parâmetros estabelecidos, e tornando-te um trabalhador de milagres.

23.22 O corpo abrange ou mantém as crenças. É o composto de tuas crenças, a totalidade delas. Continuará a manter crenças antigas, assim como crenças novas, até que as velhas crenças sejam purgadas. A purgação de velhas crenças abre espaço para o novo. Permite que tua forma reflita o que e quem és agora, em termos que coincidem com o “tu” que sempre foste.

23.23 Não há um percurso rápido para essa purgação, pois trata-se da

mais individual das realizações. Assim como aprendeste tuas crenças, deves desaprendê-las. À medida que inicias o processo de desaprender, talvez te sintas testado. Não estás sendo testado, mas a ti estão sendo dadas oportunidades para desaprender. Aprender que uma crença mantida anteriormente já não é válida é a única maneira de purgar essa crença verdadeiramente.

- 23.24 Essas oportunidades de aprendizado pedem por um período de engajamento com a vida. Muitos haveis começado a experimentar oportunidades de desaprendizado, ainda que o estudo deste Curso tenha vos levado a olhar para dentro e tentado desengajar-vos da vida. No entanto, não se pode evitar um período de engajamento com a vida, e tuas tentativas de fazê-lo apenas causarão um aumento dos sentimentos gerados por experiências de dualidade. Enquanto mantiveres crenças conflitantes dentro de ti, estarás em conflito e serás afetado pela polaridade. O desaprendizado te permite purgar velhas crenças, de modo que tenhas apenas um conjunto de crenças operando dentro de ti. Esse é o único caminho para a certeza que buscas, e leva à verdadeira convicção. A convicção verdadeira não pode ser alcançada sem essa experiência de desaprendizado e purgação.
- 23.25 Toda oportunidade de desaprendizado é uma oportunidade de estar pronto para os milagres. Não há nenhum truque para identificar as oportunidades de desaprendizado. A partir desse momento, te asseguro, assim serão todas as tuas experiências, até que o desaprendizado não seja necessário. Se te lembrares de que o único exercício para a tua mente é o exercício de dedicar todo pensamento à união, manterás tua mente engajada e menos resistente ao desaprendizado. Quando sentires resistência, – e, naturalmente, tua mente resistirá a desaprender aquilo que lutou para aprender – volta a dedicar-te à união. Reconhece a resistência de tua mente como um sinal de que o desaprendizado está acontecendo. Reconhece-a, mas não te deixes levar por ela.
- 23.26 O que acontecerá quando olhares para qualquer situação como um desafio às tuas crenças? Se não te lembrares de que estás realizando um processo de desaprendizado que te levará à convicção que buscas há tanto tempo, de fato, te sentirás testado e tentarás assumir o controle da situação de aprendizado. No entanto, não assumir o controle é a chave para o desaprendizado. Aquilo que defines como *estar no controle* é simplesmente uma outra maneira de dizer “*agir de acordo*”

com velhas crenças". Enquanto tentares manter-te no controle, velhas crenças não serão purgadas.

- 23.27 A tentativa de exercer controle sobre situações de aprendizado reflete a crença de que não tens nada a aprender. Uma atitude de abertura é necessária tanto para desaprender como para aprender algo novo. O controle se opõe à abertura. A maestria vem por meio tanto do processo de desaprender como por meio do processo de aprender o novo. Essa é apenas uma outra maneira de dizer aquilo que foi dito em *Um Curso em Milagres*: desiste de ser teu próprio professor. O desejo de controlar é o desejo de continuar sendo teu próprio professor e/ou de escolher teus professores e tuas situações de aprendizado. Nenhuma dessas duas opções pode ocorrer se realmente escolhes mudar tuas crenças e mover-te para o novo ou para a verdade.
- 23.28 Visto de outro modo, esse processo tem muito em comum com o perdão. A ação associada a ele o eleva a um nível similar àquele da expiação. É um desfazer acompanhado de novos meios de fazer. No processo de desaprendizado, tanto o perdão como a expiação ocorrem. Tu reconheces que tuas falsas crenças eram o resultado de um aprendizado equivocado. À medida que o desaprendizado é substituído pelo aprendizado novo, o julgamento vai desaparecendo e tua inocência é estabelecida. Pode uma criança ser considerada culpada se ainda não aprendeu aquilo que é necessário para a ação correta?
- 23.29 Poderias perguntar: como aprendes aquilo que não conseguiste aprender antes? Quais são as lições? Qual é o currículo? Como sabrás que atingiste um objetivo de aprendizado? E, ainda, como podes tornar-te um mestre naquilo que outro ensinaria, de lições que outro escolheria? Tua vida deve se tornar tua professora, e tu seu devotado aluno. Aqui está um currículo desenhado especificamente para ti, um currículo que só tu podes dominar. Somente tuas próprias experiências de vida te levaram ao aprendizado que acumulaste e traduziste em crenças. Somente tuas próprias experiências de vida reverterão o processo.

CAPÍTULO 24

O tempo da ternura

- 24.1 Onde aprendeste a odiar, aprenderás a amar. Onde aprendeste a temer, aprenderás a segurança. Onde aprendeste a desconfiar, aprenderás a confiança. E cada experiência de aprendizado será uma experiência de aprendizado *porque* tocará teu coração. Pode ser tão simples quanto o sorriso de uma criança, que derrete todo o ressentimento que mantinhas guardado desde tua infância, *porque* permites que aquele sorriso toque teu coração. Pode ser um tempo de pranto fácil, que definirias como emotividade. Talvez te sintas como se tudo te fizesse querer chorar, pois tudo te emocionará, cada lição despertará tua ternura. Desaprender não implica aspereza alguma. Se simplesmente permitires que venha, te premiará constantemente com aquilo que poderia muito bem ser descrito como ternura.
- 24.2 O tempo de resistir à ternura chegou ao fim. O tempo de resistir às lágrimas do cansaço chegou ao fim. Este é o tempo do abraço.
- 24.3 Esses sentimentos de ternura podem ser vistos como um sinal. Deixa que te alertem que o desaprendizado está acontecendo. Dá-lhes boas-vindas como portadores dessas boas novas. Tem a certeza de que o tempo da ternura é um caminho seguro de volta ao lar.
- 24.4 O tempo da ternura precede o tempo da paz e é o precursor da compaixão. O tempo da ternura, portanto, é a última base do aprendizado antes de chegar à meta final. O aprendizado que ocorre no tempo da ternura é um aprendizado do amor. Nenhuma lição aprendida sem amor toca teu coração. Nenhuma lição que não toque teu coração realizará coisa alguma. O propósito das lições finais é tanto do desaprendizado como mover-se através do desaprendizado ao aprendizado do novo. Essas lições devem ser realizadas na vida e requerem engajamento com a vida. Esse engajamento é uma promessa, um compromisso. Requer participação, envolvimento, atenção, presença. Essas são as lições com que vamos concluir.